Grammática Histórica

DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

(VI e VII Classes dos Cursos dos Lyceus)

POR

ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCÉLLOZ

Doutor em theologia e lente cathedrático
na Universidade de Coimbra

AILLAUD, ALVES & C.ia
PARIS
96, boulevard Montparnasse, 96
(LIVRARIA AILLAUD)
LISBOA
73, rua Garrett, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

FRANCISCO ALVES & C.ia
RIO DE JANEIRO
166, rua do Ouvidor, 166
S. PAULO
129, Rua Libero Badaró, 129
BELLO HORIZONTE
1055, rua da Bahia, 1055

GRAMMÁTICA HISTÓRICA

DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Todos os exemplares desta edição têem a rubrica manuscripta do auctor.

Grammática Histórica

DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

(VI e VII Classes do Curso dos Lyceus)

POR

ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCÉLLOZ

Doutor em theologia e lente cathedrático
na Universidade de Coímbra.

AILLAUD, ALVES & C^ia^

PARIS
96, Boulevard Montparnasse, 96
(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA
73, Rua Garrett, 75
(LIVRARIA BERTRAND)

FRANCISCO ALVES & C^ia^

RIO DE JANEIRO
166, Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO
65, Rua de S. Bento, 65

BELLO HORIZONTE
1055, Rua da Bahia, 1055

PRÓLOGO

Este livrinho, que acabamos de escrever, não passa de uma simples tentativa ou ensaio de grammática histórica da língua portuguêsa.

O assumpto acha-se aínda quási por estudar entre nós; os trabalhos que temos sam poucos, muito restrictos, não passando, em geral, de notas avulsas, apontamentos desconnexos, materiais estes que se vam juntando para serem no futuro devidamente aproveitados. Estamos aínda longe da épocha, em que possam fazer-se sýntheses completas dos estudos históricos da nossa língua.

Enquanto na França se tẽem publicado muitas grammáticas históricas da língua francêsa, mais ou menos desenvolvidas, taís como as de Ayer, Darmesteter, Brunót, Delon, Clédat, Burguy, Brachet, Nyrop e tantas outras, nós infelizmente nada temos aínda neste género.

Quem desejar conhecer os materiais grammàtico-históricos da língua portuguêsa, que se tẽem elaborado, ha de procurá-los nas duas grammáticas históricas das línguas románicas de Fr. Diez e de Meyer-Lübke, na *Encyclopädie und Methodologie der romanischen Philologie* de Körting, no *Grundriss der romanischen Philologie* de Gröbber, em várias revistas e collecções, como a *Romania*, a *Revue des langues romanes*, a *Revista lusitana*, o *Romanische Studien* de Böhmer, e em diccio-

nários, à frente dos quais se deve collocar o *Glossarium mediae et infimae latinitatis* de Du Cange, o *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* de Diez, e o *Lateinisch-romanisches Wörterbuch* de Körting.

Dos poucos que em Portugal têem trabalhado mais activamente nesta ordem de estudos, prestando serviços relevantissimos, mencionarei os nomes dos beneméritos Aniceto dos Réis Gonçalves Vianna, António José Gonçálvez Guimarãis, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Francisco Adolpho Coêlho, Guilherme de Vasconcellos-Abreu, José Leite de Vasconcellos, e Júlio Moreira.

No presente livrinho procurámos reünir e synthetizar os materiais dispersos, juntando-lhes o que de nossa lavra e observação pessoal temos apurado. Omittimos em geral citações de fontes, por destoar da índole do livro tal apparato de erudição.

Sincero é o nosso esfôrço, meritório, sem dúvida, o nosso desejo e bôa-vontade.

Ai apresentamos o livro, tal como pudemos redigi-lo no escasso tempo que diàriamente nos sobra das nossas occupações profissionais. Abundante em defeitos e lacunas deve elle ter saído; em futuras edições, se as vier a ter, iremos corrigindo o nosso modesto escripto, que tem, pelo menos, o mérito de ser o primeiro que no seu género sai a lume em Portugal. Os censores que sevèramente o julgarem não deixarám de apresentar trabalho mais perfeito, e assim prestarám um importante serviço à língua e ao país.

Agradecemos quaisquer observações, reparos ou emendas razoaveis, que nos sejam indicadas. Obediente à linha de conducta, que para nosso próprio uso ha muito traçámos, não nos envolveremos em polémicas que se apresentem fóra do campo scientífico, nem terçaremos armas com quem se mostre incompetente para tratar estes assumptos.

Coimbra, 30 de junho de 1900.

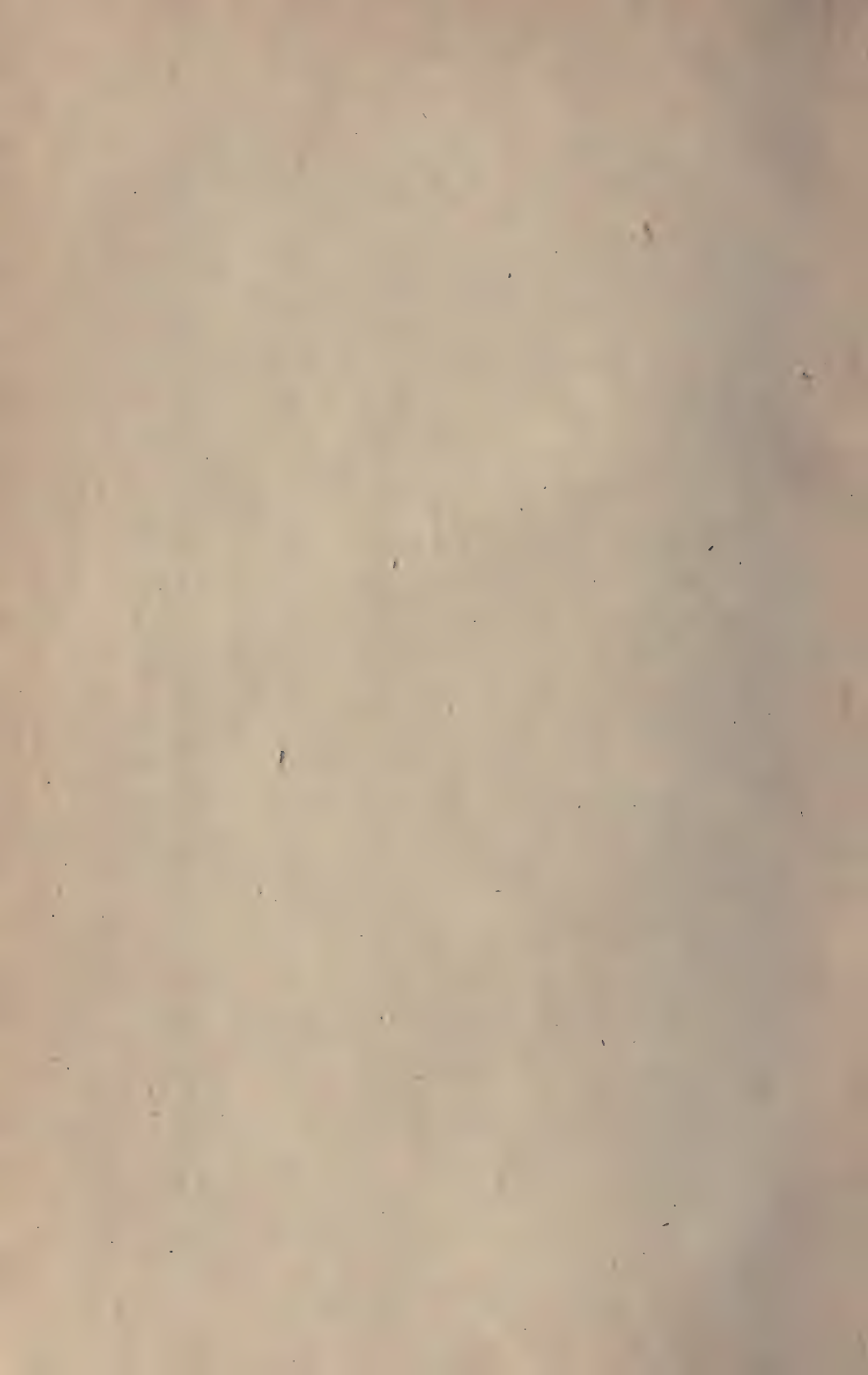
Programma

Língua portuguêsa

VI Classe — VI Anno

Grammática e lexiologia históricas. Distincção das palavras populares e eruditas nos textos lidos. Princípios mais importantes da phonética histórica, fixados em exemplos týpicos. Persisténcia do logar do accento latino. Comparação succinta das fórmas nominais e verbais do latim e português. Alteração phonética e analogia. A associação das imagens mentais na linguagem. A etymologia popular. (Correlação com a psychologia).

VII Classe — VII Anno

Grammática e lexiologia históricas. O português, o latım, e as outras línguas románicas na família indo-europeia (notícia muito succinta). Variações do léxico português; principais fontes deste léxico; exemplos týpicos tirados de textos lidos. Variações morphológicas e syntácticas do português, verificadas nos textos.

INTRODUCCÃO

A). — Origens e história da língua portuguêsa

I. — Origens

Arias. Sua lingua e emigrações. — Em épocha muito anterior ao alvorecer da história existia em região ignorada da Ásia ou da Europa um povo, conhecido hoje pela denominação de *povo ariano* ou *povo dos árias*. Dotados de excellentes qualidades de raça, valentes, destemidos, emprehendedores, muito intelligentes, os árias eram de uma admiravel doçura de costumes, de viva imaginação, predestinados por tantos dotes a desempenhar brilhante papel no seio da humanidade. Este povo engrandeceu-se, robusteceu-se, e, a avaliar pela sua linguagem, chegou a attingir um grau de civilização notavel, enquanto se encontrava aínda unido. 1

Fallava todo elle uma só língua, homogénea, riquíssima de termos e de fórmas flexionais, apta a exprimir idéas sublimes e imagens vivíssimas. A língua dos primitivos árias não é conhecida directamente, mas é-o, nos seus principais lineamentos, pelo exame e confrontação das numerosas línguas que della se origináram; denominá-la hemos língua árica.

Houve depois successivas emigrações, realizadas no decorrer de muitos séculos, e devidas a quaisquer causas, talvêz ao augmento constante e rápido da população. Turbas arianas percorrêram a Europa, e assenhoreáram-se de quási toda esta parte do mundo; na Ásia a Arménia, a maior parte do território que hoje constitue a Pérsia, o Afganistan, o Beluchistan, as bacias do Indo e do Ganges com os seus affluentes, e aínda mais tarde vastas regiões do Decan, a ilha de Ceilão e uma pequena parte da Indo-China, fôram invadidas pelos árias; a passagem das tribus emigrantes de uma para outra parte do mundo antigo fez-se pela Ásia menor, onde deixáram largo rasto em numerosas colónias que alli se fixáram. 2

Formação das linguas arianas. Classificação das mesmas. — Os territórios invadidos pelos árias não eram deshabitados; por lá vivíam numerosas populações, umas selvagens outras quási selvagens, com as quais tiveram de se bater, vencendo-as, submettendo-as, impondo-lhes a sua língua, e acabando por se misturar inteiramente com ellas e por as absorver. Assim se arianizáram através dos séculos as vastíssimas regiões acima indicadas. 3

Deste embate e desta absorpção pelos árias de povos extremamente diversos resultáram novos povos, que continuáram fallando a língua árica, modificada diversamente e adaptada ás novas condições sociais dos que a fallavam. Por esta fórma se differenciou a antiga língua árica em tantos dialectos ou línguas, quantos os grupos éthnicos distinctos, que resultáram d'aquellas fusões.

A differenciação dialectal já devia ter começado a fazer-se sentir, quando se realizou a primeira e mais antiga emigração. Os dialectos arianos, transformados agora em outras tantas línguas, falladas por povos muito differentes, sem relações de convívio nem 4

communicações, lá deviam ir marchando em liberdade, evolucionando-se conforme o exigiam as leis naturais que presidem à linguagem. Nesta evolução as línguas arianas íam-se modificando constantemente, seguindo no seu movimento linhas divergentes, que mais e mais as afastavam umas das outras, a ponto de algumas chegarem a parecer línguas inteiramente estranhas; entretanto nunca perderam o fundo commum, a feição de família, o laço de parentesco que as liga, e que a hodierna linguística reconhece e evidencía.

5

O mesmo processo de differenciação veiu a dar-se em seguida no seio de cada uma destas línguas, das quais se origináram novos dialectos, que pelo correr dos séculos se tornáram também em línguas differentes. Todas ellas constituem a família linguística denominada ariana, indo-europeia ou indo-germánica.

Quando começam os tempos históricos, os povos pertencentes á família ariana, dispersos, como vimos, pela Europa e Ásia, achavam-se em estados de civilização os mais differentes, alguns decaídos em barbárie não muito distante do estado selvagem. As differenças entre as suas línguas estavam na razão directa das differenças entre os seus estados sociais.

Esta família linguística, tal como tem sido determinada pelos modernos trabalhos scientíficos, comprehende oito grupos principais, subdivididos em línguas e dialectos. Sam o *indo-iránico*, o *arménico*, o *hellénico* abrangendo os diversos dialectos gregos, o *itálico*, o *céltico*, o *germánico*, o *balto-slavo*, e o *albanês*.

Entre todos o que mais directamente nos interessa é o itálico. As línguas deste grupo eram fundamentalmente três, o *osco*, o *úmbrio* e o *latim*, acompanhadas de alguns dialectos. Eram falladas pelos povos *italiotas*, que habitavam a região central da Itália.

O latim antigo. — O latim, como o próprio nome indica, era a língua fallada pelo povo que habitava o pequeno território denominado *Latium*, a sueste do baixo Tibre (*Latinus sermo*=a língua do Lácio). Tinha por capital a cidade de Alba. 6

Roma principiou por ser uma simples colónia de Alba, mas em breve adquiriu verdadeira supremacia sobre todo o Lácio, e collocou-se à frente de uma confederação de cêrca de trinta cidades. Tal foi o insignificante núcleo desse grande pôvo, conhecido na história pelo nome de *povo romano*, que, dotado de extraordinárias qualidades, veiu a dominar o mundo.

No anno 270 antes de Christo tinha realizado a conquista de toda a Itália peninsular, por onde se diffundíra a antiga língua do Lácio, com prejuízo das línguas ou dialectos particulares, que pouco a pouco se fôram extinguindo.

Mal se pode ajuïzar do que sería o antigo latim, porque raríssimos e insignificantes sam os monumentos que delle nos restam. Irmão das outras línguas arianas, o latim lá foi seguindo livremente, através dos séculos, a sua evolução natural, à medida que o povo que o fallava ia pouco a pouco avançando na senda da civilização.

E profundas deviam ter sido as modificações que soffrêra nesses tempos obscuros, até se generalizar por toda a Itália e entrar na phase litterária. As condições sociais do povo que fallava esta língua passáram por muitas transformações na sua marcha evolutiva, e está assente o princípio de que uma língua tanto mais se altera, quanto mais se modificam as condições sociais do povo que a falla. Só a cultura litterária pode imprimir um grau de estabilidade maior ou menor às línguas, contrariando a tendéncia natural, que em todas existe, para se modificarem, quando deixadas em liberdade. Fixá-las não é possivel, enquanto

ellas fôrem falladas, enquanto pertencerem ao número das línguas vivas. Na linguagem, como em todo e qualquer organismo, a vida manifesta-se essencialmente pelo movimento; só a morte as pode fixar.

As modificações linguísticas fazem-se sentir em todo o organismo de cada língua: — na *phonética* alteram-se os sons; na *morphologia* eliminam-se umas fórmas, introduzem-se outras, modificam-se quasi todas, etc.; na *syntaxe* substituem-se uns modos de construcção por outros, e até as próprias regras fundamentais sam alteradas. No vocabulário porém é que estas mudanças mais se fazem sentir, por serem mais numerosas, mais rápidas, e mais faceis de observar.

7 **O latim popular e o litterário.** — Foi sómente no III século antes de Christo que o latim entrou na phase litterária, apparecendo então os primeiros litteratos pròpriamente ditos. Até essa épocha o latim modificára-se seguindo a evolução natural; então principiou a soffrer a acção erudita e artificial da litteratura.

8 Os escriptores latinos, deslumbrados com as magnificências da litteratura grega, tomáram para modêlo e mestres os litteratos hellénicos, e imitáram-nos, e traduzíram-nos com escrupulosa fidelidade. Confrontando a riqueza, elegáncia e cadenciada euphonia da língua grega com as asperezas e deficiências da latina que o povo então fallava, afigurou-se-lhes esta uma linguagem semi-bárbara; mas notando por outro lado os numerosíssimos pontos de semelhança que entre ellas havia, reconhecêram que se achavam ligadas por laços de parentesco, e suppuseram que o latim era derivado do grego, e que não passava de um filho degenerado; que era o próprio grego corrompido pela gente rude do Lácio.

Em virtude disto tentáram aperfeiçoar artificialmente a língua

latina, fazendo-a reverter a fórmas mais próximas das fórmas gregas.

9

A phonética, a morphologia, e mais especialmente a syntaxe hellenizáram-se nas mãos dos litteratos, e assim se formou uma língua latina litterária (*sermo urbanus*, *eruditus*, *perpolitus*), língua em grande parte artificial, usada especialmente pelos rhetóricos, poétas e prosadores, e aínda nos actos officiais, ao lado do latim popular (*sermo plebeius*, *vulgaris*, *usualis*, *cottidianus*, *inconditus*, *proletarius*), que continuou a ser fallado pelo povo romano.

O *sermo urbanus* influíu sem dúvida notavelmente sôbre o *sermo plebeius*, pela tendéncia natural da *gente rude* para imitar quanto possivel a linguagem das pessoas classificadas de *bem-fallantes;* mas apesar disso as duas fórmas de linguagem conserváram-se distinctas. Segundo o seu próprio testemunho, Cícero no tracto doméstico usava uma linguagem muito differente daquella em que discursava no foro, pois doutra sorte não sería comprehendido pelos seus. Fixou-se o latim litterário tanto quanto uma língua pode fixar-se enquanto viva; o latim popular, embora mais ou menos modificado pela acção daquelle, lá foi continuando na sua evolução natural, obscuramente, surdamente, differenciando-se em vários dialectos, à medida que as successivas conquistas iam dilatando a ária do domínio romano.

Com maior ou menor rapidez as províncias do império mais atrazadas em civilização romanizáram-se, e adoptáram a língua com a civilização do povo conquistador; não a língua dos rhetóricos e litteratos, mas a fallada pelo soldado legionário e pelo commerciante, isto é o *sermo plebeius*, que ficou sendo o idioma desses povos, modi-

ficado por diversas influências particulares e locais, especialmente pela da língua até essa épocha fallada em cada região, e que ainda por algum tempo continuou a fallar-se ao lado do latim.

Deste modo, enquanto as províncias do império, que tinham anteriormente adoptado a língua e civilização hellénicas e as outras civilizações orientais, continuam fallando idiomas estranhos ao latim, nas províncias romanizadas, que haviam adoptado o latim popular, fôram-se formando diversos dialectos desta língua, com tendências mais ou menos accentuadas para se afastarem uns dos outros, por differenciações cada vez mais profundas.

Mas o latim litterário continuava a ser fallado pelas pessôas eruditas, e era a língua official tanto em Roma como nas províncias, o que constituía um elemento conservador, que, actuando constantemente, contrariava e retardava o movimento natural de differenciação.

Esta acção conservadora foi reforçada, desde que as províncias do império se christianizáram, e a igreja romana adoptou como língua official nos actos religiosos em todo o occidente o latim litterário.

O latim popular, o baixo latim e o latim bárbaro. **10** — A queda do império romano occidental (476) foi acompanhada da destruïção da cultura litterária latina, e trouxe como consequência o ser riscado o latim clássico do número das línguas falladas, passando a ser uma língua morta. D'aí em deante é o latim popular de cada região que é fallado exclusivamente, e vive, e se vai modificando consoante as variadas influências do meio, e segundo as leis que a natureza estabeleceu.

A igreja continuou, é verdade, usando o latim clássico nos seus actos officiais: mas em breve esta língua era ge-

ralmente desconhecida, a ponto de a igreja ter de preceituar que ao menos os presbyteros e diáconos a soubessem ler.

Ao lado do latim popular existiu porém, depois da queda do latim litterário, uma outra linguagem, que não pode nem deve confundir-se com um nem com outro; referimonos ao *baixo latim*, que nunca foi língua viva, mas que é a última degeneração do latim litterário. Restam numerosas composições medievais escriptas nesta linguagem.

Muita gente confunde o baixo latim com o *latim barbaro*, em que se encontram geralmente redigidas as escripturas e os documentos durante a edade média, especialmente desde o século IX em deante; tambem sam inteiramente differentes entre si.

O primeiro tem uns resaibos do latim clássico, de que era imitação mais ou menos feliz, accúsa uma relativa illustração, e serviu aínda de instrumento à litteratura decaída dos tempos medievais; o segundo é principalmente uma linguagem artificial de uso tabelliónico, um complexo de fórmulas de notário que passavam de geração em geração, e que os escrivães e outros officiais públicos, ao lavrarem os instrumentos, reproduziam, muitas vezes inconscientemente, e inconscientemente as alteravam e desfiguravam por ignorância da sua significação.

As línguas románicas ou nòvi-latinas. — As influéncias diversas e particulares, a que o latim popular esteve sujeito em cada região do império, deram origem, como vimos, a differentes dialectos. Esses dialectos não podem em rigor dizer-se *filhos* do latim popular; devem antes considerar-se como sendo o próprio latim popular, que continúa vivendo nelles, que nelles se continúa desenvolvendo e expandindo.

12 Não ha realmente solução de continuïdade entre a vida do latim e a vida desses dialectos; não ha na sua história um momento em que se possa fixar o começo da vida de cada um dos segundos, o termo da vida do primeiro. Ha constantes modificações, movimento contínuo característico da vida, desenvolvimento, evolução, mas não ha extincção ou morte do latim popular, origem ou nascimento de uma língua gerada por elle. O latim litterário deixou de pertencer ao numero das línguas vivas, morreu, mas o latim popular não morreu; continuou vivendo, modificando-se, scindindo-se em dialectos, e aínda hoje vive modificado nesses dialectos que o continuam. Cada um destes é realmente uma continuação, um desenvolvimento do latim popular, desenvolvimento realizado em certa região, onde, em virtude de condições especiais a que esta língua se achou submettida, tomou uma feição própria e característica.

13 Estes dialectos, que, em razão de se terem afastado consideravelmente uns dos outros, sam considerados como verdadeiras línguas autónomas, têem o nome de *línguas románicas* ou *nòvi-latinas*.

14 **Classificação das línguas románicas.** — Os principais typos linguísticos que constituem a família románica ou nòvi-latina sam, segundo Mayer-Lübke, os seguintes: — *rumeno*, *rhético*, *italiano*, *antigo provençal*, *francês*, *espanhol* e *português*. Cada uma das línguas románicas não é mais do que um dialecto, se a considerarmos em relação à língua commum donde todas proviéram — o latim popular. Em volta de cada um destes dialectos ha vários codialectos, todos provenientes de um mesmo typo anterior, de uma língua mais próxima do latim popular, onde tiveram a sua origem, e que serviu de fórma de transição do latim para esse grupo de codialectos.

Não ha dialecto que se não tenha differenciado em vários

subdialectos, continuando a marcha evolutiva, segundo a lei natural de constante movimento a que nos temos referido, e à qual não escapa nenhuma língua viva.

II. — O português

Línguas antigas da Lusitánia. — Conquista e romanização da península hispánica. — Entre as línguas románicas figura pois a nossa portuguêsa com os seus codialectos. Resulta da evolução do latim popular fallado na Lusitánia depois da conquista da península hispánica, que se realizou no II século antes de Christo.

15

Os limites da Lusitánia no tempo dos romanos variáram muito de épocha para épocha. Aqui designamos convencionalmente por este nome toda a facha occidental da península onde hoje se falla o português com os seus codialectos.

Esta região tinha sido habitada por povos muito diversos, com os quais vieram misturar-se em épochas successivas outros povos, que invadìram a Espanha, tais como, os phenícios, celtas, gregos e carthaginêses.

De todos os invasores fôram os celtas os que mais largamente se diffundíram pela península, e em especial por toda a Lusitánia, ligando-se e confundindo-se com os povos que anteriormente aqui residiam, e communicando-lhes, com a sua civilização, a sua língua. Ha disto provas positivas.

Os dialectos célticos pertenciam, como vimos, à família ariana; eram portanto parentes do latim.

A conquista da Espanha pelos soldados de Roma foi emprêsa bem mais difficil e custosa do que o foi a sua romanização. Para esta concorreu principalmente Sertório. 16

Não tardou muito tempo sem que fôsse bem conhecida a língua latina, e largamente cultivada a respectiva litteratura, por gente espanhola.

A *Hispania* deu a Roma litteratos distinctíssimos e celebres. Os dois Sénecas, pai e filho, e bem assim o poéta Lucano, eram naturais de Córdova; o poéta satýrico Marcial nasceu em Bílbilis; também eram oriundos desta península o escriptor agricola Columella, o rhetórico Pórcio Latro e o historiador Paulo Orósio. Nem faltáram à *Hispania* christã poétas notaveis, que honráram a litteratura latina na sua decadéncia : mencionaremos no século IV o papa S. Dámaso, lusitano, e Aurélio Prudéncio Clemente, çaragoçano. 17

Chegou a épocha em que o latim foi a língua fallada em toda a Espanha, com excepção de uma pequena região ao norte, e os dialectos célticos acabáram por se extinguir; não desapparecêram contudo sem deixarem muitas palavras no vocabulário latino de então, palavras que se conserváram, e algumas das quais nos apparecem mais tarde nas línguas románicas aqui falladas. 18

Especialmente entre os nomes locais temos em português numerosos, que se apontam como sendo de origem céltica, tais como *Coímbra* (Conimbriga), *Vouga* (Vacua), *Douro* (Durius), *Minho* Minius), etc.

Fóra do vocabulário, poucos vestígios de influéncia céltica podem descobrir-se na língua románica que veiu a fallar-se nesta região, e que deu origem ao português e aos seus codialectos 19

Invasão dos bárbaros. — Depois vem a desmembração do império occidental, invadido pelas hordas dos bárbaros. Os alanos, suevos e vándalos passam a grande barreira dos Pyreneus no princípio do século V, e espalham-se impetuosamente, qual dilúvio devastador, pela península hispánica. **20**

Aínda no mesmo século novas ondas passam a cordilheira pyrenaica. Os wisigodos, que tinham estabelecido um poderoso reino na Gállia, vêem em expedições successivas à Espanha bater os outros bárbaros, que os haviam precedido.

Tanto os suevos como os vándalos pertenciam ao grande ramo germánico da família ariana, do qual também faziam parte os wisigodos.

Os alanos fôram destruídos, e os vándalos forçados a passar para a África; os suevos continuáram por bastante tempo occupando o noroeste da península, em que se comprehendia a Galliza e parte do território que hoje é Portugal; em todo o resto da península funda-se então o reino wisigóthico da Espanha, o qual teve grande esplendor, e durou até à conquista arabe no século VIII. Ambos estes povos fallavam dialectos germánicos, parentes portanto do latim.

Apesar de conquistadores, elles acceitáram a língua dos povos conquistados, vindo com o decorrer do tempo a abandonar completamente a sua; é assim que geralmente acontece, quando o povo conquistado tem um grau de civilização mais adeantado do que o povo conquistador. **21**

Continuou portanto na Espanha a fallar-se o latim popular, que agora soffreu a acção de novos elementos de origem germánica nelle introduzidos.

Sirvam de exemplo as palavras *brandire* (← *brand*, espada), *anca* (←*hanka*), *blancus* (←*blanch*), e vários nomes próprios como *Henricus* (←*Haimrik*), *Bernardus* (←*Berinhard*), *Richardus* (← *Rikhard*). A acção germánica fez-se sentir também na phonética e na morphologia, como a seu tempo veremos.

22 Durante o domínio godo a vída religiosa tomou largo desenvolvimento, e a acção do Christianismo influiu profundamente em todas as manifestações da actividade humana. O vocabulário popular é nesta épocha enriquecido com termos, quasi todos de origem grega, introduzidos pela igreja, os quais até então eram apenas usados pelos eruditos. Desde que entram na linguagem commum, elles soffrem as modificações phonéticas determinadas pela índole da língua.

Sirvam de exemplo *diabolus*, que veiu a dar no português *diabo* e *dialho* (pop.), *ecclesia* → *eigreja* → *igreja*, *episcopus* → *ebispo* → *bispo*, *monachus* → *monje*.

23 **Dominio árabe.** — Segue-se a conquista árabe no século VIII, e o longo domínio dos sectários de Mafoma. Os árabes eram portadores duma civilização muito adeantada; entretanto o influxo da sua língua nos dialectos fallados na península não foi tam grande, como era de suppôr. Nem os conquistadores nem os conquistados abandonáram os idiomas que anteriormente fallavam, e o longo convívio de séculos não fez misturar as línguas entre si, conservando-se autónomas quanto à sua estructura grammatical.

24 De índole muito diversa eram estas línguas, e profundamente heterogéneas; a língua da família semita, que os arabes fallavam, não se ligava, não se combinava com os dialectos arianos usados pelos povos hispánicos. Permanecem portanto na sua estructura grammatical distinctos, inconfusos, autónomos. Entretanto os

dialectos actuais da península, nomeadamente o português, accusam no seu vocabulário numerosos vestígios do longo convívio que tiveram com a língua árabe.

Temos alguns centos de palavras semitas, que os mouros cá deixáram, na sua máxima parte agglutinadas ao artigo arabe *al*, que as precedia. Ex. : *al-godão*, *alqueire*, *al-deia*, *al-finete*, *al-catifa*, *al-mude*, *al-feres*.

Lingua románica da facha occidental da Espanha. 25 — Foi durante o longo período do domínio godo e árabe, que o latim popular fallado no occidente da Espanha se modificou a ponto de nos apparecer transformado numa língua distincta e autónoma. Não fôram os enxertos de palavras exóticas feitos no seu vocabulário o que principalmente concorreu para isso; a estructura grammatical da língua, a sua syntaxe, e especialmente a sua phonética e morphologia modificáram-se profundamente através dos séculos. Estas modificações realizáram-se na obscuridade, surdamente, na vida espontánea e livre da língua, no uso que della fazia inconscientemente o povo, longe de quaisquer pretenções litterárias.

Nunca foi essa linguagem reduzida a escripta, o raras allusões 26 a ella podemos encontrar. Era desprezada por todos os que se tinham na conta de illustrados; embora della se servissem no tracto quotidiano, não a reputavam digna das honras da escripta. Hoje conhecêmo-la quasi exclusivamente por inducção : confrontando o português e os seus codialectos com o latim, e analysando documentos que nos restam, escriptos nesta região em latim bárbaro, desde o século IX até ao século XII.

Fazendo estudo scientífico desses documentos, chegam a surprehender-se através das fórmas alatinadas muitos e valiosos elementos da língua então fallada em todo o occidente da peninsula. À medida que se vai aproximando o século XII, também

se vai tornando cada vez mais transparente a língua popular, através do latim bárbaro dos notários e officiais públicos.

27 Era na esséncia uniforme essa língua románica, fallada desde a Galliza até ao Algarve. Se nella já havia, como devia haver, alguns princípios de differenciação dialectal, sam inapreciaveis em face dos tam escassos elementos que possuímos.

28 **O português e os seus codialectos.** — Vêem as luctas épicas dos christãos contra os mouros, e a fundação da monarchia portuguêsa.

O português em breve entra numa phase litterária, em que se adeanta ràpidamente. A Galliza, separada polìticamente de Portugal, também se foi separando na língua, accentuando-se progressivamente as differenças dialectais, que porventura já anteriormente houvesse; nas terras de Miranda, Guadamil e Rionôr, segregadas do convívio do resto de Portugal, vivendo lá ao canto de Tras-os-Montes vida isolada e em condições de existéncia muito particulares, também se fôram apartando os codialectos que aínda hoje lá existem.

Os mais antigos documentos em português que se conhecem, datam do último quartel do século XII. É então que principia a vida litterária da nossa língua, ao lado da sua vida popular, que vinha de tempos anteriores.

29 **Primeiro período da língua litterária portuguêsa.** — A língua litterária portuguêsa acha-se naturalmente dividida em dois períodos : o do *português archaico* e o do *português moderno*. Vem o primeiro desde o século XII até ao XVI; o segundo decorre desde o século XVI até ao presente.

Conservou-se o português litterário archaico em estado 30
de infáncia até D. Affonso III no século XIII; então robustece-se, e manifesta-se opulento, regular e bello nas composições litterárias dos cancioneiros, nos reinados de D. Affonso III, D. Dinís e D. Affonso IV (séculos XIII e XIV).

Posto que se tenha exagerado a influéncia que teve o francês na nossa língua, quando se constituía a nação portuguêsa, é contudo certo que encontramos nos velhos documentos algumas palavras francêsas, tais como *chapeu*, *charrúa*, etc., introduzidas talvez por essa occasião; o conde D. Henrique era, como se sabe, francês.

No seculo XIII exerceu grande acção no português a litteratura provençal, e algumas palavras vindas da Provença fôram enxertadas no nosso vocabulário. As composições poéticas dos cancioneiros mostram-nos a influéncia profunda dos trovadores provençais no movimento litterário do nosso país naquella épocha.

As traducções, que desde tempos muito antigos se fizeram do latim, introduzìram muitos latinismos no português. Foi isto devido já à necessidade, por não haver no antigo português popular palavra que exprimisse a mesma idéa do latim; já por commodidade do traductor, que mais facilmente se desempenhava da sua tarefa aportuguesando o próprio latim, do que procurando fórmas genuìnamente portuguêsas, que traduzissem o pensamento das latinas; já finalmente por ostentação erudita.

Desde todo o começo que a língua espanhola tem exercido influxo na portuguêsa, o que não é para estranhar, attentas as grandes affinidades que as unem, e a vizinhança dos povos quo as fallam. Esta influéncia chegou ao máximo de intensidade desde o século XV em deante, pela voga littérária do espanhol entre nós.

31 Antes de passarmos ao segundo período devemos dizer, para arredar falsos preconceitos, que a língua portuguêsa archaica não é bárbara, irregular, inintelligivel, rude, como por aí se tem dito. Os que lêem e estudam convenientemente o português archaico todos reconhecem que é, como não podia deixar de ser, uma lingua regular, que exprimia com inteira nitidez as idéas da épocha, e que era um instrumento perfeito do estado social de então. Acham-no inintelligivel apenas os que o não conhecem. Causa-nos, é verdade, estranheza, por conter fórmas bastante differentes das actuais, a que estamos habituados; mas semelhante impressão causaria a nossa língua actual a D. Dinís, D. Duarte, Fernão López, ou a qualquer outro português antigo, se porventura a ouvisse fallar.

32 **Segundo período da língua litterária portuguêsa.** — A acção dos clássicos e eruditos dos séculos XVI e XVII influiu poderosamente na língua portuguêsa, modificando-a em grau extraordinário, e estabelecendo grande barreira entre o português archaico e o moderno. Esta acção foi semelhante à que sobre a língua latina exercêram os litteratos dos últimos séculos antes de Christo, produzindo o latim litterário.

33 Partindo da falsa supposição de que a língua portuguêsa não passava de uma degeneração ou corrupção do latim litterário, os nossos humanistas e puristas assentáram, que tanto mais perfeito seria o português, quanto mais se aproximasse das fórmas latinas. Por isso introduzíram de novo palavras latinas, que não tinham aínda entrado no nosso vocabulário, muitas das quais em breve caíram em desuso, ex.: *acúleo*, *derelicto*, *ínvio*, *próno*, *tríbulo*, *tentório*, etc.; outras, que já cá existiam modificadas e alteradas naturalmente, em conformidade com as leis phonéticas do português, fizeram-nas reverter á fórma latina, ou a uma fórma próxima da latina, ex.: de *ábrego* fizeram *áfrico* (l. *africum*), de *zêo* fizeram *zêlo* (l. *zelum*), de *iffante* *infante* (l. *infan-*

tem), de *meor menor* (l. *minorem*), de *febra* ou *fevra fibra* (l. *fibram*), de *teia tela* (l. *telam*), etc.; outras finalmente fôram torturadas na graphia com que as representáram, introduzindo-lhes letras que se encontram nas fórmas latinas, mas que sam descabidas nas portuguêsas, e até algumas vezes chegáram a modificar a sua pronúncia, harmonizando-a com a graphia extravagante que lhes deram, ex.: *epse* por *esse*. *escrepver* por *escrever*, *eleicção* por *eleição*, *licção* por *lição*, *extar* por *estar*, *constantia* por *constancia*, *regno* em vez de *reino*, etc.

34 O que também concorreu bastante para a fixação e estabilidade relativas da língua litterária portuguêsa, foi a publicação feita no seculo XVI das primeiras grammáticas, devidas a Fernão de Oliveira e João de Barros.

Nos séculos XVI e XVII foi enorme a influência do espanhol no português, pela voga litterária que entre nós teve aquella língua; basta lembrar que muitos dos nossos escriptores dessa épocha escrevêram em espanhol grande parte das suas composições.

35 Tinham começado no século XV e continuáram no XVI as nossas descobertas no oriente e occidente. As relações que d'aí tivemos com povos tam diversos, em tam differentes estados de civilização, e o conhecimento que por lá adquirimos de cousas que nos eram completamente desconhecidas, augmentáram o nosso diccionário com muitas palavras exóticas, tais como *pampa*, *condôr*, *furacão*, *banza*, *cacimba*, *mandinga*, etc. Por outro lado essas descobertas leváram a língua portuguêsa a plagas longínquas, alargando-lhe extraordinàriamente o âmbito por terras da África, Ásia, América e Oceania.

Em tempos recentes introduzem-se no vocabulário algumas palavras e construcções de várias línguas cultas: do italiano especialmente por via do theatro e bellas artes,

ex. : *bravo*, *pastel* (pintura), *contracto*, *faiença*, etc.; do francês particularmente pela litteratura, tendo a introducção de algumas um pronunciado resaibo pedantesco, tresandando a ignorância, ex., *affazeres* (*affaires*) confeccionar (*confectionner*), *fazenda em azul*, *estátua em pedra*, *peço-lhe de fazer*, etc.; do inglês especialmente pelo commercio e indústria, ex.: *bill*, *cheque*, *club*, *tunnel*, *rosbife*, *pudim*, *drainagem*, etc.; do grego, especialmente pela evolução das sciências, ex., *anthrôpopitheco*, *aphasia*, *proboscídio*, *mesologia*, *philologia*, *neurasthenia*, etc.

Dialectos do português. — Apesar da acção intensa exercida no nosso país pela linguagem litterária sôbre a linguagem popular, devido isto a várias condições mesológicas, e particularmente à pequenêz do território e à facilidade relativa de communicações, o português popular tem continuado a viver, especialmente fóra dos grandes centros, e ainda hoje vive em diversos dialectos. 36

Mas nas ilhas e nas terras d'àlém mar onde se falla o português, é que a linguagem popular se encontra differenciada em dialectos muito diversos, devido às condições especiais em que lá se acha, por um lado desembaraçada de muitas das influências que têem modificado a língua em Portugal, por outro sujeita à acção de novas e variadíssimas causas modificadoras, que não existem cá.

Eis a tabella dos codialectos e dialectos hoje existentes (1), derivados da língua románica fallada na facha occidental da península, antes da fundação da monarchia portuguêsa :

(1) Segundo J. Leite de Vasconcellos, o philólogo português que mais se tem dedicado ao estudo dos nossos dialectos.

B). — Grammática histórica

A sciéncia da linguagem. — Entre as modernas **37** sciéncias de observação occupa um logar distincto a *linguístíca,* ou sciéncia da linguagem.

Applica esta sciéncia ao estudo das línguas processos de observação rigorosos, como os usados na phýsica, na chýmica, ou na história natural. Estuda cada língua minuciosamente, como a anatomia estuda um organismo; esta disseca os tecidos céllula por céllula, fibra por fibra; aquella decompõe a língua nos seus elementos, estudando phonema por phonema, palavra por palavra, phrase por phrase. Este rabalho é feito singularmente sôbre muitas línguas, as mais variadas, tanto antigas como modernas.

38 Realizado o trabalho de anályse, segue-se o de comparação e sýnthese, como se faz na anatomia comparada. A linguística aproxima os factos analysados nas diversas línguas, e aínda na mesma língua através dos diversos períodos da sua história, compara-os entre si, estabelece as analogias e differenças, classifica-os, e deste modo aggrupa as línguas em famílias, reconhece o grau de parentesco em que se acham umas com as outras, verifica as modificações gerais que se deram em cada família linguística e as especiais de cada língua no decorrer do tempo, e àssim chega a assentar e formular as leis da linguagem.

39 **Grammática histórica.** — O papel do grammático está subordinado ao do linguista. Uma bôa grammática precisa de dar noções exactas da língua, e para isso é necessário que se reporte às conclusões certas e seguras que a linguística assentou, e que faça dellas applicação.

As leis da linguagem estám descobertas e formuladas; a grammática expõe-nas, e faz o ensino da língua applicando-as.

Para o estudo um pouco desenvolvido de uma língua não deve hoje deixar de se empregar o méthodo histórico, pois é o mais scientífico.

40 **A grammática histórica** estuda e ensina as leis a que está sujeita a língua na sua evolução, acompanhando-a através das modificações por que tem passado, desde a origem até ao estado em que actualmente se encontra.

Divide-se naturalmente nas mesmas partes que constituem qualquer grammática, embora elementar : — **phonética, morphologia e syntaxe.**

Observação preliminar

É necessário não se perder nunca de vista que a phonética se occupa dos sons da língua, e não da fórma gráphica por que estes se costumam representar. Esta distincção é fundamental, e a primeira difficuldade, que tem a vencer o que entra nos estudos phonéticos, está em se desembaraçar de toda e qualquer preoccupação sôbre a fórma gráphica, mais ou menos convencional, por que se costumam representar os phonemas.

Nós, não podendo aqui usar o systema de signais diacríticos de que os modernos phonèticistas se servem, adoptamos contudo, por indispensavel, a seguinte convénção, nas referéncias phonéticas que fizermos:

a) — A nasalidade de uma vogal é indicada pelo til, e não por uma letra (**ã, ẽ, ĩ, õ, ũ**, e não *am* ou *an*, *em* ou *en*, etc.).

b) — A letra **c** exprime o phonema explosivo guttural *k*, e não o fricativo apical *s*; para que se indique por ella este phonema, pôr-se-lhe ha sempre cedilha **ç**.

c) — Os phenemas *i* e *u*, quando consoantes (que alguns phonèticistas indicam pelas letras *y* e *w*, o *y* espanhol de *yo* e o *w* inglês de *woman*), serám aqui notados phonèticamente pelas mesmas letras indicativas das vogais correspondentes, acrescentando uma linha curva por baixo, assim i̯ u̯, como hoje está sendo adoptado por muitos phonèticistas.

d) — A notação de vogal breve e longa far-se ha com os signais geralmente usados, ex. **ă ā**.

e) — O som reverso do *s* beirão representar-se ha por **ṣ**.

LIVRO I

Phonética

CAPÍTULO I

Evolução dos phonemas

Predicados da evolução phonética. — A evolução phonética é um phenómeno **inconsciente**. Os phonemas de uma língua vam-se alterando através dos tempos, sem que para isso haja combinação ou determinação da vontade dos que fallam a língua, e sem que estes geralmente notem que tais alterações se dam. **1**

Para exemplificar apontamos a palavra latina *auricŭlam*, que por uma série de transformações phonéticas veiu a dar *orêlha*, sem que para isso houvesse determinação de ninguem. Seguindo processo egual e evolução semelhante transformáram-se também, entre muitas outras, as palavras seguintes: — *ovicŭlam* → *ovêlha*, *apicŭlam* → *abêlha*, *articŭlum* → *artêlho*, *genucŭlum* → *geôlho*, *folicŭlum* → *folhêlho*, *cunicŭlum* → *coêlho*, etc. (Cf. I, 124).

É **gradual** a evolução phonética. A alteração de cada phonema faz-se pouco a pouco, insensivelmente, por uma **2**

série successiva de transições mínimas, que não podem ser apreciadas pelos que fallam ou ouvem fallar a língua.

Ex. : — A palavra latina *benedictum* não foi substituida abruptamente pela portuguêsa *bento*, mediante a queda simultánea de uns phonemas e a alteração de outros. *Benedictum* veiu a dar *bento* por uma série extensissima de successivas modificações, que se fôram continuando, acumulando e augmentando de século para século. Nos documentos escriptos encontramos geralmente só as fórmas extremas, e algumas vezes uma, raras vezes duas intermediárias; a phonética histórica, indo muito àlém dos documentos, consigna outras fórmas intermediárias, sem que seja entretanto possivel estabelecer a série completa, visto como as transições successivas fôram minimas, inapreciaveis.

3 A evolução phonética está submettida a **leis constantes**, em virtude das quais se realiza com perfeita uniformidade. Um determinado phonema ou grupo de phonemas não pode na mesma épocha ser modificado numa palavra de um modo, noutra palavra de modo differente, nem pode caír numa e subsistir noutra, desde que essas palavras estejam em perfeita egualdade de condições phonéticas.

Ex. : — O *p* intervocálico, se nos apparece abrandado em *b* na palavra *cabedal* ← *capitale*, também egualmente nos apparece em *cabo* ← *caput*, *receber* ← *recipere*, *sebe* ← *sepem*, *lôbo* ← *lupum*, etc. O *l* entre vogais cai em *águia* ← *aquilam*, e egualmente em *paço* ← *palatium*, *pégo* ← *pelagum*, *veu* ← *velum*, *dôr* ← *dolorem*, *saúde* ← *salutem*, etc. (Cf. I, 88 e 113).

4 **Princípio da economia: leis phonéticas particulares.** — De todas as leis que dominam a evolução phonética, a mais geral e absoluta é a denominada *princípio da economia*, que pode formular-se do seguinte modo : — *a linguagem tende constantemente a realizar o seu fim da maneira mais simples* (1). Em virtude deste princípio geral soffrem as línguas profundas alterações; é elle uma das mais importantes causas, não só da perda de todas a fórmas supér-

(1) Cf. G. Guimarãis, *Elementos de gramm. latina*, p. 12.

fluas, mas também da alteração phonética das que se con-conservam, tornando-as mais faceis de pronunciar e de perceber; a elle sam por isso devidos, na máxima parte, os phenómenos phonéticos de abrandamento, queda, assimilação, contracção, etc.

O princípio da economia abrange todas as línguas, e todas as phases de cada língua; nas suas applicações porém varía de língua para língua, de dialecto para dialecto; e na mesma língua ou dialecto não actuou sempre do mesmo modo em todos os períodos da sua existéncia. É maior ou menor o esfôrço empregado para se pronunciar um determinado phonema ou grupo de phonemas, segundo as aptidões e os hábitos de quem falla. Não sendo porém nem as aptidões nem os hábitos sempre e em toda a parte os mesmos, pois differem de região para região segundo o clima e outras condições, e bem assim de século para século em virtude de causas diversas, por isso não admira que o mesmo princípio da economia leve este povo a modificar certos phonemas de um determinado modo, aquelle de outro modo; que o mesmo povo modifique o mesmo phonema ou grupo de phonemas de modos diversos em épochas differentes, mudadas que sejam as condições. 5

Estes phenómenos complexos têem sido estudados e precisados para cada língua pela respectiva phonética histórica, a qual formúla as leis particulares segundo as quaes o princípio da economia modifica nos diversos períodos de cada língua cada um dos phonemas ou grupos de phonemas.

Ex.: No portuguêš, em épocha remota, o dithongo *ai*, onde quer que apparecesse, mudava-se em *ei*. Essa épocha passou, e as palavras nas quais posteriormente se formou este dithongo, mantiveram-no. Assim — *ama(v)i* → *amei*, *primairo* (l. *primarium*) → *primeiro*, *faito* (l *factum*) → *feito*, *fraixo* (l. *fraxinum*) → *freixo*, *sábia* (l. *sapam*) → *saiba* → *seiva*, etc.;

mais tarde porém formáram-se as palavras *aipo* ← *ápio*, *raiva* ← *rábia*, *vigairo* ← *vigário*, *caiba* ← *cábia* (l. *capiat*) e algumas outras, onde permaneceu o dithongo *ai*. (Cf. I, 37 e 38.)

6 **Excepções.** — Encontram-se, é verdade, em todas as línguas excepções às leis phonéticas próprias e particulares, que a linguística se tem encarregado de formular. Não se supponha que estas excepções desmentem e destroem a regra; em geral não passam de excepções apparentes.

7 Umas vezes trata-se apenas de uma imperfeição orthográphica, que nada tem com a phonética.

Ex. : Vejamos a palavra *docel* ← *dorselum*. Em conformidade com as leis da phonética o grupo *rs* devia por assimilação dar *ss*, e nunca *ç* (I, 136); mas esta palavra não constitue excepção, e apenas apresenta um êrro orthográphico. Antigamente, quando às letras *s* e *ç* correspondiam dois phonemas bem distinctos, ninguem errava a graphia desta palavra, e sempre se escrevia *dossel*, que é como ainda hoje se deve escrever. Para a graphia *docel* talvez houvesse influência do vocábulo latino *caelum*, devida a uma falsa etymologia.

8 Outras vezes sam palavras de origem erudita, transcriptas litteralmente do vocabulário de qualquer outro idioma, ou formadas, mais ou menos arbitrariamente, com elementos de outra língua ou da própria. Algumas destas palavras sam muito antigas, e entráram na linguagem commum, soffrendo as modificações phonéticas posteriores à sua importação; entretanto muitas dellas conservam o estigma de origem, e não se prestam à analyse phonética. Muitas outras têem-se conservado até hoje na linguagem erudita ou litterária, e permanecem inalteradas, ou com pequenas alterações.

Ex. : Em tempos muito antigos importou-se do grego a palavra *ecclesia*, que se modificou, vindo a dar em português archaico *eigreija* ou *eigreja* (I, 126; cf. 133) e em português moderno *igreja*; importou-se também a palavra derivada *ecclesiásticum*, que não entrou na linguagem vulgar, e ainda permanece com a sua fórma primitiva *ecclesiástico*.

9 Muitas vezes as excepções apparentes resultam do facto de terem as palavras que as constituem sido introduzidas já depois

da épocha em que a lei deixou de se realizar. A lei particular, segundo a qual se executava em certa épocha o princípio ou lei geral de economia em relação a um determinado phonema ou grupo, deixou de existir, e foi substituída por uma outra lei, em virtude da qual o mesmo phonema ou grupo, onde de novo apparecesse na lingua, soffria uma outra modificação diversa. Deste modo as palavras formadas neste segundo periodo não fazem excepção à lei anterior, que já não se realizava, e sam conformes com a nova lei.

Ex. : O vocábulo *reg(ŭ)la* deu o portugnês *rêlha*, segundo a lei phonética em virtude da qual o grupo consónantico *gl* se transforma em *lh* (I, 124). Mais tarde porém, tendo-se especializado a significação desta palavra, foi novamente importado do latim o vocábulo *reg(ŭ)la*, que, introduzido nos fallares do povo, já desta vez softreu outra modificação, dando *regra*. Nova importaçãó se realizou, e agora a palavra *regŭ(l)a* deu a portuguêsa *régua* (I, 113). Depois de introduzidas numa lingua, e de terem entrado nos usos communs do povo, as palavras soffrem as modificações phonéticas que posteriormente se realizáram nessa lingua, mas não soffrem as que se realizáram anteriormente, e que deixáram de se realizar antes da introducção dellas.

10 É também frequente alterar-se um phonema numa determinada palavra, não porque as leis phonéticas o exijam, mas por analogia, verdadeira ou supposta, dessa palavra com outra ou outras. A analogia pode existir na significação da palavra, na funcção que ella exerce, ou numa simples semelhança de som. Confrontadas, embora inconscientemente, duas palavras análogas, pode uma dellas modificar-se conforme o typo fornecido pela outra.

Apontemos alguns exemplos : — Os pronomes possessivos *teu, seu* não vieram, nem podiam vir, regularmente, dos latinos *tuum, suum*, que dariam *tu(o), su(o)*, como deram no espanhol; vieram porém sob a acção analógica do possessivo da 1ª pessôa *meu* ← l. *meum*.

A vogal latina *ŭ*, quando tónica, deu no latim popular *ó*, que assim passou geralmente para o português, ex. *lŭpum* → l. pop. *lópo* → port. *lôbo* (Cf. I, 46); mas *nŭrus* deu l. pop. *nóra*, por influência analógica de *sócra* (litt. *sŏcrus*), que deu port. *sógra* (Cf. I, 41).

Havia no port. arch. a palavra *sôidáde* (← l. pop. *so(l)itatem*) que o povo ainda conserva nalgumas provincias (Cf. I, 113 e 88); por falsa analogia

com *saúde*, ou, melhor, com o verbo *saüdar*, transformou-se em *saüdade*, onde apparece o dithongo *oi* decomposto nas vogais *a* + *u*, o que seria inexplicavel pela evolução normal. Nalgumas provincias já hoje se acham nesta palavra as vogais *a u* contrahidas em dithongo.

11 Também ha bastantes casos de uma falsa etymologia fazer modificar de modo irregular os phonemas de uma palavra, para approximar da supposta fonte etymológica.

Ex.: — A palavra *lusciniolum* veiu a dar o port. pop. *reixinol*, por se suppor que a palavra *rei* entrava no seu étymo; foi por semelhante processo que em espanhol se formou, partindo de mesmo *lusciniolum*, a palavra *ruiseñor* (=*Rui* + *señor*), pela qual se designa o rouxinol.

12 Não devemos omittir uma outra causa perturbadora da evolução phonética das palavras, que também tem concorrido para modificar algumas irregularmente : é a escripta. A fórma gráphica por que se representa a palavra influe por vezes na sua pronúncia, alterando-a de modo inexplicavel em face das leis phonéticas.

Ex. : — Consideremos o pronome l. *unum* → *uno* → *ũo* → *ũ*, que se escreve *um*; fem. *una* → *ũa*, representada esta fórma pela graphia *uma*, em que a letra *m* não se pronunciava como consoante, mas servia apenas para, em substituição do *n*, indicar o som nasal do *u* (Cf. I, 116). Veiu tempo em que na pronúncia desta palavra se fez corresponder um phonema à letra *m*, formando syllaba com a vogal seguinte, e hoje, em vez de se dizer *um-a* (= *ũa*), diz-se *u-ma*. Em parte do país ainda se diz *ũa*, *algũa*, etc.

Em *distinguir* escreve-se, depois da letra *g*, um *u*, não só pela razão etymológica, mas principalmente para que o *g* não se leia como *j*. Entretanto certas pessôas affectadas, que desejam passar por bem-fallantes, apartando-se da pronúncia geral e commum, e deixando-se illudir pela graphia, dizem o *u* de *distinguir*, como se faz em *delinquir*, *apaziguar*, *obliquar*, etc. (Cf. *Gram. port.* anterior, II, 181).

Os numerais *dezaseis*, *dezasete* e *dezanove*, compostos do num. *dez* + prep. *a* + num. *seis*, *sete* e *nove*, começáram a escrever-se *dezeseis*, *dezesete* e *dezenove* em obediéncia a um preconceito etymológico falso, apesar de ninguem assim os pronunciar a princípio; hoje porém certa gente affectada e pretenciosa já pronuncia *dezeseis*, etc., juntando a um êrro orthográphico um êrro de pronúncia.

CAPÍTULO II

História das vogais

A). — Vogais, sua quantidade e accento

Vogais e sua quantidade no latim clássico. — O latim clássico tinha originàriamente cinco vogais símples; mencionando-as, a começar na mais aguda e a acabar na mais grave, sam — *i*, *e*, *a*, *o*, *u*. O *y*, com um som intermediário entre o *i* e o *u*, muito próximo do *u* francês ou *ü* allemão, foi uma vogal de importação, pedida à língua grega. **13**

Os dithongos existentes nas palavras que passáram para as línguas románicas eram originàriamente três : *ae*, *oe*, *au*. Os dois primeiros já no latim clássico se tinham contrahido num som simples, isto é, pronunciavam-se como simples vogal, apesar de continuarem a figurar na escripta como se fôssem dithongos.

Não se gastava sempre o mesmo tempo a pronunciar cada vogal; segundo a palavra, e o logar nella occupado pela vogal, assim se prolongava mais ou menos o phonema. Daqui a distincção das vogais, quanto à quantidade, em longas e breves; tomando para unidade de tempo o **14**

que se gastava a pronunciar uma vogal breve, podemos assentar que na prolàção da longa se gastavam dois tempos.

Assim temos pois as vogais ĭ ī, ĕ ē, ă ā, ŏ ō, ŭ ū.

Ex. : — *cĭto, trīnus*; *cĕler, lēnis*; *căno, cāneo*; *cŏrax, cōram*; *dŭcis, lūcis.*

15 Isto succedia com todas as vogais, quer fôssem tónicas quer átonas. A quantidade vocálica era o princípio fundamental sôbre que assentava a phonética latina ; o accento tinha importáncia secundária.

16 **Decadéncia da quantidade e augmento de importáncia do accento.** — Passada a edade áurea do latim, começa por se attenuar a differença de quantidade nas sýllabas átonas, conservando-se nas tónicas. Encontra-se frequentemente nos poétas da decadéncia *creătura*, *sacrămentum*, *verĕcundus*, *ĕnormis*, etc., em vez de *creātura*, *sacrāmentum*, *verēcundus*, *ēnormis*, etc.

Por fim a differença de quantidade altera-se nas próprias vogais tónicas, e passam todas as vogais a pronunciar-se pouco mais ou menos como d'antes se pronunciavam as breves, isto é, gastando um só tempo.

17 À medida que se attenuava a differença de quantidade, ia por outro lado ganhando importáncia o accento tónico, que por fim se torna a base fundamental da phonética no latim popular.

Já no século IV da nossa era escrevia o grammático Mário Sérvio Honorato : — « Nam quod pertinet ad naturam primae syllabae, longane sit an brevis, solis confirmamur exemplis; medias vero in latino sermone accentu dinoscimus; ultimas arte colligimus. » — Vê-se que, posta

de parte a quantidade, era já o accento tónico que dominava soberano.

Se em algumas línguas románicas, por ex. no francês, encontramos hoje bem distinctas differenças de quantidade, sam estas devidas a modificações phonéticas posteriores, e não a uma supposta herança do latim popular.

Vogais do latim popular, e sua correspondéncia com as do latim clássico. — A differença quantitativa não desappareceu contudo sem deixar vestígios; ficáram estes na differença qualitativa de som, que distinguia no latim popular as vogais que tinham sido longas das que fôram breves. Esta differença qualitativa parece já vir do latim clássico, pelo que respeita às vogais *e* e *o*. **18**

Em geral as vogais breves do latim clássico apparecem abertas no latim popular, as longas apparecem fechadas. Ha as excepções seguintes: — o *a* parece ter ficado uniforme no som, quer tivesse sido *ă* quer *ā*; o *ĭ* deu geralmente *ê*; o *ŭ* deu ordinariamente *ô*.

Dos três dithongos *ae*, *oe* e *au* os dois primeiros cêdo, e aínda nos tempos clássicos, como fica dito, se contrahíram em *e*, o primeiro aberto, o segundo fechado; o terceiro permaneceu bastante tempo, vindo em fim a contrahir-se em *ó* aberto, que mais tarde se transformou geralmente em *ô* fechado nas línguas románicas.

Deste modo temos a seguinte tabella de correspondéncia entre as vogais e dithongos do latim clássico, e as vogais do latim popular, donde veiu o português com as restantes línguas nóvi-latinas.

LATIM CLÁSSICO	LATIM POPULAR
ī	i
ĭ ē oe	ê
ĕ ae	é
ā ă	a
ŏ au	ó
ō ŭ	ô
ū	u

19 Ficáram pois no latim popular sete vogais, representadas nas palavras *nidus*, *nêmo*, *népos*, *nasus*, *nóvus*, *nôdus*, *nudus*. Subsistem todas no português moderno, como pode verificar-se em *nitro*, *nêsse*, *néto*, *nada*, *nóve*, *nôvo*, *nuca*, acrescentadas com a duplicação do som *a* (*á â*) e com variantes, intermediárias das referidas vogais, especialmente entre o *e* e o *i*, entre o *o* e o *u*.

20 **O accento tónico no latim popular**. — O accento tónico, adquirindo, como vimos, uma importáncia capital no latim popular, ficou sendo, por assim dizer, a alma da palavra, o centro phonético a que se encostam as syllabas átonas, tanto as *prètónicas* como as *pòstónicas*. Além do accento principal havia em muitas palavras accentos secundários

Em regra geral as palavras, que no latim clássico tinham a penúltima longa, ficáram sendo graves, porque foi naquella syllaba que permaneceu o accento; as que tinham a penúltima breve ficáram esdruxulas, por permanecer o accento na sýllaba antepenúltima. Algumas excepçoes porém se estabelecêram no decurso do tempo, notando-se no latim popular da edade média bastantes palavras com o accento deslocado.

Apontemos alguns dos principais casos: 21

Nos verbos de thema em consoante ou em *-u-*, os quais tinham breve a vogal característica do infinito (*regĕre, tremĕre, defendĕre, plaudĕre, retribuĕre*, etc.) houve uma deslocação de accento da antepenúltima syllaba para a penúltima, por analogia com todos os restantes verbos, e passou a dizer-se *regére, tremére, defendére, plaudére, retribuére*, etc., confundindo-se portanto estes verbos com os de thema em *-e-*. Por nova acção analógica viéram alguns destes verbos, particularmente os de thema em *-u-* no latim clássico, a passar para a classe dos de thema em *-i-*, mudando-se-lhes a vogal característica do thema (*applaudír, retribuir*; *arguír, deminuír, affluir, construír*, etc.; entretanto *consuĕre* deu *coser*).

Nos verbos uniformizou-se a accentuação em quási todas as fórmas, ficando regularmente tónica na flexão verbal port. a última syllaba do thema, quaisquer que fôssem as differenças de quantidade no latim. Exceptuam-se desta regra apenas as fórmas das três pessôas do sing. e da 3ª do plur. do presente, e bem assim as fórmas do condicional e do futuro 1º. Aquelles mesmos verbos compostos, que tinham o accento no prefixo, sujeitáram-se à referida norma geral, e seguiram o modêlo dos símples. — Ex.: *Amabāmus* → l. pop. *amábamus* → port. *amávamos*; *amavērunt* → *amáverunt* → *amárunt* → port. arch. *amáron* → mod. *amáram*. *Récĭpit* → l. pop. *recípit* → port. *recébe*; *éxplĭcat* → l. pop. *explícat* → port. *explíca*; *circúmdăre* → l. pop. *circumdáre* → port. *circundar*. 22

O pronome demonstrativo *ille* empregava-se umas vezes independentemente, com o seu accento próprio (*ílle cántat, vénio cum íllo*), outras como proclítico; neste último caso no latim pop. o accento do pronome deslocava-se para a última sýllaba, tornando-se secundário e subordinado ao da palavra seguinte, ex. — *illùm-múrum, illà-fília*. Deste modo tornou-se átona a primeira sýllaba do pronome e caiu nalgumas línguas románicas, resultando na portuguêsa as fórmas *lo* → *o*, *la* → *a*. 23

Notam-se ainda outros casos de deslocação do accento, que, sendo poucos em número, não têem importáncia, e explicam-se quási todos por influências analógicas. Ex.: — *platēa* → l. pop. *plátea* → port. *praça*; *cathĕdra* → l. pop. *cathédra* → port. *cadeira*; — *intĕgrum* → l. pop. *intégrum* → port. *inteiro*; *ficātum* → l. pop. *fícatum* → port. *fígado*; *nocātum* → l. pop. *nócatum* → port. *nógado*; *caca(b)ātum* (cf. *căcăbus*) → *cacaátum* → *cácatum* → port. *cágado*. 24

O accento tónico tem importáncia tam grande na passagem do latim popular para as línguas románicas, que parece ter sido elle o sustentáculo de toda a palavra. A *syl-* 25

laba tónica permanece, enquanto as *syllabas prètónicas* e *pòstónicas*, se não sam amparadas por um accento secundário, enfraquecem sempre mais ou menos pelo ensurdecimento successivo das vogais, e muitas vezes chegam a elidir-se pela queda total ou parcial dos seus phonemas componentes.

Este facto nota-se em larguíssima escala no francês, onde muitos polysýllabos ficáram reduzidos apenas à syllaba tónica; em todas as línguas románicas porém, sem exceptuar a portuguêsa, se observa o mesmo phenómeno, posto que em menor escala.

Ex. : — *célum* → *ceu*, *régem* → *rei*, *nódum* → *nó*, *dóminum* → *dono*, *eclipsem* → *cris*, *mácula* → *málha*, *insánia* → *sanha*, *quiritáre* → *gritar*, *ministerium* → *mistér*.

B). — Vogais tónicas

1). A vogal *i* do latim popular (correspondente a ī do latim clássico). Em geral conservou-se este phonema na passagem do latim para o português. 26

Ex. : — *amīcum* → *amigo*, *formīcam* → *formiga*, *spīcam* → *espiga*, *līmam* → *lima*, *vīnea* → *vinha*, *fīlium* → *filho*, *rīvum* → *rio*, *mīcam* → *miga*, *vītem* → *vide*, *fīlum* → *fio*, *lībram* → *libra*, *trīste* → *triste*, *confīdo* → *confio*.

Sam excepção *crīnem* → *grenha* (ao lado de *crina* [1]), *pīcam* → *pêga*, *carīnam* → *crena*, *līram* → *leira* (talvêz sob a influéncia do grego *leirós*). Provavelmente alterou-se a quantidade do *i* destas palavras na decadéncia do latim, tornando-se de ī em ĭ; o que explica o facto de passar a *e*. 27

2). A vogal *é aberto* do latim popular (correspondente 28

[1] *Crina* é de formação erudita. A palavra *grenha* faz suppôr a existéncia no lat. pop. da fórma **crinia*, donde viria regularmente *grenha* (Cf. I, 79, 141 e 128). O adj. *criniósus* (→ *grenhoso*), que existiu no lat. pop., deve ser derivado daquella mesma fórma.

ĕ e ae do latim clássico). — Ordinàriamente conservou-ao passar para o português.

Ex. : — *dĕcem → déz, brĕvem → bréve, lĕvem → léve, fĕbrem → fébre, sĕptem → séte, lĕpŏrem → lébre, impĕrium → império, mĕl → mél, fel → fél, nĕbŭla → névoa, ferrum → férro, fĕsta* (plur.) → *fésta, pĕtram → pédra, pĕdem → pée → pé, tĕrram → térra; caelum → céu, praesto → présto, praedium → prédio.*

29 Algumas vezes porém tornou-se fechado, já por influéncia de algum phonema nasal próximo, já pela acção de alguma das semi-vogais (*i u*) que com elle se dithongou.

Ex. — *vĕnio → venho, mĕtum → mêdo* (ao lado de *méda* ← l. *mēta*); *mĕdium → meio, Dĕus → Deus, mĕum → meu.*

30 3). A vogal *ê fechado* do latim popular (correspondente a *ĭ*, *ē* ou *oe* do latim clássico). — Na passagem para o português, geralmente conservou-se.

Ex. : — *cĭto → cêdo, pĭlum → pêlo, siccum → sêco, pĭcem → pêz, vĭde → vêe → vê, bĭbo → bêbo, consĭlium → consêlho, sĭt(u)lam → sêlha, capĭstrum → cabrêsto, fĭbra → fêbra, vĭr(ĭ)de → vêrde, sĭtem → sêde, cĭppum → cêpo, sĭnum → sêo* (que ainda se conserva ao sul de Portugal) → *seio* (1), *pĭra* (plur.) → *pêra, nĭgrum → nêgro, cĭsta → cêsta, vĭcem → vêz; cēra → cêra, secrētum → segrêdo, mercēdem → mercêe → mercê, sēbum → sêbo, dēbeo → dêvo, rēmum → rêmo, tēg(ŭ)lam → têlha, plēnum → chêo* (como ainda hoje se diz no Algarve) → *cheio, catēnam → cadêa → cadeia, tēla → têa → teia, venēnum → venêno, trēs → três, mēnsem → mês, mēnsam → mêsa, pēnsum → pêso, tēnsum → têso; foenum → fêno, obscoenum → obscêno, poena → pêna.*

31 Em algumas palavras este ê do latim popular tornou-se aberto em português.

Ex. : *fĭdem → fé, pĭlam → péla, nĭvem → néve; complētum → completo, rēg(ŭ)la → régra, vēlum → véu, mēta → méda.*

(1) Neste e noutros casos semelhantes interpôs-se um *i* entre as duas vogais para evitar o hiato. Cf. I, 69, 2°.

32 Também ha palavras nas quais, em vez de um **ê**, encontramos um **i**. Dá-se isto em regra quando na syllaba, que no lat. pop. vinha junta à tónica, havia um *i̯* ou *u̯*, que influiu na vogal tónica.

Ex. : — *servĭtium* → *serviço*, *vĭtium* → *viço*, *justĭtiam* → *justiça* (muitas das palavras desta categoria sam de origem litterária); *plaudēbam* → **ad-plaudêu̯a* → *ap-plaudía*, *debebas* → **deuêu̯as* → *devías*.

33 As fórmas pronominais *migo*, *tigo*, *sigo*, assim como a palavra *pergaminho*, não fazem excepção à regra; derivam de fórmas intermediárias do latim popular, onde já se encontrava *i* em vez de *e*, ex. : *mícum* por *mecum*, *pergamínum* em vez de *pergamēnum*.

34 Pelo estudo das línguas románicas reconhece-se que houve no latim pop. uma fórma *dia*, da qual deriva o nosso *dia*, e não directamente do clássico *dĭem*.

35 O *ê* antes dos phonemas palatais *ch*, *j*, *i̯*, *lh*, *nh*, embora se escreva, muda-se em *â*, não em todas as provincias de Portugal, mas numa grande parte do país; assim, por ex., em vez de *mêxo*, *vêjo*, *cadêia*, *abêlha*, *tênho*, diz-se *mâxo*, *vâjo*, *cadâia*, *abâlha*, *tânho*. Este phenómeno, que é bem conhecido, e ao qual se referem os phonèticistas que têem estudado o português, como Meyer-Lübke, Adolpho Coêlho, Gonçalves Vianna, etc., é mais sensivel nos fallares de Lisbôa.

36 4). **A vogal a do latim popular (correspondente á ā e ă do latim clássico).** — A regra geral foi conservar-se na passagem para o português.

Ex. — *aquam* → *água*, *laxum* → *lasso*, *imaginem* → *imagem*, *planctum* → *pranto*, *stare* → *estar*, *pratum* → *prado*, *fabam* → *fava*, *latus* → *lado*, *aetatem* → *edade*, *favum* → *favo*, *aquĭlam* → *águia*, *clarum* → *claro*, *radium* → *raio*, *palatium* → arch. *paaço* → mod. *paço*, *minatiam* → *a-meaça* (1), *arbŏrem* → *árvore*, *bon(i)tatem* → *bondade*.

37 Quando o *a* é seguido de um *i*, apparece mudado em *e* por influéncia deste

(1) O *a* inicial desta palavra portuguêsa, como de muitas outras semelhantes, é o artigo, que se agglutinou ao nome, formando com elle uma palavra.

Ex. : — *ama(v)i* → **amai* → *amei*, *factum* → **faito* → *feito*, *factorem* → **faitor* → *feitor*, *lactuca* → **laituga* → *leituga*, *axem* (= *acsem*) → **aiso* → *eixo*, *laxare* (= *lacsare*) → *laisare* → arch. *leixar* → mod. *deixar*, *primarium* → *primairo* → *primeiro*, *area* → *ária* → *aira* → *eira*, *caseum* → **caiso* → *caijo* → *queijo*, *basium* → **baiso* → *baijo* → *beijo*, *cerasa* (plur.) → **cerasea* (= *cerasia*) → **ceraisa* → **ceraija* → *cereja*.

Note-se porém que em grande parte do país, embora se escreva o dithongo *ei*, diz-se *âi*, por ex., *lâigo*, *fâito*, *lâite*, etc.

38 O *ai*, quando produzido em épocha mais recente, já se não transformou em *ei*, mas subsistiu como em *caiba* ← *capiam*, *raiva* ← **rabia*, *aipo* ← *apium*, *baio* ← *badium*, *raio* ← *radium*, *dai* ← *dade* ← *date*, *praia* ← *plaga*.

A palavra latina *famem* devia dar em português *fame*; e effectivamente encontra-se esta palavra no port. arch., ainda representada no port. mod. pelos derivados *famélico*, *faminto* e *esfaimado* (ao lado de *esfòmeado*); o *a* da palavra *fame* veiu a mudar-se na labial *o* por influência assimilante da consoante labial *m* (assimil. incompl. regressiva. Vid. *Gram. port.* anterior, I, 29).

39 Encontra-se excepcionalmente o *a* mudado em *e* nas palavras *alegre* ← l. pop. *alácre* (clássico *alăcre*), e *a-bentesma* (1) ← *phantasma*.

40 5). **A vogal *ó aberto* do latim popular (correspondente a ŏ e *au* do latim clássico).** — O *ó aberto* do latim popular, quando resultante do ŏ clássico, deu em português ordinàriamente *ô*.

Ex. : — *fŏcum* → *fôgo*, *pŏpulum* → *pôvo*, *nŏvum* → *nôvo*, *dŏminum* → *dôno*, *jŏcum* → *jôgo*, *fŏlia* (plur.) → *fôlha*, *sŏlea* → *sôlha*, *mŏrio(r)* → *môrro*, *sŏc(é)rum* → *sôgro* (2), *sŏlĭdum* → *sôldo*, *ŏcŭlum* → *ôlho*, *sŏ(m)nium* → *sônho*, *fŏrum* → *fôro*, *mŏveo* → *môvo*, *fŏrtia* → *fôrça*, *pŏdium* → *a-pôio*, *mŏdium* → *móio*, *cŏrium* → *côiro*, *hŏdie* → *hóje*.

(1) A palavra *phantasma* passou para português com a fórma *bentesma*, mudando de género em conformidade com a regra de serem femininos os nomes terminados em *a*. Mais tarde o artigo, que precedia geralmente este nome, agglutinou-se com elle, formando-se deste modo a palavra *abentesma*.

(2) Esta é uma das numerosissimas palavras que mostram que o *c* latino, embora seguido de *e* ou *i*, soava sempre *c* e nunca *ç*. Se se dissesse *soçerum*, não podia esta palavra dar a fórma *socrum*, nem por conseguinte a portuguêsa *sógro*.

Entretanto ha bastantes palavras, quási todas de origem erudita ou semi-erudita, onde este *ó* permaneceu aberto, como no latim popular. **41**

Ex. : — *mŏdum → módo, sŏlea → sóla* (ao lado de **sôlha**, que é a fórma pop. naturalmente derivada), *dŏcĭle → dócil, rŏta → róda, rŏsa → rósa, nŏvem → nóve, ŏpĕra → óbra, sŏcra → sógra.*

Excepcionalmente mudou-se em *e* na palavra *esteira* ← *stŏrea* (= *storia*), por influência do *i*, que não se fez sentir noutras palavras semelhantes, como *coiro* ← *corium, moio* ← *modium*, etc. **42**

O *ó aberto* do latim pop., resultante do dithongo clássico *au*, provavelmente depois de se ter mudado em *ó* fechado, alargou-se no dithongo *ou* (ou *oi*). **43**

Ex. : — *aut → ou, aurum → ouro, laurum → louro, thesaurum → thesouro, causam → cousa, pausat → pousa, raucum → rouco, paucum → pouco, lau(d)at → louva, cau(l)em → couve* (cf. I, 70).

Do *ó aberto*, a que se tinha reduzido por toda a parte o *au* no latim pop. medieval, restam-nos alguns casos em português nos vocabulos *póbre* ← l. pop. **póperem* ← l. clas. *pauperem, fóz* ← l. pop. **focem* ← l. class. *faucem, coda* (ao lado do vocábulo erudito *cauda*) ← l. pop. *coda* ← l. class. *cauda.* **44**

Sam de origem erudita, ou introduzidas na linguagem popular em tempos relativamente recentes, as palavras portuguêsas que retêem o dithongo *au*, como *claustro, nausea, causa, pausa, lauda, caule, cauda, aula*, etc. **45**

6). **A vogal ô *fechado* do latim popular (correspondente a ō e ŭ do latim clássico).** — O *ô fechado* do latim popular conservou-se em geral no português. **46**

Ex. : — *rōdo → rôo, tōtum → tôdo, flōrem → flôr, dolōrem → dôr, amōrem → amôr, sapōrem → sabôr, scōpa → escôva, otiōsum → ociôso* (e do mesmo modo todas as palavras formadas com o suffixo *-ôso* ← l. *-ōsum*), *cicōnia → cegônha, cohortem → cōrtem → côrte, pōmum → pómo, quōmodo → cômo, corōna → coróa, nōmen → nôme, persōna → pessôa, ōvum → ôvo, rumōrem → rumôr; tŭrrem → tôrre, su(b)-l-ŭmbra → sômbra, gŭtta → gôta, cŭrro → côrro, fŭrca → fôrca, sŭper → sôbre, lŭpum → lôbo, rŭptum → rôto, lŭtum → lôdo, gŭstum → gôsto, cŭbitum →* pop. *côvedo*

→ lit. *côvado*, *pŭteum* (= *pŭtium*) → *pôço*, *ŭmerum* → *ômbro*, *bŭcca* → *bôca*, *ŭtrem* → *ôdre*, *pŭtre* → *pôdre*, *dŭ(l)ce* → *dôce*, *mŭsca* → *môsca*.

47 Em bastantes palavras porém, em que no latim clássico havia *ō longo*, no português apparece excepcionalmente *ó aberto*, e em algumas onde havia *ŭ breve* apparece *u*. Muitas destas palavras sam de origem erudita ou semi-erudita.

Ex.: — *glōriam* → *glória*, *plōro* → *chóro*, *dōtem* → *dóte*, *vōcem* → *voz*, *nōdum* → *nó*, *vōtum* → *vóto* (ao lado de *bôdo*, que é a forma derivada daquella por via pop.); *jŭgum* → *jugo*, *dŭcem* → *duque* (1), *gŭla* → *gula*, *rŭde* → *rude*, *fŭgio* → *fujo*.

48 É muito raro encontrar-se em português *u* correspondendo a *ō* do latim, como succede em *testemunho* ← *testimōnium*, *tudo* ← *tōtum*. Deve porém advertir-se que este ensurdecimento do *o* em *u* não se deu na passagem do latim para o português, mas já nesta lingua, e em tempos relativamente recentes. No português archaico nunca encontramos aquellas fórmas; os documentos apresentam-nos, em vez dellas, as fórmas *testemõyo* e *todo*.

49 **7). A vogal *u* do latim popular (correspondente a *ū* do latim clássico).** — Na passagem para o português quasi sempre se conservou este phonema.

Ex.: — *secūrum* → *seguro*, *acūtum* → *agudo*, *mūtum* → *mudo*, *futūrum* → *futuro*, *minūtum* → *miudo*, *virtūtem* → *virtude*, *nūbem* → pop. *nuve* e litt. *nuvem*, *ūmidum* → *úmido*, *pūblicum* → *público*, *jūnium* → *junho*, *jūstum* → *justo*, *commūnem* → *commum*, *jūro* → *juro*, *exclūdo* → *excluo*, *salūtem* → *saúde*, *lūcem* → *luz*, *lūnam* → *lua*, *ūvam* → *uva*, *pūlĭcem*, pop. *púlica* → *pulga* (2), *lūmen* → *lume*, *rūgam* → *ruga*, *verrūcam* → *verruga*, *nūllum* → *nullo*.

50 Ha mui poucas palavras onde excepcionalmente se encontra *o*

(1) A etymologia desta palavra seria incomprehensivel, se não admittissemos que a palavra *ducem*, ao tempo em que della derivou a palavra *duque*, e na região onde se fez esta derivação, se lia *dukem* e não *duçem* como hoje se diz entre nós.

(2) Se não tivesse havido no lat. pop. a fórma *púlica*, correspondente à class. *pulĭcem*, não se teria formado em port. *pulga*, mas sim *púlez*, como se formou o vocábulo pop. *éndez* → *indĭcem*.

correspondendo a *ū* clássico; note-se porém que no latim da decadéncia se encontra nessas palavras *ū* ou *ŭ*.

Ex.: — *mūcum* (e *mŭcum*) → *monco*, *cūpam* (e *cŭppam*) → *cópa* (ao lado de *cuba*).

51

Observação. — O *y*, que se encontrava em algumas palavras vindas do grego, tinha um som intermediário entre o *i* e o *u*, por isso apparece no latim pop. representado numas palavras pela primeira destas vogais, noutras pela segunda. Na passàgem para o port. seguiu a sorte destas vogais.

Ex.: — *abyssum* → pop. **abíssimum* → port. *abismo*, *cycnum* → pop. **cícinum* → port. *cisne*, *myrrha* → pop. *mirra* → port. *mirra*; *byrsa* → pop. *bŭrsa* → *bôlsa*, *myrta* (plur.) → pop. *murta* → port. *murta*, *crypta* → pop. *crupta* → *grutta* → port. *gruta*.

C). — Vogais átonas

52

Vogais átonas. Mudanças phonéticas soffridas pelas partes prètónica e pòstónica das palavras. — O estudo das vogais átonas é muito mais complexo do que o das tónicas; um tal estudo não se pode fazer circunstanciadamente, e descendo a particularidades, senão em tratados desenvolvidos de phonética.

É nas vogais átonas, e nas consoantes que as acompanham, que se dam mais frequentes e variados phenómenos phonéticos. Sam abrandamentos e ensurdecimentos, quedas, dissimilações e assimilações de todas as espécies, contracções, vocalizações, interposições e alargamentos, que transformam os phonemas prètónicos e pòstónicos da palavra, subsistindo a syllaba tónica, que permanece no meio das mudanças successivas que em volta della se vam dando

53 Não se supponha que estas mudanças sam arbitrárias; em phonética não ha phenómenos arbitrários, todos obedecem a leis naturais, cujo estudo e determinação pertence aos linguistas.

A lei mais geral, que domina todos estes phenómenos realizados nas syllabas átonas, é a seguinte : — *todos os sons prètónicos e pòstónicos tendem a enfraquecer, como que dominados pela sýllaba tónica.* A este princípio geral submettem-se todas as mudanças a que nos estamos referindo, e por elle é que sam explicadas.

Aqui nos occupamos das principais modificações phonéticas, que se deram nos sons vocálicos; em primeiro logar nos phonemas que se encontravam na parte pòstónica da palavra latina, e em seguida nos que existiam na parte prètónica.

Das alterações soffridas pelas consoantes fallaremos no capítulo seguinte.

54 **Vogais pòstónicas da palavra latina.** — A vogal final de palavra latina, se fôr *a* ou *e*, conserva-se geralmente inalterada na passagem para o português;

Ex. : — *aqua(m)* → *água*, *balaena(m)* → *baleia*, *symphónia(m)* → *sanfona*, *medecína(m)* → *mèzinha*; *base(m)* → *base*, *sanctitate(m)* → *santidade*, *nome(n)* → *nome*, *turre(m)* → *torre*

55 mas se for *i* apparece em português substituído por um *e*, e se fôr *u* apparece mudado em *o*.

Ex. : — *aperi(t)* → *abre*, *vesti(t)* → *veste*, *cresci(t)* → *cresce*, *peti(t)* → *pede* *fructu(m)* → *fruito* → *fruto*, *fulvu(m)* → *fúlṳo* → *fulo*, *sabucu(m)* → *sabugo*.

Estas mudanças do *i* final em *e* e do *u* final em *o* deram-se ainda no latim popular.

56 O *e* final tende a caír, quando antes delle ha uma con-

soante, que possa formar syllaba com a vogal antecedente ou dissolver-se nella; excepto se essa consoante fôr *m*.

Ex. : — *capitale* → *cabedal*, *fidele* → *fiel*, *valle(m)* → *valle* → *val*, *vigore(m)* → *vigôr*, *vulgare* → *vulgar*, *vindicare* → *vingar*, *pane(m)* → *pan* → *pão*, *cane(m)* → *can* → *cão*, *sine* → *sem* = *sẽ*, *jace(t)* → *jaz*, *dici(t)* → *dice* → *diz*, *vice(m)* → *véce* → *vez*; *crime(n)* → *crime*, *fame(m)* → *fame* (arch.) → *fome*, *lume(n)* → *lume*, *nome(n)* → *nome*.

57 Nas palavras esdrúxulas do latim a vogal da syllaba penúltima, isto é, a immediata à tónica, caíu em grande número de palavras, pela tendéncia que tem o português para transformar as palavras esdrúxulas em graves.

Ex. : — *artíc(u)lum* → *artêlho*, *dóm(i)na(m)* → *domna* → *dona*, *cál(a)mu(m)* → *côlmo*, *paráb(o)la(m)* → *palavra*, *vír(i)de* → *vêrde*, *mán(i)ca(m)* → *manga*, *tén(e)ru(m)* → *tenro*, *óp(e)ra(m)* → *obra*, *repós(i)ta(m)* → *reposta* (e *resposta*), *lép(o)re(m)* → *lebre*, *cól(a)pu(m)* → *golpe*, *ás(i)nu(m)* → *asno*.

Já no latim clássico havia alguns casos desta sýncope. Não é raro encontrarem-se nos escriptores fórmas tais como estas : — *hercle* por *hercule*, *saeclum* por *saeculum*, etc.

58 Subsistem porém em português muitas palavras, em que se não deu aquelle phenómeno. Explica-se o facto, ou porque essas palavras eram de uso restricto da gente culta, ou porque a influéncia erudita deteve o trabalho natural e inconsciente do povo, e fixou a fórma sem a deixar seguir a sua evolução.

Ex. : — *académico*, *trémulo*, *cónego*, *século*, *estúpido*, *estómago*.

59 **Vogais prètónicas da palavra latina.** — Quando a sýllaba inicial prètónica da palavra latina é constituída por uma só vogal, desprotegida de consoante, muitas vezes cai em português.

Ex. : — *episcopu(m)* → *bispo*, *attonitu(m)* → *tonto*, *acume(n)* → *gume*, *Olisi-*

pona(m) → Lisbõa → Lisbôa, (h)orologiu(m) → relógio, Emmanuele(m) → Manuel, apothecà(m) → bodega.

Quando porém a vogal da sýllaba inicial prètónica é protegida por alguma consoante, que com ella forme sýllaba, em regra persiste. 60

Ex.: — *caballu(m) → cavallo, meliore(m) → melhor, pavore(m) → pavôr, vicinu(m) → vizinho, lactuca(m) → leituga, debere → dever.*

Á maior parte das excepções a esta regra, que existem no português moderno, sam devidas a contracções que se deram em épochas relativamente recentes, e não se encontram no português archaico. 61

Ex.: — *palumbu(m)* → arch. *paombo* → mod. *pombo, sigillum* → arch. *seéllo,* mod. *sêllo, legére* → arch. *leér* → mod. *lêr.*

Ha também alguns casos de ser eliminada a vogal, para que se agrupem a consoante que a precede e a que se lhe segue. 62

Ex.: — *quiritare → gritar, theriaga → triaga.*

Começando a palavra latina por um *e* (*e*, *æ* ou *œ*) prètónico, quer seja desprotegido de consoante, quer fórme syllaba com a consoante seguinte, geralmente no português esse *e* inicial muda-se em *i*, embora continue a representar-se na escripta por um *e*. 63

Ex.: — *effectu(m) → ifeito* (embora se escreva *effeito*), *æquale → igual, œtate(m) → idade, electu(m) → ileito.*

Nas palavras em que ha mais alguma ou algumas sýllabas prètónicas àlém da inicial, a vogal da syllaba que precede immediatamente a tónica em regra cai; excepto se fôr *a*, que ordinàriamente permanece. 64

Ex.: — *verecundia(m) → verecunja(m), vergonha, operariu(m) → obreiro, penicellu(m) → pincel, pœnitentia(m)* → arch. *pendença, computar → comp-*

tar → *contar*, *amaricare* → *amargar*, *bonitate(m)* → *bondade*; *ornamentu(m)* → *ornamento*, *juramentu(m)* → *juramento*, *mirabilia* → *maravilha*.

Esta regra tem algumas excepções. Eis os principais casos em que a vogal nas condições mencionadas persiste : 65

— 1° Quando é precedida ou seguida de um grupo de consoantes.

Ex. : — *negligentia(m)* → *negrigença*, *castitate(m)* → *castidade*, *gubernare* → *governar*, *in-negrescére* → *ennegrescer*, *acutiare* → *aguçar*, *devotione(m)* → *devoção*, *invidiare* → *invejar*.

— 2° Quando, por queda de consoante medial, a vogal *i* fica em contacto com a precedente e com ella se dithonga, ou com a tónica seguinte e a ella se liga consonantizando-se.

Ex. : — *solitudine(m)* → arch. *soidõe* → *soidão* (lit. *solidão*), *monimentu(m)* → *moimento*, *vanitate(m)* → *vaidade*; *liminare* → *limiar*, *nominare* → *nomear* (= *nomiar*), *circinare* → *cercear* (= *cerciar*).

D). — Hiatos

Suppressão dos hiatos do latim clássico. — Em phonética denomina-se hiato o encontro de uma vogal ou dithongo com outra vogal, sem que forme com ella sýllaba. 66

No latim clássico havia numerosos hiatos, que desappareceram no latim popular por vários processos :

1° pela contracção das duas vogais numa só;

Ex. : — *cŏŏrtem* → *córte(m)*, *cŏŏperire* → *còperire*, *prĕhĕndere* → *prendere*.

2° pela queda da primeira vogal;

Ex. : — *battuo* → *batto*, *februarium* → *febrariu(m)*, *quattuor* → *quattor*, *deunde* → *donde*.

3° pela consonantização de uma das vogais (*i* em *i̯*, *u* em *u̯*).

Ex. : — *sapiäm* → *sapi̯a(m)*, *rabiäm* → *rabi̯a(m)*, *diürnum* → *di̯ornu(m)*, *annuäle* → *anu̯ale*, *viduäm* → *vidu̯a(m)*.

Sorte dos hiatos do português archaico. — No português archaico encontramos novamente grande número de hiatos, provenientes na sua quási totalidade da queda de uma consoante intervocálica, deixando em contacto duas vogais que se não podem dithongar, ou um dithongo e uma vogal. **67**

Ex. : — *moësteiro* ← *mõasteiro* ← *mo(n)astério*, *meór* ← *mẽór* ← *mi(n)ór*, *sosteér* ← *sustẽér* ← *susti(n)ere*, *veér* ← *vi(d)ere* ; *louar* ← *lau(d)are*.

De todos esses hiatos muito poucos subsistem no português moderno ; entre os subsistentes contamos os seguintes : *ie*, *ia*, *oa*, *ua*, *uo*. **68**

Ex. : — *guie*, *desvie*, *fie*, *mie*; *via*, *dia*, *guia*, *ria* ; *corôa* ← *coro(n)a*, *pessôa* ← *perso(n)a* ; *lua* ← *lu(n)a*, *nua* ← *nu(d)a* ; *mingúo* (de *minguo*), *attribúo* (de *ad-tribuo*).

O desapparecimento dos hiatos em português realizou-se por vários processos ; os mais frequentes sam : **69**

1° contracção em dithongo ou em vogal símples;

Ex. : — *possuiü* → *possuíu*, *temée* (de *teme(d)e* ← *timete*) → *temei*, *leaës* (de *lega(l)es*) → *leais*, *destroës* → *destrois*, *dôos* (de *dŭos*) → *dous* e *dois*; *sée* (de *se(d)e*) → *sé*, *pée* (de *pe(d)e*) → *pé*, *sóo* (de *so(l)o*) → *só*, *cruo* (de *cru(d)o*) → *cru*, *nuo* (de *nu(d)o*) → *nu*.

2° interposição de *i̯* ou *u̯*.

Ex. : — *saboréa* (do v. *saborear*) → *saborei̯a*, *aréa* (de (*are(n)a*) → *areia*, *fréo* (de *fre(n)um*) → *frei̯o*, *fẽo* (de *fœ(d)um*) → *fẽi̯o*, *cáä* (de *ca(d)at*) → *caia*, *tráö* (de *tra(d)o*) → *trai̯o*, *rôo* (de *ro(d)o*) → *rô-i̯o* ou *rôu̯o* (segundo as localidades, embóra em todo o país se escreva *rôo*), *côo* (de *co(l)o*) → *côu̯o* (embora se escreva *côo*).

70 É frequente o phenómeno de se mudar posteriormente em *j* ou *v* respectivamente o *i̯* ou o *u̯*, que se interpôs entre as vogais para desfazer o hiato; esta mudança é perfeitamente regular (I, 106 e 108).

Ex.: — l. pop. *sia* → port. arch. *séa* → *sé-i̯a* → *séja*; *lau(d)are* → *louar* (1) → *lou-u̯ar* → *louvar*, *cau(l)em* → *coue* → *cou-u̯e* → *couve*.

(1) Donde se formou o subst. arch. *loua* → mod. *loa*.

CAPÍTULO III

História das consoantes

A). — Consoantes; sua posição

Consoantes latinas e portuguêsas. — O systema consonántico português deriva, como é natural, do latino, mas contém alguns phonemas que lá eram inteiramente desconhecidos, havendo também no latim phonemas que se perdêram na passagem para o português. Sem nos envolvermos na apreciação das differenças de som de algumas consoantes communs às duas línguas, mas que no português se acham bastante afastadas já da pronúncia latina, limitamo-nos a mencionar aqui os phonemas consonánticos, que naquella língua não existiam e existem em português, e dos que havia naquella e faltam na nossa. **71**

Os phonemas palatais *x*, *j*, *lh*, *nh* e o làbio-dental *v* eram completamente desconhecidos no latim clássico, e quasi todos também o eram no latim popular; resultáram entretanto, de certas consonáncias latinas, como adeante se verá. **72**

O *h*, que no latim clássico parece ter já perdido ausa

antiga aspiração, continúa a figurar na escripta do português como um simples vestígio etymológico. Do mesmo modo desapparecêram os phonemas duplos, que os antigos representavam pelas letras *x* (= *cs*) e *z* (= *ds*), empregando-se apenas o primeiro no uso litterário, em palavras de origem estranjeira, como, por exemplo, em *paralaxe* (= *paralacse*); entretanto conservam-se as respectivas letras com valores bem differentes dos que tinham em latim.

73 **Posição das consoantes.** — Na evolução das consoantes não teve o accento tónico a importáncia capital, de que o vimos investido na evolução das vogais. A sorte das consoantes depende principalmente da posição que occupam na palavra, e bem assim do facto de virem *símples*, *dobradas* ou *aggrupadas*.

Quanto à posição occupada pela consoante na palavra, ha a distinguir se é *inicial, medial* ou *final*. De todas as posições a mais forte, isto é, aquella em que as consoantes mais resistem, é a inicial; as mais fracas sam a medial e a final. As consoantes mediais, quando dobradas ou aggrupadas, sam mais resistentes do que vindo símples.

B). — Consoantes simples

I. — Iniciais e finais

74 **Conservação das consoantes simples iniciais.** — As consoantes, quando iniciais, ordinàriamente conserváram-se na passagem do latim para o português.

Ex.: — *captare* → *catar, telam* → *teia, parabulam* → *palavra; guttam* → *gôta, digitum* → *dédo, baineum* → *banho; serotinum* → *serôdio, fornacula* →

fornalha, rotula → *rôlha*, *linteum* → *lenço*, *nauseam* → *nojo*, *morsa* (plur.) → *mossa*.

Em contrário a esta regra temos aqui de mencionar os seguintes factos gerais, que constituem excepções : 75

a). — Tudo leva a crer que nos tempos do latim clássico já não existia na linguagem culta o phonema aspirado *h*; entretanto parece que se conservou na linguagem popular de algumas províncias, em certas palavras apenas. Em português não existe senão na escripta.

Ex. : — *hominem* → (*h*)*omem*, *hodie* → (*h*)*ôje*, *habere* → (*h*)*aver*. Em todas estas palavras portuguêsas conserva-se a letra *h* apenas como signal orthográphico, sem valor phonético e sem importáncia alguma.

76 No português archaico fez-se largo uso da letra *h*, mesmo onde a etymologia não justificava este uso. Assim é que se escrevia a forma verbal *he* por *é*, a conjuncção do mesmo modo *he* por *e*, o artigo *ho*, *ha* por *o*, *a*, etc. Ainda hoje se tem conservado no uso vulgar a letra *h* em muitas palavras onde é descabida; ex. : *hombro* ← *umerum*, *húmido* ← *umidum*, *humôr* ← *umorem*. Para este uso exagerado do *h* concorreu muito o preconceito de falsas analogias e de falsas etymologias ; assim escreve-se *hontem* em vez de *ontem* por uma falsa analogia com o advérbio *hoje* ← l. *hodie*, e escrevia-se *ho*, *ha*, *hos*, *has*, por se suppor que o artigo definido derivava das fórmas pronominais latinas *hoc*, *hac*, *hos*, *has*.

77 b). — O *c* e o *g* no latim clássico eram sempre phonemas gutturais ou gutturo-palatais, embora se lhes seguisse *e* ou *i*; neste caso porém transformáram-se no latim popular de diversos modos, segundo as regiões; em português o primeiro veiu a dar o phonema apical *ç* e o segundo o palatal *j*.

78 As palavra *centum*, *cera*, *cinis*, *cito*, pronunciavam-se *kentum*, *kera*, *kinis*, *kito*; e *gemere*, *gentem*, *gyrum*, *gigantem*, diziam-se *ghemere*, *ghentem*, *ghyrum*, *ghigantem*. É ponto perfeitamente assente e demonstrado ha muitos annos, e a respeito do qual *não ha um só grammático moderno* digno deste nome, que discorde.

Encontram-se alguns casos em que o *c* inicial, seguido de alguma vogal que não seja *e* ou *i*, se abrandou em *g*. Este phenómeno explica-se pelo facto de vir na construcção habitualmente precedido de vogal, quando outra não fôsse, a do artigo que lhe andava anteposto; deste modo o *c* ficava sendo intervocálico, e nesta posição abranda-se normalmente em *g*, como adeante veremos. **79**

Ex. : — *gaióla* ← *caveolam*, *gamella* ← *camellam*, *gato* ← *cattum*

c). — O *i̯* consoante inicial latino mudou-se em *j*, ainda mesmo nas palavras em que houvesse antes delle um *h* orthográphico. A forma gráphica *j* não se empregou para representar em latim o *i̯* consoante, senão desde o seculo XVI. **80**

Ex. : — *i̯acere* → *jazer*, *i̯entare* → *jantar*, *i̯actare* → *jactar*, *i̯ocum* → *jôgo*, *i̯uvenem* → *jovem*, *i̯udicium* → *juízo*, (*h*)*yacinthum* = *i̯acinthum* → *jacintho*, (*h*)*ierarchia* → *jerarchia*, (*H*)*i̯eronymum* → *Jerónymo*, (*H*)*i̯erusalem* → *Jerusalem*.

d). — O *u̯* consoante inicial transformou-se de bi-labial em labio-dental, tomando o som do nosso *v*. Os latinos exprimiam aquelle phonema sempre pela letra *v*; nem sequer tinham no alphabeto a fórma *u*. A distincção entre as fórmas gráphicas *u* e *v*, como representativas de sons differentes, é posterior ao século XVI. **81**

Ex. : — *vaccam* (que se pronunciava *u̯accam*, dizendo este *u̯* como se diz o *w* inglês em *which*, ou o *ou* francês em *oui*; é assim que se deve pronunciar o *v* inicial das palavras latinas seguintes) → *vaca*, *vanum* → *vão*, *verecundiam* → *vergonha*, *vetulum* → *velho*, *vitium* → *viço*, *volare* → *voar*, *vocem* → *voz*, *vulgare* → *vulgar*, *vultum* → *vulto*.

Ha casos em que no português commum o *v* latino veiu a dar *b*, à semelhança do que succede nos dialectos minhôtos. **82**

Ex. : — *vaginam* → *baínha*, *vesicam* → *bexiga*, *votum* → *bôdo*. *vasculum* → (derivado) *bascolejar*.

e). — O *u̯* consoante inicial de palavras germánicas, por um processo particular, fez desenvolver antes de si o phonema guttural *g*; este processo ampliou-se por analogia a algumas palavras de origem latina, tambem começadas por *u* consoante. 83

Ex. : — *want* → *guante*, *warda* → *guarda*, *warian* → *guarir* (port. arch.), *warnian* → *guarnir* (port. arch.) → *guarnecer* (port. mod.), *wahta* → *guaita* (arch.) → *gaita*, *werra* → *guerra*, *wisa* → *guisa* (arch.), *Wilihelm* → *Guilherme*; *Wimaranes* → *Guimarães*; *vitta* → *guita* (ao lado de *fita*), *vastare* → *guastar* (arch.) → *gastar*, *vomitare* → *guomitar* (arch.) → *gomitar* (dialect. mod.), *voracem* → *guoraz* (arch.) → *goraz*, *vulpicula* → *guolpelha* (arch.) → *golpelha*.

Conservação e queda das consoantes simples finais. — As palavras do latim popular terminadas em consoante, não tinham por final senão algum destes phonemas — *r*, *s* ou *t*. As terminações do latim clássico em *c*, *d*, *b*, *m*, *n* e *l* fôram eliminadas por vários processos. 84

Em português todas as palavras, que não terminam em vogal, finalizam na linguagem actual culta em algum dos phonemas *r*, *l* ou *s* (gràphicamente representado por *s* ou *z*, segundo a etymologia). As poucas palavras que ha no português litterário terminadas em *n* sam puramente artificiais (*regimen*, *germen*, *especimen*, etc.). Aquellas que terminam gràphicamente em *m*, rematam phonèticamente por vogal, pois nellas a referida letra apenas serve para indicar a nasalidade da última vogal ou dithongo.

Das consoantes, em que podiam terminar as palavras no latim popular, o *t* é a única que não passou como final para português. Começou por se abrandar aínda no latim popular, mudando-se no phonema sonoro correspondente *d*; em seguida caíu este mesmo, não se encontrando já no mais antigo português nenhum vestigio do *t* final, a não ser na conjuncção *et*, conservada por algum tempo no uso litterário ao lado de *e*. 85

Ex. : — As palavras *amat*, *amabat*, *amavit*, *amet*, *amaverat*, cujo *t* final tinha na lingua o valor próprio que tem em *prato*, passáram no latim popular a pronunciar-se substituindo o *t* por *d*, e dizendo *amad*, *amabad*, *amavid*, *amed*, *amaverad*, como usualmente ainda hoje se lê o latim em Portugal; depois de assim enfraquecido, acabou por caír.

Na fórma *est* do verbo *sum* deu-se, na passagem para o português, a queda não só do *t* final, mas ainda do *s* que o precedia, subsistindo apenas a vogal *é*. Succedeu isto não só para sêr a 3ª pessôa distincta da 2ª *és*, mas também por analogia com as fórmas correspondentes dos outros verbos : *és*, *é*, como *dás*, *dá*, *vês*, *vê*, etc.

86 O *m* final já ha mais tempo havia caído no latim popular; no próprio latim clássico achava-se atenuadíssimo, e mal se ouvia pronunciar, a não ser nos monosýllabos.

Por exemplo, as palavras *septem*, *dolorem*, *cantem*, *rosam*, *scribam*, *cantabam*, *murum*, *amatum* eram já pronunciadas pelo povo como se estivesse escripto *septe*, *dolore*, *cante*, *rosa*, *scriba*, *cantaba*, *muro*, *amato*, dando a este *o* final um som surdo, como em português.

87 A terminação consonántica *l*, que não existia no latim popular, e existe no português, resulta geralmente do ensurdecimento e queda successiva da última vogal ou dos últimos phonemas da palavra, tornando-se deste modo final a consoante que até alli era medial. Semelhante origem teve em muitas palavras a consoante final *r*, e ainda a consoante final *s*, especialmente quando na graphia moderna a vemos representada por um *z* (Cf. I, 114, 90 e 129).

Exemplifiquemos todas as terminações consonánticas portuguêsas e a sua derivação do latim : — *Deus* ← *Deus*, *Lucas* ← *Lucas*, *horas* ← *horas*, *amais* ← arch. *amades* ← *amatis*, *deveis* ← arch. *devédes* ← *debetis*; *paz* ← *pace(m)*, *dez* ← *dece(m)*, *juíz* ← *iudíce(m)*, *voz* ← *voce(m)*, *luz* ← *luce(m)*; *lar* ← *lar(em)*, *mar* ← *mar(e)*, *mulher* ← *muliér(em)*, *dever* ← *deber(e)*, *vestir* ← *vestir(e)*, *côr* ← *color(em)*, *seductor* ← *seductor(em)*; *mortal* ← *mortal(e)*, *leal* ← *legal(e)*, *cruel* ← *crudel(e)*, *capitel* ← *capitel(um)*, *abril* ← *april(em)*, *pueril* ← *pueril(e)*, *paúl* ← *palud(em)*, *curul* ← *curul(e)*.

II. — Consoantes simples mediais

Consoantes explosivas surdas. — As consoantes explosivas surdas (*c*, *t*, *p*), quando se acham em posição medial e sam simples, isto é, quando não vêem dobradas nem aggrupadas com outras consoantes, mas isoladas entre vogais, geralmente abrandam-se nas sonoras correspondentes (*g*, *d*, *b*). 88

Ex. : — *amicum* → *amigo*, *lacunam* → *lagôa*, *ciconiam* → *cegonha*, *vacare* → *vagar*; *catellam* → *cadella*, *materiam* → *madeira*, *coturnícem* → *codorniz*, *cogitare* → *cuidar*, *totum* → *todo*, *salutare* → *saudar*; *mancipium* → *mancébo*, *cupiditiam* → *cubiça*, *caepúllam* → *cebôla*, *capistrum* → *cabresto* (1), *caput* → *cabo*, *recipere* → *receber*, *ripam* ← *riba*, *cupam* → *cuba*, *capilum* → *cabélo*.

Exceptua-se o *c*, quando tem depois de si *e* ou *i*, pois então muda-se no phonema fricativo surdo *ç*, o qual por sua vez, quando se acha na referida posição, isto é, entre vogais, passa quási sempre à sonora correspondente *z*. 89

Ex. : — *precem* (leia-se *prekem*, e semelhantemente as palavras latinas seguintes) → *prece*, *decembrem* → *dezembro*, *acetum* → *azêdo*, *facére* → *fazer*, *iacere* → *jazer*.

As palavras portuguêsas terminadas em *z* vêem geralmente de palavras que terminavam no latim popular em *ce* ou *ci*, pelo ensurdecimento seguido da queda da vogal final. 90

Ex. : — *facit* → *face* → *faz*, *picem* → *péce* → *pêz*, *felicem* → *felíce* → *feliz*, *velocem* → *veloce* → *veloz*, *crucem* → *cruce* → *cruz*, *Antúnici* → *Antúniz* → *Antúnez*, *Roderiguici* → *Rodríguiz* → *Rodríguez*.

O phonema aspirado *h* desappareceu quando medial, do mesmo modo que nos casos em que era inicial, ficando apenas no uso orthográphico ordinário, mas sem valor algum phonético, a letra que o representava. Entretanto 91

1) Cf. I, 112.

nalgumas palavras parece que se conservou no latim popular da Lusitánia, transformando-se em phonema gutural, que subsistiu no português.

Ex. : — *mihi* → l. pop. medieval *michi*, *traho* → port. *trago*, *nihil* → l. pop. medieval *nichil*.

Consoantes explosivas sonoras. — Estas consoantes (*g*, *d*, *b*), quando simples e em posição medial, tiveram vários destinos : 92

a). — O *g* intervocálico, não sendo seguido de *e* ou *i*, caíu geralmente nas palavras que constituíam o primitivo vocabulário português. 93

Ex. : — *leal* ← *legale*, *real* ← *regale*, *liar* ← *ligare*, *liame* ← *ligamen*.

Sam entretanto numerosas as palavras em que o *g* se conserva, umas vindas por via erudita, outras importadas em tempos posteriores. 94

Ex. : — *ruga* ← *ruga*, *rogar* ← *rogare*, *régo* ← *rigo*.

Mas, sendo seguido de *e* ou *i*, degenerou na fricativa palatal *j*, que depois na maior parte dos casos, caíu. 95

Ex. : — *regere* → *reger* (= *rejer*), *rèdigit* → *redige* (= *redije*), *exigis* → *exiges* (= *exijes*); *legére* → *leér* → *lêr*, *quadragésimam* → *quaraésma* → *quareésma* ou *coreésma* → *quaresma* (lit.) ou *coresma* (pop.), *colligére* → *colheér* → *colher*, *regem* → *rei*, *regina* → arch. *reynha* → mod. *raínha*, *cogitare* → arch. *coidar* → *cuidar*, *corrígia* → *correia*, *sĭgillum* → arch. *seéllo* → *sêlo*, *magistrum* → arch. *meestre* → *mestre*, *magis* → *mais*, *legítimum* → *liídimo* → *lídimo*, *viginti* → arch. *viinte* → *vinte*, *triginta* → *trinta* → *triinta*, *quadragínta* → *quareénta* → *quarenta*.

b). — O phonema *d* intervocálico cai geralmente. 96

Ex. : — *crudum* → *cru(o)*, *gradum* → *grau*, **medullum* → *meôlo*, *crudele* → *cruel*, *videre* → *veér* → *vêr*, *credere* → *creér* → *crêr*, *sedem* → *sée* → *sé*, *hédera* → *hera*, *bádium* → *baio*, *fidele* → *fiel*, *medicinam* → *meezinha* → *mèzinha*, *va-*

dum → *vau*, *peduculum* → *piôlho*, *radicem* → *raíz*, *sudare* → *suar*, *taedam* → *teia*, *tradére* → *traír*, *traditorem* → *traidor*.

c). — O *b* simples em posição medial, ou intervocálico, geralmente attenuou-se primeiro na consoante bi-labial *u̯*, que depois se mudou na lábio-dental *v* (I, 108), chegando nalguns casos a caír. 97

Ex. : — *caballum* → *cau̯allo* → *cavallo*, *nubem* → *nu̯em* → *nuvem*, *gubernum* → *governo*, *hybernum* → *inverno*, *fibulam* → *fivéla*, *mirabilia* → *maravilha*, *dubitare* → *duvidar*, *cibare* → *cevar*, *fabam* → *fava*, *trabem* → *trave*, *scribére* → *escrever*, *probare* → *provar*, *ab-ante* → *àvante*, *amabat* → *amava*, *marru(b)ium* → *marroio*, *ibi* → *i i* → *aí*, *prae(b)enda* → *preenda* → *prenda*, *facie(b)at* → *faziia* → *fazia*, *vestie(b)as* → *vestiias* → *vestias*, e assim nos imperfeitos dos verbos de thema em *-e-* e *-i-*

Em algumas palavras conservou-se o *b* intervocálico. 98

Ex. : — *bibere* → *beber*, *subornare* → *subornar*, *sabucum* → *sabugo*, *habitare* → *habitar*.

Consoantes fricativas surdas. — Como no latim não havia o phonema palatal *x* (= *ch*), temos de nos occupar aqui apenas do *s* e do *f*. 99

a). — O phonema surdo *s* intervocálico passou em regra ao sonoro correspondente, que hoje. em parte do nosso país, se pronuncía como *z*. 100

Ex. : — *causa* (que se pronunciava *caussa*) → *causa* e *cousa*, *presentem* (que se pronunciava *pressentem*) → *presente*, *pausare* → *pousar*, *pensare* → *pesar*, *basem* → *base*, *accusare* → *accusar*, *famosum* → *famoso*, *vitiosum* → *viçoso*, *nivosum* → *nevoso*, *sponsum* → *esposo*, *mensuram* → *mesura*, *consuére* → *coser*.

Ha alguns exemplos de se mudar a consoante *s* na fricativa palatal surda *x* (= *ch*) 101

Ex. : — *vesica* → *bexiga*, *in-sapidum* → *enxàbido*, *insertare* → *enxertar*, **insúlfurem* → *enxôfre*. Explica-se esta mudança pela proximidade de som do reverso *ṣ* e do palatal *x*.

Em tempos antigos é possivel que o *s* soasse em todo Portugal como o reverso beirão *ṣ*; não ha dúvida de que, pelo menos em grande parte do país, assim succedia, distinguindo-se perfeitamente na pronúncia o *s* do *ç*. Hoje dá-se isto apenas numa pequena parte de Portugal, mas em todo elle se conserva o *ṣ* reverso no final de sýllaba, como pode verificar-se confrontando a pronúncia deste phonema em s*aber* e em *hora*s, em *pa-ssa* e *pas-ta*, em *per-sa* e *pes-ca*, etc. 102

O sonoro correspondente ao *ṣ* é o *ẓ* que aínda hoje se ouve ao pronunciar a palavra *de*s*de* ou *gra*s*na*; o que corresponde a *ç* é o *z* que se ouve ém *ra*z*ão* e *fa*z*er*.

b). — O phonema làbio-dental surdo *f*, quando intervocálico, primitivamente abrandou-se no sonóro correspondente *v*. 103

Ex.: *trĭfolium* → *tréfolo* → *trêvoo* → *trêvo*, **acĭfolium* (= *aquifolium*) → *acéfolo* → *azêvoo* → *azêvo* (que aínda se encontra no derivado *azevinho*), *aurĭficem* → *ourívice* → arch. *ourívíz* → *ourívez* (que hoje costuma escrever-se incorrectamente *ourives*), *Stéphanum* (= *Stéfanum*) → *Estêvão*, *Christóphorum* (= *Christóforum*) → *Christófo(ro)* → arch. *Christóvo* → *Christóvão* (talvez por falsa analogia com Estêvão).

Em muitas palavras porém do uso restricto da gente culta, ou importadas em tempos mais recentes, o *f* intervocálico permaneceu. 104

Ex.: — *praefectum* → *prefeito*, *proferire* → *proferir*, *profundum* → *profundo*, *maleficium* → *malefício*.

Consoantes fricativas sonóras. — Como no latim não havia o phonema palatal *j*, nem o apical sonoro *z*, nem o labio-dental *v*, temos de considerar apenas os restantes desta classe (*i̯* e *u̯*). 105

a). — O phonema palatal latino *i̯* consoante, quando intervocálico, nuns casos conservou-se em português, noutros transformou-se em *j*. 106

Ex. : *raiam* → *rai̯a*, *mai̯um* → *mai̯o*, *mai̯orem* → *mai̯or* e *majór*, *mai̯úsculum* → *mai̯úsculo*; *i̯ei̯unare* → *jejuar*, *mai̯estatem* → *majestade*.

Em raros casos se vocalizou e se dithongou com a vogal precedente, vindo a contrahir-se com ella numa vogal simples.

Ex. : — *pei̯orem* → *peiór* → *peór*.

108 b). — A consoante fricativa bi-labial latina *u̯* (que se escrevia *v*), quando entre vogais transformou-se geralmente na làbio-dental *v*.

Ex. : — *avenam* (que se lia *au̯enam*) → *aveia*, *clavum* (que se lia *clau̯um*) → *cravo*, *pluviam* → *chuva*, *uvam* → *uva*, *navigium* → *navio*, *novaculam* → *navalha*, *guviam* → *goiva*, *avem* → *ave*, *lavare* → *lavar*.

109 Mas estando em contacto com um *i*, em vez de se transformar, caíu ordinàriamente.

Ex. : — *aestivum* (que se lia *estíu̯um*) → *estio*, *vacivum* → *vazio*, *rivum* → *rio*, *civitatem* → *cividade* → *ciidade* → *cidade*, *amavi* → *amei*, *implevisti* → *encheeste* → *encheste*, *vestivĭmus* → *vestiimos* → *vestimos*.

110 **Consoantes líquidas.** — Havia no latim duas consoantes líquidas, o *r* e o *l*.

111 a). — O phonema *r* intervocálico latino permaneceu em português.

Ex. : — *barbărum* → *bárbaro*, *scarabicŭlum* (der. de *scarabaeum*) → *escaravelho*, *farina* → *farinha*, *i̯urare* → *jurar*, *loricam* → *loriga*, *viperam* → *vibora*, *pei̯orare* → *peorar*, *aranea* → *aranha*, *arat(r)um* → *arado*, *aeramen* → *arame*, *corona* → *corôa*, *dolorem* → *doôr* → *dôr*.

112 Este phonema tem uma particularidade notavel; a extrema mobilidade de que é dotado, mudando com facilidade de logar na palavra, phenómeno conhecido pelo nome de *metáthese*. As metátheses estám sujeitas a regras complicadas, que aqui não podemos especializar.

Ex. : — *capistrum* → *cabresto*, *fenestram* → *freesta* → *fresta*, *pagrum* → *pargo*, *tenebras* → *treevas* → *trevas*.

b). — O *l* intervocálico, pelo contrário, em geral caíu. **113**

Ex. : — *aquĭla* → *águia*, *caelum* → *ceu*, *palum* → *pau*, *palatium* → *paaço* → *paço*, *dolorem* → *doôr* → *dôr*, *dolentem* → *doénte*, *molinum* → *moínho*, *palumbum* → *paombo* → *pombo*, *pulire* → *poír*, *salire* → *saír*, *malum* → *mau*, *molére* → *moér*, *populum* → arch. *pôboo* → *pôvo*, *alumen* → *aúme*, *gelata* → *geada*.

As palavras portuguêsas terminadas em *r* e *l* vêem geralmente de palavras latinas em *re* e *le*, apocopadas pela queda do *e* final. **114**

Ex. : — *larem* → l. pop. *lare* → *lar*, *mare* → *mar*, *amare* → *amar*, *muliĕrem* → l. pop. *muliére* → *mulher*, *facĕre* → l. pop. *facere* → *fazer*, *quaerĕre* → *querére* → *querer*; *ire* → *ir*, *aperire* → *abrir*, *florem* → l. pop. *flore* → *flôr*, *traditorem* → l. pop. *traditore* → *traidor*.

Consoantes nasais. — Temos a considerar apenas os phonemas *m* e *n*, únicas consoantes nasais que havia no latim popular. **115**

a). — A consoante nasal apical *n*, quando intervocálica, não se conservou no português. Dissolveu-se na vogal precedente nasalizando-a, e manteve-se por algum tempo na escripta o respectivo signal gráphico, indicando, não já a consoante que não existia, mas a nasalidade da vogal. O português moderno perdeu nessas palavras o som nasal do phonema vocálico, único vestígio do phonema consonántico latino, e em consequéncia supprimiu-se na escripta a respectiva letra *n*. **116**

Ex. : — *alienum* → *alhẽo* (escrevendo-se *alheno*) → *alhéo* → *alheio*, *arenam* → *arẽa* (escrevendo-se ainda *arena*) → *aréa* → *areia*, *corona* → *corõa* → *coróa*, *cena* → *cẽa* → *céa* → *ceia*, *monéta* → *mõéda* → *moéda* → *fenestra* → *fẽestra* → *freesta* → *fresta*, *catena* → *cadẽa* → *cadéa* → *cadeia*, *seminare* → *semẽar* → *semear*, *minutum* → *mĩudo* → *miudo*, *cunículum* → *cõẽlho* → *coêlho*, *vanitatem* → *vãïdade* → *vaidade*, *bòna* → *bõa* → *bôa*, *luna* → *lũa* → *lua*.

117 Ha porem algumas palavras, todas certamente ou de origem erudita ou de importação posterior à epocha em que se realizou em português o mencionado phenómeno da dissolução do *n* na vogal, as quais aínda conservam aquelle phonema.

Ex.: — *crinem* → *crina* ou *clina* (ao lado de *grenha*, que faz suppor no l. pop. a fórma *crinea=crinia*, que lhe servisse de étymo), *foenum* → *fêno* *finalem* → *final*, *fortuna* → *fortuna*, *venenum* → *veneno*, *examinare* → *examinar*.

118 Em casos excepcionais o *n* mudou-se em *l*, como em *alimária* der. de *alimal* (pop.) ← *animal*, *alma* (por *álima*) ← *animam*.

119 b). — Pelo contrário a consoante nasal labial *m* ordinàriamente manteve-se entre vogais.

Ex.: — *amicum* → *amigo*, *daemon* → *démo*, *comedére* → *comeér* → *comer*, *assimilare* → *assemelhar*, *famam* → *fama*, *géminum* → *gémio*, *inimicum* → arch. *ĩimigo* → *ĩmigo* e mod. *inimigo*, *cremare* → *queimar*, *pomarem* → *pomar*, *nomen* → *nome*, *lumen* → *lume*, *similantem* → *semelhante*, *cúmulum* → *cômoro* (ao lado de *combro*).

C). — Consoantes dobradas

120 **Simplificação das consoantes dobradas.** — As geminações consonánticas do latim não passáram para o português; conservam-se cá apenas na escripta, mas não na pronúncia. Enquanto no italiano sôam bem distinctamente os dois phonemas geminados, no português simplificáram-se as geminações, subsistindo em geral o mesmo som consonántico, mas simples.

As geminações produziram em português o effeito de fazerem permanecer os próprios phonemas surdos, posto que simplificados, naquelles mesmos casos em que, se fôssem origináriamente simples, se mudariam nos sonoros correspondentes.

Exemplificando : — Se o *c* intervocálico se abranda normalmente em *g*, o *cc* attenua-se em *c*. Veja-se, v. g., *acutum* → *agudo* e *accuso* → *acuso* (embora a maior parte da gente continúe no português a escrever *accuso*). Semelhantemente *gutta* → *gota*, *cappa* → *capa*, *adducere* → *aduzir*, *abbatem* → *abade*, etc.

121 Ha a observar que em português ainda se conserva differença de pronúncia no *r* intervocálico, quando é geminado e quando é simples. Geminado tem um som vibrante fórte e prolongado; simples tem geralmente um som brando e rápido. O *r* inicial tem a mesma pronúncia do geminado, e o final a mesma do simples.

D) — Grupos consonánticos

122 **Grupos latinos e grupos románicos.** — Sam numerosos os grupos de consoantes nas palavras portuguêsas. Destes grupos uns vieram-nos do latim, como *gr* (*grandem* → *grande*, *gravem* → *grave*), outros formáram-se quando se elaboravam as línguas románicas. e resultáram, ou da queda de vogais intermédias, ficando em contacto consoantes até alli separadas, ou da transformação de outros grupos de consoantes, ou finalmente de metátheses.

Vamos considerar apenas os grupos em que mais importantes e gerais modificações se deram na passagem do latim para o português.

123 **a**). — Os grupos *cl*, *pl*, e *fl* prètónicos nas palavras portuguêsas de formação primitiva deram ordinàriamente o phonema *ch* (= *x*).

Ex. : — *clamare* → *chamar*, *clavem* → *chave*, *c(e)leúsmam* → ***ch**usma*, *clausum* → arch. *chouso* → *chós* (1); *plumbum* → *chumbo*, *planum* → *chão*, *plorare*

(1) Denomina-se *chós* uma cova feita na terra, e fechada por uma tampa movel, que na serra da Estrella se arranja como armadilha para caçar as perdizes vivas.

→ *chorar, plagam* → *chaga, platum* → *chato, plus* → *chus, implere* → *encher; inflatum* → *inchado, a(f)flare* → *achar, flammam* → *chama, flagrare* → *cheirar.*

124 — *cl*, *gl*, *tl* e *pl* pòstónicos deram geralmente *lh*.

Ex.: — *oc(u)lum* → *olho, ovic(u)lam* → *ovêlha, acuc(u)lam* → *agulha, genuc(u)lum* → *geôlho* (= *joêlho*), *vermic(u)lum* → *vermêlho, mác(u)lam* → *malha; reg(u)lam* → *rêlha, coag(u)lum* → *coálho, teg(u)lam* → *têlha, sit(u)lam* → *sêlha, rot(u)lam* → *rolha, vet(u)lum* → *velho: scop(u)lum* → *escôlho, manup(u)lum* → *manôlho.*

125 — *gn* deu ordinàriamente *nh*.

Ex.: — *pugnum* → *punho, agnum* → *anho, signa* → *senha, cognatum* → *cunhado, ligna* (plur.) → *lenha, tam-magnum* → *tamanho.*

126 b). — Os grupos *di̯*, *si̯*, *bi̯* e *vi̯* seguidos de vogal deram geralmente o phonema fricativo simples *j*.

Ex.: — *hodi̯e* → *hoje, invidi̯am* → *inveja, video* → *vidi̯o* → *vejo, *dissidi̯um* → *desejo; basi̯um* → *bêjo* → *beijo, caseum* → *casi̯um* → *quêjo* → *queijo, cervisi̯a* → *cerveja, ecclesi̯a* → *igreja, laesi̯onem* → *a-lejon* → *a-leijão; habeas* → *habi̯as* → *hajas, *sabi̯um* → arch. *sage* = *saje; fovea* → **fovi̯um* → *fôjo, *leviarium* → *lejairo* → *lejeiro* (que se costuma escrever *ligeiro*).

127 — *li̯* seguido de vogal deu *lh*.

Ex.: — *fili̯um* → *filho, mili̯um* → *milho, paleam* → *pali̯am* → *palha, maleum* → *mali̯um* → *malho, meli̯orem* → *melhor, ali̯enum* → *alhêo* → *alheio, muliérem* → *mulher, spoliare* → *esbolhar.*

128 — *ni̯* seguido de vogal deu *nh*.

Ex.: — *lineum* → *lini̯um* → *linho, vinea* → *vini̯a* → *vinha, montanea* → *montani̯a* → *montanha, teneas* → *teni̯as* → *tenhas, seni̯orem* → *senhor, straneum* → *strani̯um* → *estranho, pinea* → *pini̯a* → *pinha, aranea* → *arani̯a* → *aranha, San(ctum)-Ioannem* → *Sani̯oanne* → *Sanhoane* (nome de localidade).

129 — *ti̯* seguido de vogal, bem como *ci̯* seguido de vogal deram *ç*, que, ficando entre vogais, se mudou muitas vezes em *z* (Cf. I, 89).

Ex.: — *acutiare → aguçar, plátea → platia → praça, linteum → lintium → lenço, palatium → paaço → paço, populationem → populaçon → população, rationem → raçon → razon → razão, justitiam → justeza, avis-struthio → avestruz; facio → faço, iaciat → iaça → jaza.*

c). — O grupo *qu* seguido de qualquer vogal perdeu ordinàriamente o segundo elemento do grupo, embora aínda se mantenha na escripta, mas sem valor phonético; o *q* (= *c*), ficando intervocálico depois da queda do *u*, soffreu o abrandamento usual em *g* (Cf. I, 88). 130

Ex.: — *quaternum → caderno, quærere → querer (= kerer), quietum → quieto (= kieto), aquila → águia (= ághia), quomodo → como, quota → cota.*

Ha contudo bastantes excepções, quási todas de origem litterária, e mantendo-se apenas no meío litterário. 131

Ex.: — *quotidianum → quotidiano* (arch. *cotidiano*, segundo a regra), *aqua → água* (arch. e pop. mod. *auga*), *quadragesima → quaresma* (pop. *coresma*).

— *gu* seguido de qualquer vogal, que não fosse *e* ou *i*, manteve-se geralmente; mas seguido de alguma destas duas vogais perdeu o segundo phonema do grupo, que se conserva apenas na escripta para indicar que a letra *g* tem o som primitivo e não o de *j* (Cf. I, 77 e 95). 132

Ex.: — *linguam → língua, ambiguum → ambiguo, contiguam → contígua sanguinem → sangue (= sanghe), extingue → extingue (= extinghe), distinguisti → distinguiste (= distinghiste).*

d). — No grupo *ct* precedido de vogal, ordinàriamente vocalizou-se o *c*; e precedido de consoante perdeu o primeiro elemento do grupo, provavelmente depois de se ter assimilado ao *t*. 133

Ex.: — *actum → auto, delectare → deleitar, octo → outo → oito, noctem → noute → noite, octobrem → outubre → outubro, fructum → fruito, → fruto, sanctum → santo, iunctum → junto, defunctum → defunto, tinctum → tinto, cinctam → cinta.*

— *l + consoante* — em geral vocalizou-se o *l*, mas em muitos casos conservou-se. 134

Ex. . — *alt(e)rum* → *autro* → *outro*, *falcem* → *fauce* → *fouce*, *multum* → *muito*; *altum* → *alto*, *cal(i)dum* → *caldo*, *album* → *alvo*.

— *cs* (*x* latino) — no maior número de casos vocalizou-se o *c*, tomando o *s* por vezes o som fricativo palatal surdo *ch* (Cf. I, 101 e 102); algumas vezes o *c* assimilou-se ao *s*; outras mudou-se o grupo no phonema *ch* (permanecendo escripto com *x* como no latim). 135

Ex. : — *sex* (= *secs*) → *seis*, *exemplum* (= *ecsemplum*) → *eisemplo* → *isemplo* (continuando entretanto a escrever-se *exemplo*), *examen* (= *ecsamen*) → *eisame* → *isame* (que se escreve *exame*), *saxum* (= *sacsum*) → *seixo*, *laxare* (= *lacsare*) → arch. *leixar* → mod. *deixar*; *sexaginta* → l. pop. *sexagenta* (= *secsagenta*) → *sessaenta* → *sessenta*, *dixit* (= *dicsit*) → *disse*, *texere* (= *tecsere*) → *tesser*, *coxa* (= *cocsa*) → *côxa* (= *côcha*), *luxum* (= *lucsum*) → *luxo* (= *lucho*).

e). — Nos grupos *ps* e *rs* ha ordinàriamente assimilação da primeira consoante ao *s*. 136

Ex. : — *ipse* → *êsse*, *ipsum* → arch. *êsso* e mod. *isso*, *gypsum* → *gêsso* (mas *capsa* → *caixa*); *adversum* → *avêsso*, *persicum* → *pêssego*, *persona* → *pessôa*.

— *ns* em geral simplificou-se pela queda do primeiro elemento. 137

Ex. : — *mensem* → *mês*, *portugalensem* → *portugaés* → *português*, *mensam* → *mésa*, *dispensam* → *despésa*, *sponsam* → *espôsa*, *tensum* → *têso*, *mensura* → arch. *mesura* (= *medida*), *pensare* → *pesar*, *min(i)sterium* → *mister*, *prensum* → *prêso*, *defensa* → *deféssa*.

— *ds* (*z* latino), pela queda do primeiro elemento e pelo abrandamento usual do segundo (*s* intervocálico → *z*), deu a fricativa sonora portuguêsa *z* (I, 100), que ficou representada pela mesma letra, que no latim representava o grupo. Algumas vezes o *z* muda-se em *i*. 138

Ex. : — *baptizare* (= *baptidsare*) → arch. e pop. mod. *bautizar* e litt. *baptizar* (= *bàtizar*), *zelosum* (= *dselosum*) → *zeloso*, *zingiberi* → *jingibre*, *zizypha* (plur.) → *jujuba*.

139 Encontram-se alguns casos da mudança em sentido inverso a esta, nos quais o *j* apparece mudado em *z*.

Ex. : — *juniperum* → *zimbro*. Ha tambem as fórmas pop. *zinébra* em vez de *genebra* (que devia escrever-se *jenebra* ← pl. *junip(e)ra*), *rezisto* em vez de *registro* ← *registrum*, *Jorze* por *Jorge* ← *Georgius*.

140 Quando porém o grupo *ds* não corresponde ao *z* latino, mas resulta do encontro dos dois phonemas, distinctos no latim, então dá-se geralmente a assimilação do *d* ao *s*.

Ex. : *adsimilare* → *assemelhar*, *adsistere* → *assistir*, *adsumere* → *assumir*.

141 f). — Em *cr* e *tr*, quando intervocálicos, dá-se em geral o abrandamento do primeiro phonema no sonoro correspondente; em *pr* nas mesmas condições também se dá algumas vezes semelhante abrandamento : *cr* → *gr*, *tr* → *dr*, *pr* → *br* (I, 88).

Ex. : — *lacrima* → *lagrima*, *vinum-acre* → *vinagre*, *sacrare* → *sagrar*, *secretum* → *segrêdo*; *utrem* → *ôdre*, *latronem* → *ladron* → *ladrão*, *cuprum* → *cobre*, *capram* → *cabra*.

142 g). — No grupo *pt* deu-se quasi sempre a queda do *p*, algumas vezes a sua vocalização.

Ex. : — *ruptum* → *rôto*, *crypta* → *gruta*, *neptem* → *neta*, *septem* → *sete*, *captare* → *catar*, *comp(u)tare* → *contar*; *baptizare* → arch. e pop. mod. *bautizar*, *captivum* → arch. *cautivo*, *conceptum* → *conceito*, *praeceptum* → *preceito*, *receptare* → *receitar*.

143 h). — O grupo *s + consoante*, quando inicial da palavra, dá sempre logar à anteposição de um *e*.

Ex. : — *speciale* → *e-special*, *stella* → *e-strella*, *scribo* → *e-screvo*, *strictum* → *e-streito*, *scutum* → *e-scudo*, l. pop. *strancum* = *stranium* → *e-stranho* (e

não *extranho*), *scalata* → *e-scaada* → *e-scada*, *spata* → *e-spada*, *spica* → *e-spiga*, l. pop. *Spania* → *E-spanha* (e não *Hespanha* nem *Hispanha*).

Este mesmo phenómeno se dá quando o *s* se tornou inicial pela perda dos phonemas, que na palavra original o precediam. **144**

Ex. : — (*ob*)*scurum* → *e-scuro*, (*ab*)*scondere* → *e-sconder*, (*au*)*scultare* → *e-scuitar* → *e-scutar*.

i) — Nos grupos *m + consoante* e *n + consoante* deu-se ordinàriamente a dissolução da consoante *m* ou *n* na vogal precedente, nasalizando-a. **145**

Ex. : — *simplicem* → *simples* = *sĩples*, *campum* → *campo* = *cãpo*, *ambos* → *ambos* = *ãbos*, *lumbum* → *lombo* = *lõbo*; *facienda* → *fazenda* = *fazẽda*, *ferramenta* (plur.) → *ferramenta* = *ferramẽta*, *truncum* → *tronco* = *trõco*, *unde* → *onde* = *õde*, *fontem* → *fonte* = *fõte*, *nunquam* → *nunca* = *nũca*, *precunctare* → *preguntar* = *pregũtar*.

Nota. — Já na anterior *Grammática portuguêsa*, em nota a pag. 67, advertimos que se deve escrever e dizer *preguntar* e não *perguntar*. É este um dos numerosos exemplos de palavras da nossa língua deturpadas pela gente pretenciosa, que se entretém a phantasiar falsas etymologias. — O verbo latino *percontari* tinha, é verdade, a mesma significação que o português *preguntar*, mas isso não é sufficiente para se affirmar que este deriva delle. O verdadeiro étymo de *preguntar* está no verbo do latim popular *precunctari* → *precunctare*, que se encontra nos manuscriptos medievais, e de que nos dá conta o *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis* de Du Cange, 3ª ed. Este verbo confundiu-se nos seus usos com *percontare*, e usurpou-lhe a significação. Só assim podem explicar-se estes factos :

1º O abrandamento do *c* em *g*. Este abrandamento dá-se apenas quando o *c* é intervocálico (I, 88) e no grupo *cr* também intervocálico (I, 141); no grupo *rc* o *c* sempre se conserva, como em *arca*, *fôrca*, *pôrco*, *parca*, *cérco*, *estérco*, *circuito*, *mercador*, *circular*, etc. *Percontare* pois só podia dar *percontar*, como *percurrere* deu *percorrer*, *percutere* deu *percutir*, etc.

2º A fórma portuguêsa *preguntar*, que encontramos invariavelmente nos documentos do português archaico, conservou-se sem alteração na linguagem litterária até ao sec. XVI, e ainda hoje se conserva nos fallares do povo em todo o país.

3º Tanto no codialecto gallêgo, como na língua espanhola encontramos ainda hoje, na própria linguagem litterária, a palavra *preguntar*, tal como sempre existiu e existe nos fallares do povo português.

Fôram os pretenciosos etymologistas dos secc. XVI e XVII, que tentáram aproximar a palavra portuguêsa da latina *percontare*, e a torturáram, violentando-a a tomar artificialmente a fórma *perguntar*; processo semelhante ao que empregáram para fazerem de *estar* (←l. *stare*) *extar* e *exstar*, por suppôrem que derivára de *exstare*, e bem assim para de *Sintra* fazerem *Cintra*, relacionando esta palavra com *Cynthia*, de *Seia* fazerem *Ceia*, suppondo-lhe o étymo *Cena*, etc.

148 Não nos occupamos aqui dos grupos consonánticos, que de ordinário subsistiram no português, e daquelles que soffrêram apenas transformações accidentais ou menos gerais, por esses não terem cabida neste livro.

LIVRO II

Morphologia

Objecto da morphologia. — Depois do estudo histórico dos sons constitutivos da língua portuguêsa feito no livro anterior, vamos agora occupar-nos da histórica das palavras e fórmas respectivas. É este o objecto da *morphologia histórica*. 1

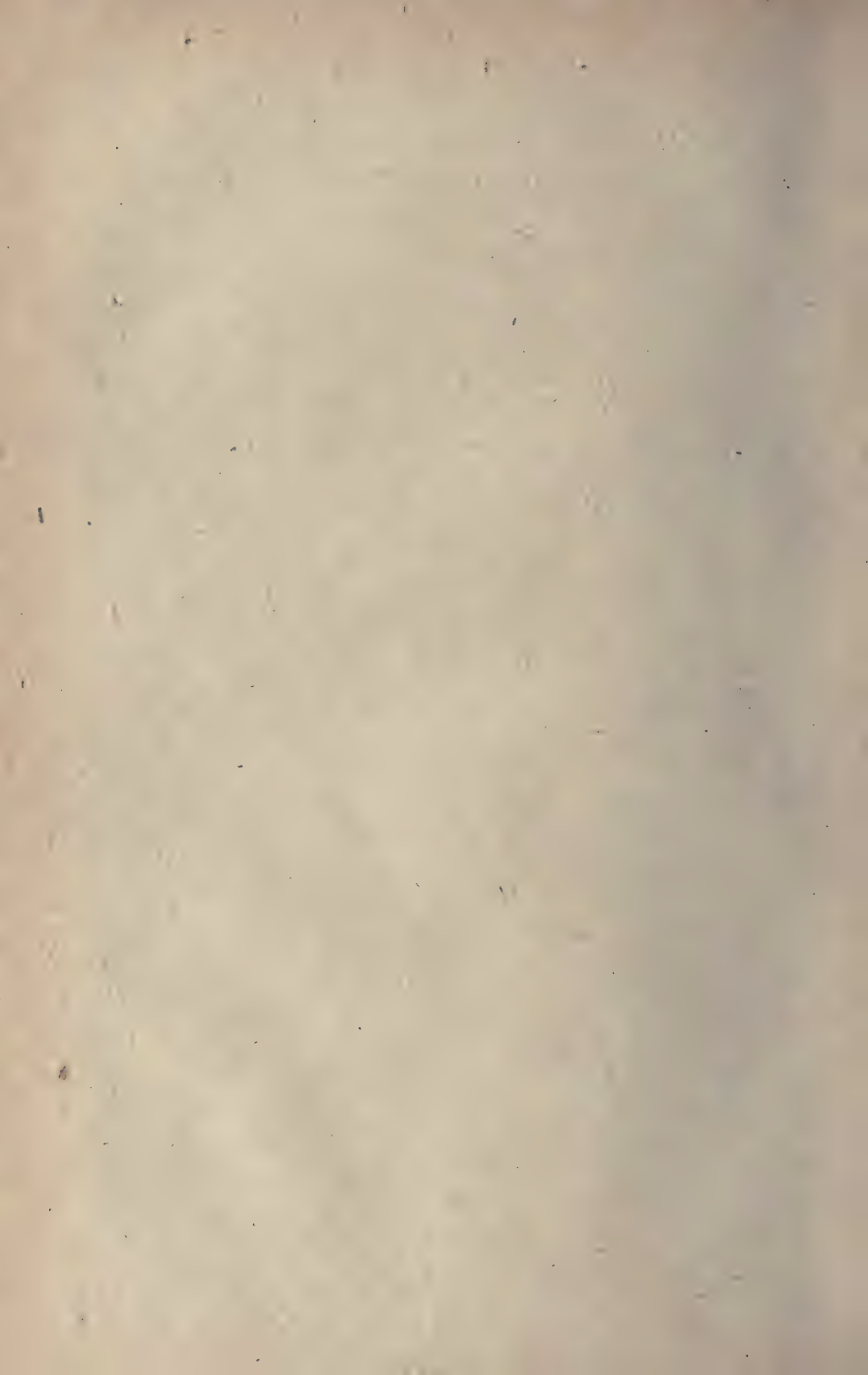
Observámos na phonética a grande mobilidade dos sons que constituem as palavras da língua. Através das diversas phases por que têem passado, desde o latim popular fallado na Lusitánia até ao moderno português, uns phonemas perdêram-se, outros modificáram-se mais ou menos profundamente, outros apparecêram de novo, tudo segundo regras fixas, segundo leis naturais que a phonética histórica, um dos ramos da linguística, tem descoberto e determinado. 2

Pois egual mobilidade existe nas palavras que constituem o nosso vocabulário, e nas fórmas diversas que ellas podem apresentar flexionando-se.

Secções em que a morphologia se divide. — O material léxico herdado do latim popular era grande, e ficou constituíndo o fundo primitivo da língua portuguêsa, sendo largamente ampliado no decorrer dos tempos pela importação de palavras exóticas vindas de proveniências diversas, e principalmente pela formação de palavras com elementos da própria língua. Percorrer as diversas categorias de palavras, descobrir e assentar as origens, indagar a proveniência de cada vocábulo, as transformações que tem soffrido, tanto nos phonemas como na significação, as passagens que tem realizado de uma para outra categoria grammatical, como têem muitos delles morrido depois de vida mais ou menos longa, mais ou menos accidentada, eis o que se estuda na *lexiologia histórica*, a primeira das partes da morphologia. 3

Entre as palavras, que a lexiologia estuda e classifica, muitas ha que não fôram herdadas do latim popular, mas importadas de línguas estranjeiras nos diversos períodos do português, ou formadas na nossa própria língua com elementos nella preexistentes, e em virtude de uma faculdade orgánica possuída por todas as línguas vivas. Determinar scientìficamente essa faculdade orgánica de apropriação e de producção de novas palavras, bem como as leis segundo as quais se exerce, e estudar os elementos que servem para esta producção, remontando até às origens da língua, tal é o objecto da *thèmatologia histórica*, segunda parte da morphologia. 4

Finalmente fazer o estudo histórico das flexões nominal e verbal, acompanhar o seu mecanismo desde o systema flexional latino até ao português hodierno, ver e determinar em face dos princípios scientíficos como de um se passou ao outro, comparando as respectivos fórmas flexionais e descobrindo as fórmas intermediárias de transição, é o que faz a *camptologia histórica*, terceira e última parte da morphologia. 5

É de tudo isto que nos vamos occupar, com a brevidade compativel com a clareza, nas três secções em que se divide este livro **II**. 6

SECÇÃO I

Lexiologia

CAPÍTULO I

Léxico português

A). — Origens do léxico português

O léxico do latim popular da Lusitánia. — Investigando as origens do léxico português, achamos, como era natural, que o vocabulário primitivo da nossa língua se identificava na essência com o vocabulário do latim popular fallado na Lusitánia. 7

Este vocabulário differia bastante do latino clássico, especialmente em ser muito mais pobre de termos. A língua fallada pelo povo, numa épocha em que a vida litteraria se extinguíra, não carecia da superabundáncia de termos que haviam sido usados pelos litteratos na edade áurea da civilização romana.

Confrontando o vocabulário latino popular com o clás- 8

sico, encontramos as seguintes principais notas, que caracterizam aquelle :

a). — Muitas das palavras do vocabulário latino clássico tinham desapparecido, já porque significavam objectos ou idéas que haviam passado, já porque as idéas ou objectos significados eram expressos por outros termos. 9

Como exemplo apontamos as seguintes palavras, que se acham neste caso : — *ros, amnis, dilúculum, rubigo, aries, cornix, sus, mustela, felis, exta, praecordia, genae, mentum, fur, civis, uxor, lapicida, auriga, equus, eques, mus, miles, telum, pilus, chlamis, paenula, monile, theca, verber, merum, edulum, fas, nefas, spes, robur, preces; parvus, necesse, comes, edax, ingens, inanis, rufus, mitis, tutus; hortari, irasci, jubere, audere, augere, cavere, flagitare, necare, potare, mergere, noscere, metuere, sepelire, proficisci, tacere, terrere, respuere, plectere, negligere.*

Ha entre estes vocábulos muitos, que antes de desapparecêrem deram logar a outras palavras, que delles derivâram, e que ainda hoje se conservam na nossa lingua.

b). — Muitas palavras de origem popular, cujas significações se ampliáram ou especificáram, designavam idéas ou objectos, que no latim clássico eram expressos por vocábulos que desapparecêram. 10

Ex. : — *proba* → *prova, battalia* → *batalha, abante* → *àvante, caminum* → *caminho, spatha* → *espada, camisia* → *camisa, caballarium* → *cavalleiro, sanguisuga* → *sanguesuga, cattum* → *gato, casale* → *casal; quiritare* → *gritar, masticare* → *mastigar, follicare* → *folgar.*

c). — Numerosas palavras fôram lenta e gradualmente substituídas pelos respectivos diminutivos, significando estes o mesmo que aquellas, isto é, perdendo a noção de diminutivos. 11

Ex. : — *acúcula* (por *acus*) → *agulha, aurícula* (por *auris*) → *orêlha, apícula* (por *apis*) → *abêlha, ansícula* (por *ansa*) → *asêlha, vulpícula* (por *vulpis*) → *golpêlha, ovícula* (por *ovis*) → *ovêlha, cubitellum* (por *cubitum*) → *cotovello*

rigídulum (em vez de *rigidum*) → *relho*, *folículum* (por *folium*) → *folhêlho*· *genúculum* (por *genu*) → *geôlho* e *joêlho*, *scarabículum* (por *scarabaeum*) → *escaravêlho*, *lusciniolum* (por *luscionum*) → *rouxinol*.

d). — Outros vocábulos, mudando de significação, passáram a designar objectos que até alli não designavam, eliminando-se portanto os nomes por que esses objectos anteriormente eram expressos. 12

Ex.: — *Apotheca* significava um logar onde se guardavam provisões, e passou a designar qualquer casa pequena; em português apparece-nos sob a dupla fórma *bodega* (taberna pequena e immunda) e *botica* (estabelecimento onde se vendem drogas e preparados pharmacéuticos). — *Arista* designava a barba da espiga, e passou a designar os pequenos fragmentos não filamentosos do linho, que saltam quando elle soffre a preparação; conserva-se em português neste sentido popular sob a forma *aresta*. — Chamava-se *burdonem* o mu ou macho; d'ai veiu a significar o cajado a que os peregrinos se encostavam, passando para português com este sentido na fórma *bordão*. — *Burrus* era um adjectivo, que significava vermelho; especializou-se, e passou a designr qualquer jumento que tivesse côr arruivada (*burrus* = *asinus burrus*); por fim generalizou-se a todos os indivíduos da espécie asinina, qualquer que fôsse a sua côr, substituindo a palavra *asinus*. — *Charta* significava a folha em que se escrevia, e passou a designar a própria escripta dirigida a um ausente, substituindo as palavras *epistula* e *litterae*. — *Cubitum* (o cotovêllo), depois de ser substituido, na significação primordial que tinha, pelo diminutivo *cubitellum* → *cotovêllo*, conservou a significação de medida, que no português mantem sob a fórma *côvado*; e, syncopando-se, a mesma palavra *cubitum* deu também a portuguêsa *côto*, com a significação de braço mutilado na altura do cotovêllo, donde vieram as outras significações que esta última palavra tem. — *Focus* perdeu a significação de lar onde se accendia o lume, para significar o próprio lume, substituindo a palavra *ignis*; de *focum* veiu o nosso *fôgo*. — *Pigmentum* significava côr para pintar, e no plural quaisquer drogas; especializou-se, passando a significar o que os latinos chamavam *piper*, e com este mesmo sentido se formou do plural *pigmenta* o nome sing. feminino *pimenta*. — *Potionem*, o acto de beber, e também qualquer bebida, tomou o sentido especial de bebida envenenada, e veiu a dar o port. *peçonha*. — *Rapum* significava o rábano ou a cenoura; tomou a significação de cauda de qualquer animal, e deu o vocábulo port. *rabo*; de *rapum*, com esta última significação, derivou *raposa* (= animal de grande rabo), que substituiu *golpelha* ← *vulpicula*.

e). — Havia no léxico do latim popular muitas palavras de origem estranjeira latinizadas. 13

Sirvam de exemplo as seguintes : — GREGAS : — *parabola* (substituindo o vocábulo *verbum*) → *palavra*, *bursa* (em vez de *marsupium* ou *zona*) → *bolsa*, *zomum* (em vez de *succum*) → *çumo*; *platum* (ao lado de *planum*) → *chato* (ao lado de *chão*). — CÉLTICAS : — *cuniculus* → *coêlho*, *canthus* (substituindo *carmen*) → *canto*, *cerevisia* → *cerveja*, *gurdum* → *gordo*, *leuca* → *légua*. — PHENÍCIA : — *barca*, que se conserva em português. — VASCONÇAS : — *alabea* → *aba*, *balsa*, que se conserva em português.

f). — Numerosos eram também os vocábulos formados na própria língua latina popular, especialmente os derivados e compostos de palavras originàriamente latinas ou latinizadas. 14

Ex. : — *hortulanum* → *hortelão*, *cupiditia* → *cubiça*, *boatum* → *boato*, *malefactorem* → *malfeitor*, *impostorem* → *impostor*, *bocceale* → *boçal*, *sperantia* → *esperança*, *vacivum* → *vazio*, *juramentum* → *juramento*; *mammare* → *mamar*, *excaldare* → *scaldare* → *escaldar*, *duplare* → *dobrar*, *assolare* → *assolar*, *absentare* → *ausentar*, *abortare* → *abortar*, *abreviare* → *abreviar*.

Avultam nesta classe as palavras formadas com o suff. lat. *-arĭus*, fem. *-arĭa*, conservando muitas vezes o vocábulo derivado a mesma significação que tinha a palavra primitiva; ex. : — *olivarius* ← *oliva*, **castanearius* (→ *castanherius*, port. *castanheiro*) ← *castanea*, *ceresarius* ou *ceresearius* ← *ceresea* ← *cerasea*, *avellanarius* (port. *avelleira*) ← *avellana*, **mespilarius* (→ *mespolerius*, port. *nespreira*) ← *mespĭlus*, *persicarius* (port. *pessegueiro*) ← *persĭcus*, *pirarius* ← *pirus*, *morarius* (port. *a-moreira*) ← *morus*, *prunarius* (port. *a-brunheiro*) ← *prunus*, *rosarius* (port. *roseira*) ← *rosa*, *ficaria* (port. *figueira*) ← *ficus*. 15

À imitação destes e outros nomes de arvores em *-arĭus*, *-arĭa* (→ port. *-eiro*, *-eira*) que já encontramos nos documentos latinos medievais, formáram-se posteriormente em português por analogia muitos outros, alguns em tempos recentes. Ex. : — *amendoeira* ← *améndoa* (l. *amygdala*), *loureiro* ← *louro* (l. *laurus*), *vimieiro* ← *vime* (l. *vimen*), *sabugueiro* ← *sabugo* (l. *sabucus*), *sobreiro* ← *sôbro* (l. *suber*), *pinheiro* ← *pinho* (l. *pinus*), *limoeiro* ← *limon*, *limeira* ← *lima*, *laranjeira* ← *laranja*. 16

Assim era constituído o léxico do latim popular fallado 17

na Lusitánia, com o qual se identificava essencialmente o primitivo vocabulário do português archaico. Foi este o ponto de partida, o núcleo do léxico português.

B). — Mobilidade do léxico

18 **O léxico de qualquer língua viva é essencialmente movel.** — De épocha para épocha varía o léxico de qualquer língua. Enquanto uma língua fôr viva, está sujeita constantemente a variações em todos os seus elementos, variações a que o léxico não faz nem podia fazer excepção.

19 O homem vai alargando successivamente o campo dos seus conhecimentos; quotidianamente vai descobrindo no mundo phýsico novos seres, novos elementos, novas leis, de cuja existéncia nem sequer suspeitava anteriormente; elle mesmo cria corpos novos, inventa aparelhos, baseado em princípios que annos antes eram inteiramente desconhecidos.

A este alargar de conhecimentos, a estas transformações operadas no mundo phýsico, corresponde necessàriamente uma evolução não menos rápida no mundo das idéas; em todos os ramos de conhecimentos humanos vemos com frequéncia uns systemas surgirem e occuparem o logar vago pela queda de outros; as sciéncias, as artes, as indústrias, todas as ramificações da actividade do homem, tudo se dilata, tudo se transforma, tudo avança.

Ora é evidente que a este desenvolvimento constante das idéas não pode deixar de corresponder um desenvolvimento parallelo do léxico. A palavra é a expressão sensivel da idéa, e ao apparecimento de novas idéas tem geralmente de corresponder o apparecimento de novas palavras. Um povo, no decorrer da sua história, transforma os seus costumes, as suas instituïções, a sua civilização; a língua vai acompanhando essas transformações, vai-se transformando também, e o léxico é o que mais profundas

modificações soffre, perdendo uns elementos, ganhando outros, dando a outros nova fórma ou nova significação.

20 Mas ainda isto não é tudo.

O homem tem necessidade não sòmente de exprimir as suas idéas, mas de o fazer com a maior vivacidade e variedade. Não é só o litterato que precisa de variar a expressão e de revestir a narração de especial fôrça e vigor; também o homem do povo tem esta necessidade psychológica, e busca satisfazê-la conforme pode, arranjando por vários processos termos apropriados. As palavras antigas nem sempre satisfazem; também envelhecem e vam-se gastando com o uso, como succede às moédas, e por fim sam postas de parte, depois de haver outras novas que as substituam. Por estas considerações gerais se vê que o léxico está constantemente soffrendo alterações, e que não é possivel fixar-se, enquanto a língua fôr viva. Pode artificialmente deter-se na sua marcha por algum tempo a língua litterária, usando nella apenas de termos vernáculos; mas esse estado conservar-se ha por pouco tempo, e em breve a linguagem, quebrando as peias com que a retiveram captiva, readquirirá a sua liberdade.

21 **Classificação das alterações soffridas pelo léxico português.** — O léxico português não podia fazer excepção ao que é uma lei geral de todas as línguas vivas; tem soffrido modificações nos diversos períodos da sua história.

Estas modificações resumem-se em dois grupos: perda de palavras ou da significação que as palavras tinham (*archaísmos*), e introducção de novas palavras ou mudança da significação das palavras já existentes (*neologismos*).

22 Logo fallaremos do archaísmo, que é a morte ou eliminação das palavras; occupar-nos hemos antes disso da sua origem ou nascimento e da sua vida.

Neologismos

Noções. — Temos duas espécies de neologismos. Denomina-se *neologismo de vocábulo* a introducção no léxico de qualquer palavra, quer ella seja pedida a um vocabulário estranjeiro, depois de modificada e adaptada à índole da própria língua, quer seja formada de novo; *neologismo de significação* é o uso de uma palavra já anteriormente existente na própria língua, attribuíndo-se-lhe porém significação nova. **23**

Dos neologismos de vocábulo fallaremos na immediata secção, denominada thèmatologia; agora temos de fallar apenas dos neologismos de significação.

Razões porque as palavras tomam novas significações. — É intimo o laço que prende a parte sensivel da palavra ou o vocábulo, à sua significação. A palavra é um signal sonoro, que por uma associação de idéas constante, desperta no nosso espírito a imagem de um objecto material, ou a idéa de um facto, de uma noção abstracta. **24**

A linguagem não possue tantas palavras quantas idéas símples. Sería isso impossivel. O espírito encarrega-se de attríbuír ao mesmo vocábulo significações differentes, de modo que fica equivalendo a outras tantas palavras. Cada vocábulo pode empregar-se em qualquer das accepções que se lhe tẽem dado, e o espírito, quando o emprega numa dellas, de ordinário não se preoccupa com as outras em que podia empregá-lo.

Por isso, quando a um vocábulo se dá uma significação nova, que elle anteriormente não tinha, produz-se um effeito semelhante ao da criação de uma nova palavra; caíndo em desuso uma das significações que a palavra tinha, embora continue a empregar-se nas outras accepções, este

phenómeno corresponde ao da morte ou eliminação de uma palàvra.

25 Para apreciarmos o processo, segundo o qual geralmente as palavras mudam de significação, é indispensavel considerar as condições lógicas e psychológicas em que se dam estas mudanças. Precisamos de acompanhar, em exemplos týpicos, a marcha do espírito desde a creação da palavra, através das modificações de sentido que lhe faz soffrer.

Escolhamos para este estudo o nome substantivo, por ser a palavra cuja origem e mudanças de sentido sam mais týpicas e mais faceis de surprehender e seguir.

26 **Criação de uma palavra.** — O nosso espírito, querendo dar nome a um objecto, trata de aprehender um caracter, que determine esse objecto, um determinante pelo qual o designe.

27 Assim, para denominar o *cuco* adoptou-se como determinante o canto desta ave, e arranjou-se aquella palavra onomatopaica. — A uma bem conhecida ave chamou-se *pintaroxo*, tomando para determinante a côr da mancha ou pinta que tem no peito. — O homem que se alista no exército, e por isso recebe sôldo em retribuïção dos seus serviços, denominou-se *soldado*. — O pôrco, enquanto pequeno, porque se alimenta exclusivamente de leite, denominou-se *leitão*. — A uma ave bem conhecida, que em latim se chamava *platalea*, deu-se o nome de *colhereiro*, porque o bico tem a fórma de colhér. — Chamou-se *terrina* a uma determinada vazilha, por geralmente ser fabricada de terra ou barro. — Porque servia para receber hospedes a casa chamada *diversorium*, deu-se-lhe o nome de *hospedaria*.

28 O determinante pode ser uma qualidade essencial ao objecto, ou meramente accidental; serve, não para exprimir a sua natureza interna, mas apenas para despertar no nosso espírito a sua imagem ou idéa. A maior parte das vezes não é essencial, como succede nos exemplos apontados.

29 A língua pois denomina os objectos por uma qualquer de suas qualidades, seja ou não seja importante. Por outros termos : os nomes dos objectos sam originàriamente *qualificativos*.

Esses nomes têem a princípio a propriedade de despertarem sempre no nosso espírito a idéa dessa qualidade que exprimem, e secundàriamente a do objecto por ella determinado; mas depois, em virtude do hábito, vai-se attenuando cada vez mais a idéa da qualidade, até que por fim o nome só desperta a idéa do objecto. Sam então verdadeiros nomes dos objectos, desde que se esqueceu a significação etymológica. Subsiste no nosso espírito a relação constante entre aquella palavra e o objecto, desvanecida inteiramente a relação que mantinha com a qualidade. Pode depois esse nome passar por empréstimo para outra qualquer língua, sem que se cogite, nem suspeite mesmo, do sentido etymológico; já não tomará mais a sua original significação qualificativa, cuja noção se perdeu no uso ordinário.

Mas, perdida esta noção, o nome fica apto a applicar-se a outros objectos, embora não possuam a qualidade determinante que elle significava; torna-se então possivel a mudança de significação daquella palavra.

Ex. : — Os quadros pretos em que nas aulas se fazem os exercícios de escripta, operações arithméticas, etc., costumam ser de pedra, e por isso se lhes deu o nome usual de *pedras* : — *ir à pedra, escrever na pedra,* etc. O nome *pedra* tomou na linguagem escolar esta nova significação, estabeleceu-se no nosso espírito a relação entre elle e o objecto significado, a ponto de, por fim, se prescindir da qualidade determinante que originou o nome, e chamar-se *pedra* ao quadro preto onde se fazem os referidos exercícios, embora elle muitas vezes seja de madeira.

O mesmo succedeu com a expressão *andar a cavallo*, que se emprega ainda mesmo que o animal montado não seja um cavallo, ex., *ir a cavallo num jumento*. Na nossa língua, como em todas, abundam os factos semelhantes a estes.

30 Do que fica exposto não se conclua, que todos os substantivos duma lingua derivâram de adjectivos. O estudo da origem de cada classe de palavras é muito complexo, e não pode fazer-se em livros compendiosos como este. Em português, como em todas as linguas, ao lado dos substantivos, originàriamente criados como fica exposto, ha outros formados de verbos.

de pronomes, etc., assim como ha muitos adjectivos derivados de substantivos, verbos derivados de nomes, etc.

Causas históricas e psychológicas da mudança de significação das palavras. — As causas, que determinam a mudança de significação das palavras, podem reduzir-se a duas ordens: *causas históricas* e *causas psychológicas*. 31

Quanto a *causas históricas* bastar-nos ha observar em geral o seguinte. 32

Á medida que um povo prosegue na senda evolutiva da civilização, vai tomando conhecimento de idéas e factos innúmeros, que têem de ser expressos por palavras. Para os exprimir, ou se arranjam novas palavras, o que nem sempre é possivel nem conveniente, ou então se accommodam as palavras que já existem a exprimir as novas idéas ou factos, passando da antiga à nova significação, não arbitràriamente, mas tomando-se para base algum dos princípios que vamos em breve estudar.

Ex.: — A palavra *parábola* significava uma narração alegórica, em que se inculca alguma verdade, muitas vezes uma sentença moral. Jesus Christo serviu-se largamente das parábolas na sua prègação, e o mesmo fizeram os apóstolos na vulgarização evangélica. Aquella palavra foi introduzida pelo christianismo no latim vulgar com a significação de dito sentencioso. Dáqui passou naturalmente a significar qualquer dito, e por fim qualquer *palavra*. É esta a fórma e a significação com que a encontramos no léxico popular português; subsistindo *parábola* com o sentido primordial na linguagem erudita apenas. Do exposto se vê que *parábola* → *palavra* substituiu o vocábulo clássico *verbum*, que tambem mudou de significação, especializando-se e passando a exprimir o *verbo* grammatical, a palavra por antonomásia.

O adjectivo *jornal* ← l. *diurnale*, tornou-se substantivo, passando a designar a paga que se dá ao operário por cada dia de trabalho (*jornal* = *sôldo jornal* ou diário), e daqui derivou a palavra *jornaleiro*. Depois, com a publicação de fôlhas, que diàriamente noticiavam o que ia succedendo, passou a exprimir-se também pelo mesmo substantivo cada uma destas fôlhas (*jornal* = *boletim jornal* ou diário); mas por fim, perdendo-se a

noção etymológica da palavra *jornal*, já se usa este nome para exprimir toda e qualquer publicação periódica, embora não seja diária, dizendo-se, v. gr., *um jornal semanal, um jornal quinzenal*, etc.; e daqui deriváram palavras *jornalista* e *jornalismo*. Os nomes *diário* e *periódico* têem uma história análoga.

Cavalleiro ← l. pop. *caballarium*, significava etymològicamente o homem que anda a cavallo. Com a instituïção medieval das ordens de cavallaria e do grau de cavalleiro, que dava fóros de nobreza, e só era conferido depois de comprovados actos de valôr e lealdade, passou, sob a fórma de *cavalheiro*, a significar homem reconhecido por suas acções como digno e brioso. A fórma *cavalheiro* ao lado de *cavalleiro* faz suppôr a existência no latim popular de duas fórmas divergentes da mesma palavra — *caballarius* e **cabaliarius*.

Cohortem significava a capoeira, o curral, o aprisco onde se juntam e dormem os animais, e, em sentido translato, uma companhia de soldados. A rudeza dos antigos reis bárbaros, e da comitiva que os cercava, fez com que tanto esta como o logar onde residiam os reis se designassem por aquelle vocábulo, que no léxico português se encontra representado por duas fórmas divergentes: — *côrte* dos reis e príncipes (no plur. *côrtes* dos representantes da nação), e *córte* dos animais. Da primeira destas fórmas ha os derivados *cortês, cortêsmente, cortesão, cortesia, cortejar, cortejo*, etc.; da segunda temos o diminutivo *cortêlho*.

33 A respeito de *causas psychológicas* apenas diremos muito em geral o seguinte.

Não sam unicamente as mudanças externas, as modificações no modo de ser e de viver dos povos, a alteração nas condições históricas, que obrigam à mudança de significação das palavras; podem as idéas e os factos subsistir inalteravelmente, e entretanto mudar a significação dos vocábulos, para satisfazer a simples modificações ou estados psychológicos variadíssimos e difficíllimos de determinar e explicar.

Exemplifiquemos: — A palavra *serra* passou do vocabulário latino para o português significando o bem conhecido instrumento cortante dentado, que ainda hoje é designado por este nome. Em virtude de um trabalho psychológico de associação de idéas, veiu a dar-se o mesmo nome a qualquer cordilheira, cuja cumeada tenha muitos accidentes, projectando-se sôbre o horizonte como dentes de uma gigantesca *serra*. Desta palavra,

antes de assumir a nova significação, tinham-se feito derivar alguns vocábulos, como *serrador*, *serradura*, *serragem*, *serralheiro*, *serralharía*, *serrar*, *serrote*, *serrilha*, etc.; assumida a nova significação, outras palavras derivâram, tais como *serrano* ou *serrão*, *serrania*, *serranice*, *serril*, etc.

34 **Classificação das mudanças que podem dar-se na significação das palavras. — Metáphora, metonýmia e synécdoche.** — Os grammáticos classificam as mudanças, que podem realizar-se na significação das palavras, em três grupos, a que dam o nome de *tropos*. Sam a *metáphora*, a *metonýmia* e a *synécdoche*.

35 1). A *metáphora* (do grego μεταφορά, translação) applica o nome de um objecto a outro objecto, em virtude de qualquer ponto de semelhança que haja entre os dois.

É na sua origem uma verdadeira comparação abreviada; em vez de se dizer, por ex., que um determinado homem é semelhante a um leão (pela sua fôrça e bravura), diz-se que elle é um leão; em logar de se dizer que um outro é semelhante ao tigre (pela crueldade), diz-se que é um tigre.

36 Realiza-se por um de três modos:

a). Aproxima dois objectos materiais.

Ex.: — A *serra* de cortar e a *serra* cadeia de montes (a idéa commum e o recorte dentado); a *folha* da arvore e a *folha* de papel (a idéa commum é a sua pouca espessura em relação à superficie).

b). Aproxima um facto intellectual ou moral de um outro material, a que extende o nome daquelle.

Ex.: — Diz-se *a porta cedeu*, como se diz *cedi a Pedro*.

c). Exprime idéas abstractas pelos nomes de objectos concretos, com os quais têem alguma relação de semelhança.

Ex.: — As expressões — *pesar as razões, sondar os motivos, sonhos côr de rosa, negros presentimentos.*

2). A *metonýmia* (do grego μετωνυμία, mudança de nome) é muito semelhante à metáphora, da qual se distingue essencialmente nisto: não é um ponto de semelhança que aproxima entre si os dois objectos, mas simplesmente uma relação phýsica ou metaphýsica. 37

Realiza-se por um de cinco modos: 38

a). Tomando a causa pelo effeito, ou o effeito pela causa.

Ex.: — *As pálidas doenças* (i. é, as doenças que produzem palidez); — *Ganhar a vida* (i. é, ganhar meios de subsisténcia indispensaveis à vida).

b). O continente pelo conteúdo, ou o conteúdo pelo continente.

Ex.: *Beber uma garrafa* (i. é, o conteúdo de uma garrafa); *Edificou um convento de freiras* (i. é, uma casa para convento de freiras).

c). O logar pelo que alli se faz ou produz, o producto pelo logar, ou a nota característica do logar pelo próprio logar.

Ex.: — *Um calix de Madeira* (i. é, de vinho produzido na Madeira); — *Estou em Águas-santas* (nome que foi dado a uma localidade, por lá brotarem águas medicinais); — *Vou a Lourosa* (nome que se deu a uma povoação, pela abundáncia de loureiros, que alli havia).

d). O signal pela cousa significada, ou a cousa significada pelo signal.

Ex.: — *Defender o throno e o altar* (i. é. a realeza e a igreja): — *Em muitas nações foi supprimido o rei* (i. é, a realeza).

e). O nome abstracto pelo respectivo concreto, ou o concreto pelo abstracto.

Ex.: — *Praticar em larga escala a caridade* (i. é, actos de caridade); — *Ha muitas centenas de séculos que o homem* (i. é, a humanidade) *vive sobre a terra.*

3). A *synecdoche* (do grego συνεκδοχή, comprehensão) emprega um por outro termos de extensão desegual, especializando significações gerais, ou generalizando significações especiais. 39

Realiza-se por um de três modos: 40

a) Empregando o género pela espécie, ou a espécie pelo genero.

Ex.: — *Nenhum mortal* por nenhum homem; — *Estação das rosas* por estação das flôres.

b). O singular pelo plural, ou o plural pelo singular.

Ex.: — *Devemos respeitar o velho e a criança* (i. é, os velhos e as crianças); — *Dizem os livros sagrados* (i. é, diz um dos livros sagrados).

c). A parte pelo todo, ou o todo pela parte.

Ex.: — *Trinta velas* (por trinta barcos); — *Diz a Escriptura* (por diz um versiculo da Escriptura).

d). O nome commum pelo próprio, ou o próprio pelo commum.

Ex.: — *O psalmista* (i, é, David); — *Um Judas* (i. é, um traidor).

Como se introduzem os neologismos no uso geral da língua. — Diversos sam os processos pelos quais uma palavra nova, ou um sentido novo dado a palavra ja exis- 41

tente, conseguem penetrar na linguagem commum, e granjar definitivamente logar no vocabulário.

Criado o neologismo, é pelo inventor usado em suas conversas ou escriptos, e assim se torna do conhecimento de maior ou menor número de pessôas; geralmente é por estas bem ou mal recebido, conforme corresponde ou não a uma necessidade ou conveniéncia da língua. Se não passa de uma extravagáncia de quem o criou, ordinàriamente succumbe logo; algumas vezes a moda toma conta delle, e sustenta-o no uso por algum tempo, mas depois deixa-o succumbir. Quando corresponde a uma necessidade de limitada classe de pessôas, introduz-se no uso dessa classe, e assim pode viver muitos annos e séculos, sem que entretanto se generalize entre as outras classes; é o que succede frequentemente com os termos téchnicos das diversas profissões. Mas se corresponde a conveniéncias gerais, e se é favorecido pelas circunstáncias, o neologismo, quer de vocábulo quer de significação, irradia largamente, adquire direitos de cidade na linguagem commum, e vai enriquecer o vocabulário da língua. **42**

A moda e o capricho de pessôas preponderantes pode fazer-se sentir na adopção de um vocábulo mal inventado, ou na rejeição de outro bom e perfeitamente adequado. A pouca illustração do meio concorre poderosamente para estes resultados anómalos. **43**

Uma vez adoptado pelo uso geral, o neologismo tem garantida a sua existéncia. Adquiriu os seus fóros de legitimidade desde que a soberania popular se pronunciou definitivamente a seu favor; recebeu a consagração pública, não se pode mais eliminar por esfórços privados deste ou daquelle litterato. **44**

Procedimento que devemos ter em face de um neologismo. — Quando apparece um neologismo tentando introduzir-se na linguagem, a nossa linha de conducta deve ser diversa segundo as condições. **45**

Temos de principiar por inquirir se é de origem litterária ou popular.

46 Sendo de *origem litterária* poderemos acceitá-lo, se elle corresponder a uma necessidade da língua, que porventura não tivesse até alli palavra para exprimir nìtidamente aquella idéa, ou se corresponder pelo menos a uma conveniéncia, por ficar sendo a expressão mais nítida, vigorosa e pittoresca da idéa significada. Mas não estando nestas condições, tal neologismo deve ser rejeitado como inutil e deturpador da vernaculidade da língua.

47 Se fôr de *origem popular*, deve ser admittido como legítimo no caso de exprimir um facto novo, que aínda não tenha expressão na língua. Mas se é apenas uma outra expressão de um facto antigo, que na língua já tinha expressão adequada, é condemnavel em princípio, e devemos combatê-lo tanto quanto possivel, antes de entrar no uso commum. É necessário manter o respeito pela tradição e luctar neste sentido, segundo aconselha a sã razão e os mais importantes interesses da litteratura. Mas, se apesar disso o neologismo vinga e é acceite pela maioria, temos então de nos curvar. Em factos de linguagem o povo é soberano; elle é que faz a língua, elle é que a modifica, e os seus próprios êrros, uma vez adoptados geralmente, tornam-se lei.

C). — Eliminação ou morte das palavras

Como as palavras morrem. — Vimos como o léxico vai ganhando novos elementos com os neologismos; vejamos agora como também vai perdendo elementos de século para século nas palavras que se vam eliminando. O *archaísmo* é a antíthese de neologismo. 48

Conhecem-se palavras que serviam para exprimir objectos que desapparecêram, e essas, como era natural, elimináram-se da linguagem. Desappareceu o objecto significado, morreu a palavra que o significava. Lendo qualquer documento português anterior ao século XVI, encontramos a cada passo palavras hoje desconhecidas do vulgo, que se acham neste caso, e que designavam armas, vestidos, instrumentos, instituïções, idéas, factos sociais, desapparecidos com a edade média. Á história é que pertence registar estas palavras e indicar os objectos que ellas significavam.

Outras palavras porém havia que, significando factos ou idéas aínda hoje existentes, succumbíram entretanto e fôram eliminadas da língua, vindo outras substituí-las na designação dos mesmos objectos. Porque succedeu isto? É um facto que precisa de explicação.

49 Ha na língua palavras robustas, que têem notaveis condições de vida e resisténcia, e que por isso permanecem indefinidamente, enquanto não houver causas externas que as eliminem; outras, sendo atacadas pelas diversas causas de destruïção que ha nas línguas, vam enfraquecendo até perecêrem, ficando a substituí-las outras palavras. Assim se realiza no vocabulário uma verdadeira selecção natural.

Exemplifiquemos:— As palavras latinas *apem*, *ovem*, *nunc*, *edere* tinham pouca intensidade e pouca extensão phonética, e mal podiam resistir à tendéncia da lingua para enfraquecer os phonemas e eliminá-los. Nesse trabalho vivo e continuo ellas não puderam resistir, e desapparecêram, ficando a substitui-las outras palavras mais sonoras e mais resistentes (*apicula* → *abélha*, *ovicula* → *ovélha*, *hac hora* → *agora*, *comedere* → *comer*). Entretanto outras palavras nas mesmas, ou em peores condições phonéticas, subsistiram amparadas por causas, que em muitos casos se não têem podido determinar.

O vocábulo *urbem* tinha-se especializado a ponto de designar só a cidade por excellência, Roma. Para exprimir as outras cidades recorria-se a diversos nomes, e no latim pop. veiu a consagrar-se para este effeito a palavra *civitatem*. Estabelecendo-se a concorréncia entre as duas, foi, como era natural, eliminada a primeira, que tinha um uso tam restricto, em proveito da segunda, da qual veiu a fórma port. *cidade*.

No latim popular, como no clássico, havia a palavra *cornu*, que passou para português, sendo por muitos séculos usada por todos, ainda mesmo pelas pessôas mais delicadas. Depois esta palavra degradou-se, foi considerada grosseira, e desde então banida da linguagem polida, recorrendo-se a euphemismos para a substituir.

50 A eliminação de um vocábulo não se faz subitamente; é gradualmente que elle vai caíndo em desuso, sendo-lhe preferido o synónymo. Se esta preferéncia se dá numa geração, a geração seguinte já quási nenhum uso faz do primeiro e usa quási exclusivamente o segundo; aquelle vai-se tornando não só desusado mas também desconhecido, até que chega o tempo em que só um ou outro velho o conhecem. Estes mesmos abstêem-se de o empregar, porque se vexam de usar tal velharia, e assim se extingue o vocábulo.

51 O desapparecimento pode dar-se na língua commum, e entretanto continuar a usar-se a palavra num ou noutro dialecto.

CAPÍTULO II

Etymologia

A). — Princípios gerais de etymologia

Processos etymológicos antigos e modernos. — A investigação etymológica das palavras ha muito que preoccupava o espírito das pessoas curiosas; antes porém da constituïção da sciéncia linguística não passava de um entretenimento mais ou menos engenhoso, mas sem valor algum, em que as hypótheses inteiramente destituídas de fundamento se acumulavam, chegando-se por fim a indicar caprichosamente a origem possivel de uma palavra, sem contudo se poder determinar a sua origem real. 52

Hoje, assentadas como estám as origens do léxico português; conhecidas e bem determinadas as leis phonéticas, que presidíram à transformação das palavras; estudadas as línguas affins da nossa, a ponto de se poderem comparar entre si as palavras de uma com as das outras, sendo, como sam geralmente, fórmas divergentes de uma única fórma originária; publicados, classificados e estudados em parte os documentos mais modernos do latim popular e os mais antigos das línguas románicas, nos quais se encontram as fórmas de transição das palavras latinas para as destas línguas; já se pode fazer a investigação etymológica pau-

tada pelas regras da linguística. Esta investigação já não é um castello de hypótheses para divertimento de ociosos; é sim um estudo rigoroso e scientífico, assente sôbre bases seguras, realizado por processo racional e legítimo, chegando a conclusões perfeitamente satisfactórias e incontestaveis.

53 **Regras práticas de etymologia**. — Formulemos as principais regras, a que o estudioso tem de se submetter nas investigações etymológicas:

54 1.ª A palavra, cuja origem se indaga, deve ir procurar-se nos antigos documentos da língua, buscando-lhe a fórma e significação mais antigas com que apparece, pois essa fórma e significação devem estar mais próximas das originais.

55 2.ª Vêr-se-ha pelas apparências se ella provavelmente é de origem latina, e desde que se acceite a hypóthese de que o é, e se tenha encontrado o vocábulo latino donde se suppõe que terá vindo, submette-se este vocábulo às leis phonéticas, a ver se ellas explicam a transição do mesmo para a fórma portuguêsa. Se não explicarem, põe-se de parte a hypóthese de tal origem, e trata-se de buscar outra.

56 3.ª Neste trabalho presta enormes serviços, e é indispensavel, a comparação do vocábulo português com os correspondentes das outras línguas románicas, vendo a sua evolução e differenciação, se fôrem fórmas divergentes saídas do mesmo vocábulo latino, e facilitando por este exame comparado a explicação das modificações que se deram no vocábulo português.

4.ª No caso de haver conveniéncia de fórma entre a palavra portuguêsa e a latina, não se conclúe immediatamente que aquella é a etymologia. Tem de se contraprovar, e ver se também ha conveniéncia de significação : — havendo divergéncia, indagar-se ha se é explicavel a passagem de uma a outra significação; não havendo provas directas, ou excepções análogas, que expliquem a mudança de significação, rejeitar-se ha a hypóthese. 57

5.ª Assentando-se como provavel a hýpóthese de tal pala vra ser de origem estranjeira, não basta encontrar na língua, d'onde se suppõe vinda, um vocábulo semelhante na fórma e na significação, porque essa semelhança pode ter outras explicações, ou ser mesmo casual; é indispensavel explicar históricamente como e quando poude vir para cá. 58

6.ª Apurado este ponto, aínda é preciso sujeitar a palavra ás leis phonéticas de transformação dos sons próprios da nossa língua, e ver se realmente aquella palavra estranjeira, importada para o português, daria a fórma que cá encontramos. Só no caso affirmativo podemos acceitar a etymologia. 59

Daqui se conclue quc a missão do etymologista é muito delicada e difficil, e demanda preparação apropriada muito complexa, e aptidão natural. 60

O etymologista precisa de ter vasta leitura dos antigos documentos da língua e do baixo latim, sciéncia profunda de todas ou das principais línguas románicas, que permitta as comparações verbais, e conhecimento das línguas estranhas que pudéram influír na nossa; carece de possuír bem a phonética portuguêsa com as suas leis; além disso é também indispensavel que tenha espírito observador e perspicaz, e talento especial para comparar e induzir com precisão e segurança.

Etymologias populares; seus effeitos na alteração das palavras. — Ha no espírito popular uma tendéncia muito pronunciada para descobrir etymologias, assentar a origem das palavras, que menos familiares lhe sam, explicar essas palavras por outras mais familiares. Nestas aproximações e explicações as pessôas sem illustração guiam-se, como é de ver, pelas semelhanças casuais de som, e por mais cousa nenhuma, e inventam lendas inteiramente absurdas para completarem a explicação etymológica dos termos. 61

Não ficam por aqui. Partindo da etymologia arbitrária que assentáram, tratam em seguida muitas vezes de corrigir a palavra, aproximando-a da fórma imaginária que devia ter segundo a sua explicação, e corrigem o que suppõem êrros de pronúncia, alterando deste modo a linguagem.

Mencionemos alguns exemplos:

O nome latino da planta chamada entre nós *hortelã* era *mentha*. Uma espécie desta planta, que se cultivava nos jardins ou hortos, denominou-se juntando à palavra *mentha* o adjectivo *hortulana*, e assim se dizia *hortulana mentha*. Depois deu-se nesta phrase uma confusão: o adj. *hortulana* assumiu as funcções de substantivo, e passou a designar este género de plantas, e ao vocábulo *mentha* ligou-se a idéa de determinante do subst. *hortulana*; deste modo se originou *hortulana → a hortelã*, e *hortulana-mentha → a hortelã-menta*. Por fim o povo, sob a influéncia de uma errada supposição etymológica, transformou a expressão *hortelã-menta* em *hortelã-pimenta*.

A ave chamada *cardeal* deve o seu nome à etymologia popular, que assim conseguiu transformar artificialmente a palavra latina *carduelem*.

Canapé, vocábulo que nos veiu directamente do francês, e indirectamente do latim popular *canapeum* (l. class. *conopeum*), foi transformado na bôca do povo em *cama-pé*, por se lhe darem como étymo as duas palavras *cama + pé*.

Préa-mar (*préa ← plêa ← plena*) transformou-se na bôca da gente ignorante em *praia-mar*, pela supposição de que vem de *praia*. Semelhantemente a phrase pop. *pancadaria de molho* (ou *de moio* noutras partes) não é mais do que uma corrupção de *pancadaria de moiro*.

B). — Particularidades etymológicas do português

Objecto desta parte. — Depois de termos assentado os principios gerais de etymologia na parte precedente, vamos nesta occupar-nos especialmente da origem das palavras de cada uma das classes grammaticais na língua portuguêsa, demorando-nos um pouco naquellas que mais carecem desta explicação especial. Quanto ao restante reportamo-nos ao que já fica dito em geral, tanto neste capítulo, como nos precedentes. 62

I. — Nomes

Nomes próprios

Origem dos nomes próprios de pessôas. — Os nomes próprios de pessôas da língua portuguêsa vieram-nos geralmente por via ecclesiástica : sam nomes latinos, ou nomes gregos e hebreus latinizados, que a igreja conferia no baptismo; ou então nomes de origem germánica, trazidos pelos bárbaros, e adoptados e consagrados pela igreja depois de se latinizarem. 63

Exemplifiquemos :

Nomes latinos : *António* (→ der. *Antonino*), *Paulo* (→ der. *Paulino*), *Benediclo*, *Clemente* (→ der. *Clementina*), *Mario*, *Júlio* (→ der. *Juliano*), *Marcos*, *Lúcio* (→ der. *Luciano*).

Gregos : *Dionysio*, *André* (→ der. *Andrésa*), *Ambrósio*, *Nicolau*, *Jerónymo*, *Chrisóstomo*, *Pedro*.

Hebraicos : *Bartholomeu*, *Matheus*, *Jacó(b)*, *João*, *José*, *Daniel*, *Lázaro*, *Mariu* (→ der. *Mariana*), *Rachel*, *David*, *Esther*.

Germánicos : *Guilherme* (→ der. *Guilhermino*), *Bernardo* (→ der. *Bernardino*), *Alberto* (→ der. *Albertino*), *Arnaldo*, *Frederico*, *Henrique* (→ der. *Henriquéta*), *Luís*, *Roberto*, *Fernando*.

Se ascendermos à sua origem, estes nomes eram primitivamente nomes de qualidade, designando a pêssôa por um qualquer traço característico (cf. II, 26 e segg.). 64

Alguns nomes, depois de importados para cá, tendo entrado muito cêdo no uso popular, soffrêram as transformações phonéticas próprias da língua, e desfiguráram-se; mais tarde, sendo novamente importada por via erudita a fórma original, ficou esta existindo ao lado da fórma alterada, e assim se mantiveram as duas, como se fôssem dois nomes inteiramente differentes. Succedeu também, por vezes, soffrer algumas modificações phonéticas esta fórma original segunda vez importada, e importar-se então novamente a fórma primitiva, ficando as três fórmas como se fôssem três nomes differentes. Casos houve aínda de uma fórma ser tratada na língua portuguêsa em épochas diversas por dois processos phonéticos differentes, e desdobrar-se em duas fórmas divergentes, e às vezes em mais 65

Dionysius → { *Dinís* / *Dionýsio*

Eduardus → { *Duarte* / *Eduardo*

Martinus → { *Martim* / *Martinho* (1)

Benedictus → { *Bento* / *Benito* / *Benedito*

Antonius → { *Antun* → *Antão* / ..... *António*

Pelagius → { *Pelaio* → *Paio* / .... *Pelágio*

Ferdinandus → { *Fernão* → *Ferrão* / ...... *Fernando*

Eulália → { *Oulaia* → { *Olaia* / *Ovaia* → *Vaia* } / *Ouália* → *Ovalha* → *Valha* / .... *Eulália*

Jacob → { *Iago* → *Tiago* (*Sant'-Iago* → *San'-Tiago*) → arch. *Diago* (2) → mod. *Diôgo* / .... *Jacó(b)*

Patronýmicos. — Intimamente ligados com os nomes próprios de pessôas estám os patronýmicos. Usam-se na península hispánica desde tempos muitos remotos. Junta- 66

(1) Mediante a fórma *Martínio*.

(2) Talvêz sob a influência de *Didácus* (l. erud. *Didăcus*).

vam-se ao nome próprio da pessôa, e indicavam o nome de seu pai.

Os patronýmicos formavam-se do nome próprio, ou, por vezes, do appellido do pai, juntando-se-lhe a syllaba *-ci*, que ficou constituíndo no latim popular da península uma espécie de desinéncia particular. Esta desinéncia *-ci*, pela evolução phonética natural, deu *-z* tanto em português (I, 90) como nas restantes línguas románicas da península hispánica. Cada pessôa era pois conhecida pelo nome próprio, juntando-se-lhe como determinante o patronýmico.

Demos algum exemplos de patronýmicos portuguêses :

Do nome próprio *Sancius* veiu o português *Sancho*; de *Sancius* tinha-se formado no latim hispánico o patronýmico *Sancici* → port. e esp. *Sánchiz*, que no sec. XIII, pelo ensurdecimento do *i*, tomou a fórma *Sánchez*, e assim se conservou até à actualidade, substituíndo-se apenas, em tempos modernos, o *z* final por um *s* na graphia portuguêsa mais commum. Semelhantemente se formáram os outros patronýmicos, tais como : — *Rodríquici* → *Rodríquiz* → *Rodríguez* (de *Rodrigo*); *Henríquici* → *Henríquiz* → *Henríquez* (de *Henrique*); *Antónici* → *Antúnici* (1) → *Antúniz* → *Antúnez* (de *António* ou *Antão*); *Pelágici* → *Paáiz* → *Páiz* ou *Páez* (de *Pelágio* ou *Paio*); *Pétrici* → *Périz* → *Pérez* ou *Pírez* (de *Pedro* ou *Pero*); *Lúpici* → *Lôpiz* → *López* (de *Lopo* ou *Lobo*); *Suárici* → *Suáriz* → *Suárez* (de *Sueiro* ← *Suairo* ← *Suário*); *Velásquici* → *Velásquiz* → *Velásquez* → *Vásquez* (de *Velasco* ou *Vasco*); *Menéndici* → *Mẽendíz* → *Méndiz* → *Méndez* (de *Mendo* ou *Mem*); *Nónici* ou *Núnici* → *Núniz* → *Núnez* (de *Nuno*); *Martínici* → *Martíniz* → *Martĩiz* → *Martínz* (de *Martinho* ou *Martim*); *Gotínici* → *Godíniz* → *Godĩiz* → *Godinz* (de *Godinho*); *Fernándici* → *Fernándiz* → *Fernández* (de *Fernando* ou *Fernão*) e ao lado de *Fernández* temos também a fórma divergente *Ferraz* (que se relaciona com a fórma do nome próprio *Ferrão*); *Dí(d)aci* → *Díaz* (cf. *Diogo*); *Guédici* → *Guédiz* → *Guédez* (de *Geda* = *Gueda*) e ao lado de *Guédici* existiu também a fórma *Guédaci* → *Guédaz*; *Gundisálvici* → *Gonçálvíz* e *Gonçáliz* → *Gonçálvez* e *Gonçález* (de *Gonçalo*) (2); *Monígici* → *Moníici* →

(1) Cf. a fórma archaica *Antun* do nome próprio que hoje tem a fórma *Antão* ← *Antonium*.

(2) Com este patronýmico relaciona-se *Vasconcélloz*, cuja fórma antiga é *Vasco-Goncélloz*. Reputo o nome *Goncélloz* uma fórma divergente de *Gonçállez* ou *Gonçález*, em que o *a* se mudou em *e* por dissimilação, sob a influéncia do *a* tónico de *Vasco*.

Moníiz → *Moníz* (de *Monígo*); *Múnioci* → *Múnhoci* → *Múnhoz* (de *Múnio* ou *Munho*); *Joánnici* → *Joánniz* → *Joánnez*, *Iánnez*, *Eánnez*, *Ánnez* e *Énnez* (de *João*); *Stéphanici* → *Estévãiz* (cf. esp. *Estébaniz*) → *Estéveiz* → *Estévez* (de *Estévão*); *Álvarez* → *Álvez* (de *Alvaro* → *Alvo*); *Garcíez* → *Garcéz* (de *Garcia*).

Ao lado destes patronýmicos de formação hispánica, encontramos no port. arch. outros, pósto que raros, de formação árabe. 67

Perdêram-se quási todos estes patronýmicos, que poucos eram; está em uso ainda hoje o do nome *Egas*, que se encontra nos documentos do princípio da monarchia e nos anteriores sob a fórma *Iben-Egas* → *Bêégas* → *Vêégas* → *Viegas*. Conhecemos um outro patronýmico assim formado, que subsiste hoje empregado como nome de localidade: é *Iben-Ordonius* → *Bêordonhos* → *Bordonhos*

De alguns nomes próprios não chegáram a formar-se patronýmicos; em tal caso, para determinar o nome do filho, juntava-se lhe o nome próprio do pai, sem alteração, servindo de patronýmico. 68

Ex.: — *Martim Affonso* (i. é, filho de *Affonso*); *Egas Lourenço* (i. é, filho de *Lourenço*). Quando se escreviam estes nomes em latim distinguia-se o que representava o papel de patronýmico por ir em genitivo, ex., *Martinus Alfonsi*, *Egas Laurentii*.

No fim da edade média os patronýmicos perdêram a sua significação e funcção, e tornáram-se nomes ou appellidos de família, conservando entretanto a sua fórma característica. 69

Appellidos. — Já nos documentos do século XI se encontra algumas vezes um appellido junto ao patronýmico de uma ou outra pessôa. Este uso foi-se vulgarizando, até que do século XV em deante já o maior número dos indivíduos portuguêses têem um ou mais appellidos junto ao patronýmico, e até muitas vezes substituíndo o patronýmico. 70

Os appellidos originàriamente eram quási sempre : **71**

a) Uma alcunha, posta por qualquer motivo :

Ex. : — *Lourenço Viegas o Espadeiro, João Martinz Chora, Martim Martinz Zote, Sancho Vásquez Pimentel, D*ª. *Mór Pírez Velha, Lourenço Martinz Ganço, Fernão Gonçálvez Chancinho, Mem Moniz Honrado, Lourenço Ánnez Redondo, D. Rodrigo o Velloso, D. Gonçalo o Bom, Sueiro Correia.*

b) Um nome de terra, ordinàriamente daquella donde o indivíduo era oriundo ou onde tinha domínios, nome este que muitas vezes se tornava em appellido de família, usado por todos os descendentes daquelle tronco.

Ex. : — *D. Egas Gómez de Sousa, D. Gontinha Suárez de Mello, Joanne Martinz de Soalhães, Pero Trocozéndez de Paiva, D. Abril Pírez de Lumiares, D. Egas Fáfez de Lanhoso, D. Guterre da Silva.*

Nomes communs

Observação. — A estes nomes é especialmente applicavel o que dissemos em geral sôbre a origem das palavras no léxico português (cf. II, 26 e segg.), e não é necessário occuparmo-nos delles agora em particular. Isso alongaria demasiadamente este livro, sem vantagens que compensassem. Reportando-nos pois ao que dito fica, passemos adeante. **72**

Nomes numerais

Sua origem latina. — Os nomes numerais vêem em regra dos respectivos numerais latinos. Percorramos cada uma das espécies desta sub-classe de nomes, notando as suas origens. **73**

Numerais cardinais. — Correspondem um por um às respectivas fórmas do latim popular, havendo a notar nelles apenas algumas anomalias apparentes. **74**

De *um* a *dez* a passagem das fórmas latinas para as portuguêsas fez-se

regularmente. *Unum* → *um*, *duos* → *dôos* → *dous* ou *dois*, *tres* → *três*, etc. Ha a notar apenas a mudança de *qui* em *ci* na palavra *quinque* → *cinco*, do que ha exemplos noutras palavras, posto que não sejam frequentes. Deste caso se deprehendem duas cousas : — *a*) que nesta palavra, como em muitas outras, o *u* da syllaba *quin* já se havia tornado mudo no próprio latim popular; — *b*) que no português *cinco* o *c* tinha primitivamente o som guttural de *k*, apesar de se lhe seguir um *i*.

De *onze* a *quinze* ha a notar o seguinte : — *a*) a queda regular do *d* intervocálico das fórmas latinas; — *b*) a contracção das vogais postas em contacto por esta queda; — *c*) a queda inevitavel do *m* final; — *d*) o ensurdecimento da última vogal, que de *i* passou a *e*; — *e*) a mudança da syllaba *-ce* em *-ze*. — Assim *undecim* → *õ(d)ece* → *õece* → *õze* (que se escreve *onze*); e como este os restantes. Todos estes phenómenos phonéticos fôram regulares. As fórmas *dezaseis*, *dezasete* e *dezanove* derivam das expressões do latim popular *decem ad sex*, *decem ad septem*, *decem ad novem*.

De *vinte* a *noventa* as mudanças na passagem fôram pequenas e naturalissimas, sendo constante a queda do *g* intervocálico, ex. : *vi(g)inti* → *viinte* → *vinte*, *tri(g)inta* → *triinta* → *trinta*, etc.

Centum deu *cento*, e a fórma apocopada *cem*. Esta apócope é perfeitamente semelhante à que se deu em *santo* → *sam*, *grande* → *gram*, *Mendo* → *Mem*, *muito* → *mui*.

De *duzentos* a *novecentos* ha a notar em especial o seguinte : — *Quinhentos* vem do latim *quingentos*, mediante a queda do *g* intervocálico; posteriormente a esta queda deve ter-se formado no port. arch. a fórma de transição *quinientos*, tal como ainda hoje existe em espanhol. *Quatrocentos*, *seiscentos*, *setecentos*, etc., não deriváram do latim, mas formáram-se analògicamente no port., agglutinando-se às palavras *quatro*, *seis*, etc., o vocábulo *centos*.

Mil e os seus múltiplos correspondem às fórmas latinas.

Milhão foi importado do francês *million*, que por sua vez tinha no século XV passado para França vindo da Itália, onde existia sob a fórma *milione* (*mille* + suff. *ione*). *Bilhão*, *trilião*, etc., sam palavras artificiais, de formação erudita.

Numerais ordinais. — Viéram directamente do latim. 75

Segundo, *quarto*, *quinto*, etc., passáram das fórmas correspondentes latinas *secundum*, *quartum*, *quintum*, etc.; *primeiro* e *terceiro* não viéram directamente de *primum* e *tertium*, mas dos seus derivados *primarium*, *tertiarium*; ha entretanto em português as palavras *primo* e *terço*, que deriváram dos numerais latinos *primum* e *tertium*. Ao lado das fórmas synthéticas *undécimo* ← *undecimum*, *duodécimo* ← *duodecimum*, organizáram-se as analýticas *décimo primeiro*, *décimo segundo*; deste número em deante desapparecêram completamente as fórmas synthéticas, que fôram substituídas

pelas analýticas, excepto no número que remata cada dezena, cuja fórma synthética se manteve (*vigésimo, trigésimo*, etc.).

Numerais multiplicativos augmentativos. — Havia em latim duas séries destes nomes. Uns formados com o suff. *-plĭc-* faziam o accusativo em *-plĭcem;* outros terminados em *-plus* eram gerálmente usados apenas nas fórmas neutras. Foi destes que viéram os portuguêses. 76

Vejamos e confrontemos as fórmas latinas e portuguêsas destes nomes:

1.ª série lat.	2.ª série lat.	Série port.
simplicem	*simplum*	
duplicem	*duplum*	*duplo*
triplicem	*triplum*	*triplo*
quadruplicem	*quadruplum*	*quádruplo*
etc.	etc.	etc.
multiplicem	*multiplum*	*múltiplo*

Vindos dos da primeira série latina existem apenas em português os nomes — *símplez* ou *símplice*, *dúplez* ou *dúplice, tríplice*, e *multíplice*, todos de proveniência erudita.

Numerais multiplicativos diminutivos. — Os latinos não tinham um systema completo e homogéneo para exprimirem os números fraccionários; serviam-se para isso em geral dos ordinais, subintendendo-se a palavra *pars*. 77

Ex. : $\frac{1}{2}$ diziam *dimidia (pars)*, ou *dimidius a um*, ou *dimidium ii*; $\frac{1}{3}$ diziam *tertia (pars)*, no plur. *tertiae (partes)*; $\frac{1}{4}$ diziam *quarta*; $\frac{1}{5}$ *quinta*, etc. A fracção $\frac{1}{21}$ era por elles expressa nas palavras *tertia septima*; $\frac{2}{3}$ *duae partes*; $\frac{3}{4}$ *tres partes*.

O systema português é completo, simples e perfeito, empregando os ordinais substantivados, ou então os cardinais acrescentando o dissýllabo *ávos*. 78

Meio deriva de *me(d)ium*, e tomou a significação de *dimidium*.

Metade, que diz o mesmo, vem de *me(di)etatem* → *meetade* → *mètade* (como o povo ainda diz) → *metade*.

A designação *ávos*, que se encontra nesta espécie de numerais, desde o

décimo em deante, a designar as partes em que se dividiu o todo, é uma singularidade da nossa lingua e da espanhola, e formou-se por um processo interessante. Não é mais nada senão o suffixo *-ávo* do nome *oitavo*, que se destacou tornando-se autónomo, e se juntou, como se fôsse um verdadeiro substantivo, aos outros numerais. Na expressão, por exemplo, *três oitavos*, considerou-se a palavra *oitavos* como sendo uma expressão composta de duas palavras, *ôito* + *ávos*. *Três oitavos* = três das oito partes (*ávos*) em que se dividira o todo. Destacada assim a palavra *ávos* do número *oito*, passáram a arranjar-se expressões análogas com os outros números : — *Um treze ávos, quatro quinze ávos,* etc.

79 Em português existem aínda outras fórmas de numerais, sem constituírem systemas regulares; tais como : — *primário*, *secundário*, *terciário*, etc.; *dúzia*, *quarteirão*, *grosa*, etc.; *dezena*, *onzena*, *duzena*, *trezena*, *quinzena*, *vintena*, etc.

II. — Pronomes

80 **Sua origem latina.** — Pode-se affirmar que todos os pronomes derivam do latim; para verificar isto vamos percorrê-los um por um.

Pronomes pessoais

81 **Pessoais pròpriamente ditos.** — Não se desfigurúram na passagem do latim para o português.

Ego → *eõ* → *eu*, *tu* → *tu*, *se* → *se*, *nos* → *nos*, *vos* → *vos*, *se* → *se*.

82 **Possessivos.** — Correspondem um a um aos pessoais. A sua etymologia latina é também evidente.

A anomalia que se observa nos da 2ª e 3ª pessôas do singular já foi noutro logar explicada pela analogia com o da 1ª pessôa : — *meum* → *meu*, *tuum* → *teu* (por analogia com *meu*), *suum* → *seu* (pela mesma analogia); *nostrum* → *nosso* (por assimilação do *t* ao *s* e queda do *r*), *vostrum* → *vosso* (phenómenos eguais), *suum* → *seu* (já explicada para o singular). A formação analógica de *seu* é recente. O pronome possessivo da 3ª pessôa no português archaico era masc. *su*, fem. *sa*, ex : — *su senhor*, *sa ciidade*.

Pronomes determinativos

Demonstrativos. — Quanto a estes pronomes ha algumas observações a fazer, sendo contudo indubitavel a sua etymologia latina. 83

Percorramo-los pois :

Esse, essa, isso (arch. *esso*) ← *ipse, ipsa, ipsum*. Deu-se a assimilação do *p* ao *s* (I, 136), e a mudança de significação, pois *ipse* signficava *o mesmo* e não *esse*.

Aquelle, aquella, aquillo (arch. *aquello*) ← l. pop. *eccu'ille, eccu'illa, eccu'illud*. Este composto do latim pop. tinha a mesma significação do simples *ille*, e conservou-a na passagem para o português.

No port. arch. havia também o pronome *aqueste, aquesta, aquesto*, de formação semelhante a *aquelle* (*eccu'iste, eccu'ista, eccu'istud*).

Mesmo, mesma ← *meesmo, meesma* ← *medessimo, medessima* ← *met-ipsimum, met-ipsimam*. *Ipsimus* é palavra que devia existir no latim popular, abreviatura do superlativo clássico *ipsissimus*.

Outro, outra ← *alt'rum, alt'ram*, pela vocalização do *l* em *u* (I, 134), e mudança subsequente do dithongo *au* em *ou* (I, 43).

Tanto, tanta ← *tantum, tantam*, mudou de significação, assumindo no português a do latim *tot*.

Tal ← *tale*.

Elle, ella, ello (arch.) ← *ĭlle, ĭlla, ĭllud* (I, 30 e 31).

Lo, la e *o, a* ← *(il)lum, (il)lam*.

Relativos e interrogativos. — É bem facil de ver a sua etymologia. 84

Que, quem, cujo ← *qui, quem, cujus*.

Qual ← *quale*.

Quanto ← *quantum*, assumindo a significação de *quot*.

Indefinidos. — Deram-se nestes pronomes phenómenos mais complicados na passagem para o português. 85

Ninguem ← *nẽguem* ← *ne(c)quem*. O *e* nasalizou-se por influência da nasal *n* (assimil. incompl. progress.); o *q* abrandou-se em *g* (I, 88).

Um, uma ← *unum, unam* (cf. I, 116 e 12).

Cada ← *quemdam*, e não do gr. κατά, como geralmente se suppõe (1).

(1) Cf. G Guimarãis e S. Gómez, *Nova gram. lat.*, p 73.

Ambos, ambas ← l. *ambos, ambas.*

Todo, toda, tudo (arch. *todo*) ← *totum, totam, totum* (cf. I, 88), assumindo a significação de *omnis.*

Alguem ← *aliquem* (I, 88).

Nada ← (*nulla res*) *nata*, phrase de que subsistiu apenas a palavra final, com a significação que tinha a phrase inteira. Ha vários casos análogos em todas as linguas, ex. : — fr. *rien* (nada) ← (*nulltam*) *rem*; fr. *personne* (ninguem) ← (*nulla*) *persona.*

Muito, muita ← *multum, multam* (I, 134).

Nenhum, nunhuma ← *nem-um, nem-uma* ← *ne*(*c*) *unum, ne*(*c*) *unam* (1).

Algum, alguma ← *aliq'unum, aliq'unam* (cf. I, 64 e 88).

Certo, certa ← *certum, certam.*

III. — Verbos

Considerações breves. — Pouco precisamos de dizer aqui em especial sôbre a etymologia do verbo. Na camptologia teremos occasião de confrontar, fórma por fórma, a flexão verbal portuguêsa com a latina, e veremos então como em geral as nossas fórmas verbais vêem das daquella língua. Aqui, referíndo-nos apenas à fórma infinitiva, aquella por que os verbos costumam ser designados e por que se acham catalogados nos diccionários, recordaremos um facto, a que já fizémos referéncia na phonética (I, 21). 86

A família de verbos latinos, cujo infinito terminava em -*ĕre*, i. é, dos verbos de thema em consoante ou -*u*-, e que antigamente se denominavam da 3.ª conjugação, desappareceu antes de chegar ao português, passando os respectivos verbos para a família dos terminados em -*ēre* ou de

(1) Processo parallelo ao da transformação de *ne*(*c*)*quem* em *ninguem* (cf. *supra*, no princípio deste §). *Ne*(*c*) *unum* → *nẽ-ũo* → *nẽ-ũ*, que se escrevia *nenhum* (=*nen hum*, pois o artigo indefinido escrevia-se *hum* em vez de *um*). Como pelo grupo consonántico *nh* costuma representar-se o som molhado que se encontra, v. gr., em *vinha*, passou ùltimamente, na maior parte do país, a dizer-se *nenhum* em vez de *nẽ-um* (cf. I, 12).

thema em *-e-*, e em seguida alguns delles para a dos terminados em *-ĭre*, ou de thema em *-i-*.

Ex. : — *facĕre, dicĕre, immergere, conducere* déram no latim pop. *facére, dicére, immergére, conducére*, passando mais tarde estes dois ultimos a *immergíre, conducíre.*

87 Por este motivo em português não ha um único verbo que no infinito não tenha o accento tónico sôbre a vogal final do thema, apparecendo-nos todos uniformizados quanto ao accento.

Ex. : — *amāre* → *amar*, *debēre* e *tremĕre* → *dever* e *tremer*, *vestīre* e *retribuĕre* → *vestir* e *retribuir.*

IV. — Palavras invariaveis

Advérbios

88 **Diversas fontes latinas dos advérbios.** — Os advérbios portuguêses provêem ou dos advérbios latínos correspondentes, ou de nomes (e pronomes), ou de locuções compostas.

Examinemos separadamente os que nos vêem de cada uma destas fontes.

89 **Advérbios vindos de advérbios latinos.** — Muitos destes advérbios perdêram a significação que tinham no latim, para assumirem no português uma significação nova; entretanto não ha logar a dúvidas sôbre a sua etymologia.

Advérbios portuguêses	Etymologia latina	Advérbios portuguêses	Etymologia latina
aí (arch. *i* ← *ii*)	*i(b)i* (com a preposição *a*)	*lá*	*(il)la(c)*
		longe	*longe*
aliás	*alias*	*mais*	*magis*
ali (arch. *li*)	*(il)li(c)* (com a preposição *a*)	*mal*	*male*
		menos	*minus*
antes	*ante*	*muito* e *mui*	*multo*
após	*post* (com a preposição *a*)	*não*	*non*
		nunca	*nunquam*
aqui	*qui* (adv. com a preposição *a*)	*onde*	*unde*
		quam	*quam*
atrás	*trans* (com a preposição *a*)	*quando*	*quando*
		quanto	*quanto*
bem	*bene*	*quási*	*quasi*
cêdo	*cito*	*sempre*	*semper*
como (arc. *cómoo*)	*quomodo*	*sim*	*sic* (1)
eis (*eiz* ← *eice*)	*ecce*	*só* (arch. *sóo*)	*solum*
fóra	*foras*	*tam*	*tam*
hoje	*hodie*	*tanto*	*tanto*
ja	*jam*	*tarde*	*tarde*

Advérbios vindos de nomes.—Advérbios propriamente ditos, vindos directamente de nomes (ou pronomes) latinos, temos muito poucos. 90

Podemos citar, por ex., *pouco* ← *paucum*, *logo* ← *loco*, *ora* ← *hora*.

Ha porém muitos casos, em que se usa como advérbio a fórma masculina singular dos adjectivos. Este uso já existiu no latim clássico e no popular, e deste veiu para o português; muitos advérbios, que se encontram no próprio 91

(1) Houve a queda regular do *c* final (I, 84), e depois a nasalização do *i*, talvez por analogia com o pronome *mim* ← *mihi*, em que o *i* foi nasalizado por influência do *m*.

latim clássico, não sam mais do que fórmas destacadas da flexão dos adjectivos e pronomes.

Ex. : — *Fallar baixo, erguer alto, estimar immenso.*

92 **Advérbios vindos de locuções latinas compostas.** — Sain muito numerosos, como pode ver-se na lista seguinte.

Advérbios portuguêses	Etymologia latina
acaso	*ad casum*
acima	*ad cimam* (1)
acolá	*eccu'illac*
adeante	*ad in ante*
adrede	*ad directe*
agora	*hac hora*
aínda	*ad inde*
àmanhã	*ad *maniana* (2)
àquem	*eccu'inde* (3)
arriba	*ad ripam*
assaz	*ad satiem* (4)
assim	*ad sic*
dentro	*de intro*

Advérbios portuguêses	Etymologia latina
depois (arch. *despois*)	*de ex post* (5)
depressa	*de pressa* (6)
donde (arch. *de adonde*)	*de ad unde*
então (arch. *enton*)	*in tunc*
jàmais	*jam magis*
onde (← *aonde* ← *adonde*)	*ad unde*
ontem	*a(d) noctem* (7)
senão	*si non*
talvez	*tali vice*
também	*tam bene*

(1) Apparece a palavra *cima* ou *cyma* no latim medieval (gr. κῦμα), para designar a parte superior de qualquer objecto, ex., *a pede usque ad cimam.*

(2) *Maniana*, fórma hypothética derivada de *mane*, como de *ante* derivou *antianus*. Em português temos *manhã* ← **manianam*, e *ancião* ← *antianum*.

(3) Cf. esp. *aquende.*

(4) *Assaz* e não *assás*. Cf. port. arch. *assaz* e esp. *asaz*. Esta fórma não podia derivar de *ad satis*, e temos de admittir por étymo a palavra lat. *satiem*.

(5) Vid. adeante a etymologia da conjuncção *pois* (II, 94).

(6) O subst. *pressa* (violência, esforço, injúria) é derivado do verbo *premo*, adj. verb. *pressus a um*, e foi usado no l. pop., ex. : — *Dixerunt quod Atto Episcopus eorum hereditatem injuste haberet per pressam in loco qui dicitur Hatile.*

(7) Cf. esp. *anoche*. Para substituir os adv. latinos *heri* e *cras*, formáram-se parallelamente *ontem* ← *ad noctem*, e *àmanhã* ← *ad *maniana*. Sam ambos devidos ao mesmo processo psychológico.

Preposições

Origem latina das preposições. — As preposições portuguêsas sam todas derivadas de preposições latinas, nalguns casos agglutinadas a outras preposições. Ei-las : 93

Preposições portuguêsas	Etymologia latina	Preposições portuguêsas	Etymologia latina
a	*ad*	*em*	*in*
ante	*ante*	*entre*	*inter*
após	*post* (com a preposição *a*)	*para* (arch. *pera*)	*per ad*
		perante	*per ante*
até	*ad tenus* (?)	*per* e *por*	*per* ou *pro*
com	*cum*	*sem*	*sine*
contra	*contra*	*sob*	*sub*
de	*de*	*sobre*	*super*
desde (arch. *des*)	*de ex*	*tras*	*trans*

Conjuncções

Conjuncções derivadas do latim. — As conjuncções e locuções conjunctivas do português viéram umas do latim, outras formáram-se com elementos portuguêses. 94

Eis a lista das que pertencem ao antigo vocabulário português, e que viéram de conjuncções ou de outras palavras latinas

Conjuncções portuguêsas	Etymologia latina	Conjuncções portuguêsas	Etymologia latina
e	*et*	*ou*	*aut*
como (arch. *cómoo*)	*quomodo* e *cum*	*pois*	*post* (2)
mas (arch. *mais*)	*magis*	*quando*	*quando*
nem	*nec* (1)	*que* (arch. *ca*)	*qua* ou *qua(re)*
ora	*hora*	*se*	*si*

As restantes conjuncções formáram-se na língua portuguêsa de elementos próprios desta língua. 95

(1) Além da queda regular do *c* final (I, 84), houve a nasalização da vogal por influência do *n* que a precede.

(2) *Post* podia dar e deu *pois*. Pela queda do *t* final ficou *pôs* (cf. esp. *pues*); deu-se depois a dithongação do *ô* : — *pôs* → *pous* → *pois*.

Interjeições

Observação. — Não temos que nos occupar aqui das interjeições, porque não sam pròpriamente fórmas grammaticais, mas exclamações ou gritos instinctivos, que exprimem sensações ou sentimentos, e não idéas. 96

As interjeições pròpriamente ditas existem em todas as línguas, e em todas ellas sam pouco mais ou menos idénticas, mas não estám sujeitas às leis grammaticais, nem constituem categoria de palavras.

Ha porém algumas palavras e phrases que se empregam como interjeições, mas que em face da lexiologia não sam mais do que palavras pertencentes às diversas categorias grammaticais, de que não devemos occupar-nos neste logar. 97

SECÇÃO II

Thèmatologia

98 **Assumpto desta secção.** — Tratámos na secção anterior do léxico primitivo português, da sua fonte natural, o latim popular, e do modo como os vocábulos passáram das fórmas latinas para as correspondentes portuguêsas. As próprias palavras de fontes estranjeiras, que nos apparecem no primitivo vocabulário português, viéram-nos em geral por intermédio do latim popular; só depois de latinizadas, é que realizáram a sua passagem juntamente com as próprias daquella lingua, formando todas o fundo restricto do nosso primitivo léxico.

Agora vamos occupar-nos das fontes das palavras, com que tem sido ampliado o nosso vocabulário através dos differentes períodos da existéncia do português; como é que a nossa língua tem conseguido satisfazer às necessidades de arranjo de novas palavras, para exprimir novas idéas e para substituír as palavras envelhecidas e extinctas.

99 Os únicos meios, que para isso estám ao alcance dos que fallam a língua, sam os seguintes —: *ir buscar* palavras já formadas a línguas estranjeiras, ou então, com elementos já existentes em português, formar palavras novas por *composição* ou por *derivação.*

Eis o assumpto de que trataremos agora

CAPITULO I

Importação de palavras

10

Legitimidade da importação de palavras estranjeiras. — Pode contestar-se a legitimidade com que se foi buscar a outra língua, e de lá se trouxe, este ou aquelle termo em particular; pode questionar-se se essa importação foi ou não util e opportuna: mas o princípio em virtude do qual uma língua vai buscar a uma outra um vocábulo que lá havia, e que ella não tinha, esse é indiscutivel.

Para satisfazer às suas necessidades a língua recorre aos meios mais simples e faceis, que se lhe depáram; encontrando uma palavra já feita, em regra adopta-a, dispensando-se do trabalho de arranjar outra.

Supponhamos a hypóthese de nos vir do estranjeiro um objecto, até hoje inteiramente desconhecido no nosso país. Em português não ha palavra para designar esse objecto, mas lá de fóra vem elle acompanhado de um nome, por que costuma ser expresso. A regra é adoptar-se o nome, que o objecto novo traz, naturalizando-se simultaneamente um e outro. Algumas vezes porém não se adopta o nome estranjeiro, ou por se não tornar logo conhecido, ou por ser de difficil prolàção e repugnar à índole da língua, ou por qualquer outro motivo: em tal caso trata-se de dar nome português ao objecto.

Ex. : — Viéram-nos do estranjeiro as carruagens dos caminhos de ferro, e acompanhou-as o nome *wagon* por que lá eram designadas. A palavra *wagon* pertence ao vocabulário inglês, e significava primàriamente qualquer carruagem; mas, por um trabalho mais ou menos longo, veiu a sua significação a especializar-se, restringindo-se àquelle género de carruagens.

Em português havia algumas palavras que significavam carruagem em geral, e com qualquer dellas, juntando-lhe um determinante que a restringisse, podia significar-se aquella espécie de carruagens; também podia exercer-se sobre qualquer desses vocábulos um trabalho particularizante, análogo ao que em Inglaterra se exerceu sobre a palavra *wagon*, e destinar-se aquelle vocábulo a significar apenas as carruagens do caminho de ferro; mas tudo isto era mais complicado e menos prompto do que adoptar a palavra *wagon*, que já trazia essa significação especial. Foi isso o que se fez.

Restricções a esta faculdade. — Os puristas têem-se cansado buscando pôr peias a esta tendência natural das línguas, e os seus esforços, enquanto pautados por são critério e circunscriptos por certos limites, sam justos e altamente salutares; quando porém ultrapassam esses limites, tais esforços sam baldados, chegando até por vezes ao excesso de se tornarem ridículos. **101**

Havendo necessidade ou vantagem na admissão do vocábulo estranjeiro, por não existir na língua palavra que exprima conveniente e adequadamente aquella idéa, com a vivacidade e precisão desejadas, essa admissão é legítima; mas, se não se derem estas condições, é condemnavel. Eis o princípio, e dentro destes limites os puristas da língua prestam relevante serviço combatendo as importações injustificaveis ou pedantescas; a sua acção conservadora é muito conveniente. A língua porém algumas vezes não ouve tais admoestações, e acceita os vocábulos importados indevidamente. É a soberania inconsciente do povo dominando nos factos linguísticos; os eruditos luctam pelo que deve ser, mas o povo, obedecendo às suas tendências naturais e espontaneas, vai adoptando o que ha de ficar.

102 As palavras de importação erudita, mas desnecessária ou viciosa, enquanto não entram no uso commum, estám no caso de serem rejeitadas, e devem sê-lo no interesse da língua e do decoro da gente illustrada.

103 **Transformação das palavras importadas.** — As palavras estranjeiras, sendo adoptadas no português, modificam-se ordinàriamente perdendo em parte a feição própria e especial da língua donde vẽem, e tomando outra conforme com a índole da língua portuguêsa.

Estas transformações sam pautadas pelas leis phonéticas da nossa língua; muitas vezes a orthographia original mantem-se aínda depois de transformada a palavra.

Sirva-nos de exemplo o mencionado termo *wagon*, que continúa a ser escripto por muitos como no inglês, pronunciando-se entretanto *vagon*.

A denominação dada pelos mouros ao seu principe ou monarcha *emir-al-mumenim* (chefe dos crentes), foi durante o domínio árabe introduzida no uso da peninsula para designar o chefe mouro, e apparece-nos muito alterada em português sob a fórma *miramolim* (cf. esp. *miramamolin*).

104 As palavras importadas em tempos recentes soffrem, como é natural, menos transformações do que as introduzidas em tempos antigos, e que atravessáram as diversas modificações phonéticas por que a língua portuguêsa tem passado.

Sendo muito restricto o uso de algumas palavras, como succede com os termos téchnicos usados por uma só classe de pessôas, estas palavras soffrem em regra menos modificações do que as que entráram no uso commum.

De resto as palavras estranjeiras introduzidas no português sam absorvidas pela grande massa lexical da língua, e assimilam-se à pronúncia geral portuguêsa.

105 Palavras importadas das línguas clássicas latina e

grega. — Sam muitíssimo numerosas as palavras vindas das línguas clássicas latina e grega por via litterária.

106 Ao latim pedíram-se muitas pelo símples prurido de aproximar delle a língua portuguêsa; foi desde o século XV ao XVIII que maior número de palavras de lá se importáram, augmentando largamente com ellas o nosso vocabulário

Não podemos estar a avolumar este livro com exemplos numerosos de factos vulgarissimos, como o presente. Basta ler uma página de qualquer dos nossos clássicos, para encontrarmos muitas palavras vindas do latim, que no antigo português não existiam. Sirvam de exemplo *ancilla, axilla, bipartído, bípede, excídio, fámulo innupto, invitar, jugular, miraculoso, mirífico,* etc.

107 Ao grego é que recorrêram especialmente as sciéncias e humanidades desde o século XVIII para cá, tirando daquella língua as palavras com que exprimem muitos factos, idéas e conhecimentos. Esta importação faz-se dando fórma e accentuação portuguêsa às palavras, para o que principía por se fazer a adaptação das mesmas à língua latina, e desta, em seguida, à portuguêsa.

Ex.: — *agronomía, anarchía, aristocracía, biblióphilo, democracía, economía, genealogía, harmonía, misanthropía, monarchía, philanthropía, protótypo, rhinoceronte, sarcóphago, typographía, zodíaco.*

108 **Palavras importadas das modernas línguas cultas.** — Pelo convívio dos portuguêses com diversos povos, qualquer que seja a índole desse convívio — litterário, scientífico, artístico, commercial, político, etc., etc. — têem no decurso da nossa história passado várias palavras das línguas desses povos para a nossa.

109 Do espanhol sam relativamente poucas as palavras importadas, apesar das estreitas relações mantidas entre os

dois povos, e da grande influéncia que em nós teve a litteratura espanhola. É isto devido a serem tam próximas uma da outra as duas línguas, tendo commum na sua máxima parte o vocabulário; não precisam de pedir emprestado uma à outra aquillo que ambas possuem em commum.

Entre essas poucas palavras importadas do espanhol mencionamos, como exemplos, as seguintes : — *basto* (termo de jogo), *esteira*, *fandango*, *frente*, *hediondo*, *lhano*, *manilha*, *sarabanda*.

110 Sam muito numerosas as palavras francêsas que temos importado em todos os tempos, desde a collocação de um francês, D. Henrique de Burgonha, à frente do condado portugalense. Foi porém desde o século XVII em deante, isto é, desde a vinda de tropas francêsas a coadjuvar D. João IV na guerra com Espanha, que a importação de palavras francêsas se tornou em verdadeira doénça, de que tem largamente enfermado a nossa língua. Gallicismos desnecessários e injustificaveis se introduzíram por moda e pedantismo litterário, e muitos adquiríram fóros de cidade. Até palavras portuguêsas, adoptadas pelos francêses e por elles modificadas e affeiçoadas à índole da sua língua, de lá nos vieram de novo, e assim afrancesadas fôram introduzidas no nosso vocabulário.

Ex. : — *brecha*, *approche*, *avançada*, *garante* (→ *garantia* e *garantir*), *reproche*, *fetiche* (palavra francêsa ← port. *feitiço*).

111 Algumas palavras temos importadas do provençal aí pelo século XIII, desde a subida de D. Affonso III ao throno.

Ex. : — *trova*, *trovador*.

112 Do italiano viéram-nos muitas, algumas das quais por intermédio do francês.

Ex. : — *ágio, arlequim, bagatella, balaüstrada, bancarota, bandido, barcarolla, burlesco, cadéncia, cantata, cascata, contrabasso, contralto, dilettante, esdrúxulo, fiásco, grotesco, macarrão, soprano, violoncello.*

113 Importáram-se também do allemão algumas palavras por intermédio do francês.

Ex. : — *bismutho, caparosa, cobalto, obúz, quartzo, espatho, valsa.*

Sam bastante numerosas as vindas do inglês.

Ex. : — *bife, bifteque, ròsbife, brequefeste, cheviote, júry, paquete, ponche, toste.*

114 **Palavras importadas das línguas americanas, africanas e asiáticas.** — Depois da descoberta do Brasil o vocabulário da nossa língua foi ampliado com muito numerosos termos, trazidos das línguas americanas.

Ex. : — *alpaca, arara, caipira, chácara, condôr, cuia, furacão, giboia, goiaba, mandioca, pampa* (1).

115 Também se introduzíram no nosso vocabulário numerosas palavras de línguas africanas.

Ex. : — *azagaia, banza, banzé, batuque, cacimba, carimbo, corcunda, mandinga, muleque, muxinga.*

116 Finalmente várias línguas asiáticas têem contribuído com muitas palavras para se avolumar o léxico português.

(1) Note-se que esta palavra em português, como em espanhol, é feminina, devendo portanto dizer-se *as pampas* e não *os pampas*, como affectada e pedantescamente dizem certas pessòas, que suppõem que o português, para ser elegante, deve fallar-se como se falla o francés. O mêsmo fazem à palavra *cólera*, que em português sempre foi feminina, e que entretanto muita gente usa como masculina, simplesmente porque em francês se diz *le choléra*.

Ex. : — CHINÊSAS — *chá, leque, nanquim;* — INDIANAS — *anil, bengala, cánfora, canja, ganga, junco, nababo;* — MALAIAS — *bambú, beliche, laca, orango-tango, sagú:* — PERSAS — *bazar, caravana, chacal, divan, pagode, tafetá;* — TURCAS — *caíque, quiosque, odalisca.*

CAPÍTULO II

Derivação

Nota prévia. — A derivação é, como vimos, um outro meio que a língua tem para alargar o âmbito do seu vocabulário. Pela importação traz da língua estranha palavras lá existentes; pela derivação faz dimanar de palavra ou palavras, existentes na própria língua ou nas outras, uma nova palavra portuguêsa. **117**

Vamos considerar em primeiro logar a derivação portuguêsa feita por via popular, e em seguida a que se tem feito e faz por via litterária ou erudita.

A). — Derivação popular

Processos de derivação popular. — Ha dois processos de derivação popular: a *derivação própria* e a *imprópria*. Aquella faz-se por meio de suffixos, esta faz-se sem tais elementos. **118**

Ex.: — Os nomes *vencimento* e *brancura* sam derivados próprios, que dimanáram das palavras primitivas *vencer e branco*, mediante a adjuncção dos suffixos nominais *-mento* e *-ura*; *recibo* e *accôrdo* sam derivados impróprios, pois viéram das fórmas verbais *recebo* e *accórdo*, sem adjuncção de suffixos.

I. — Derivação imprópria

Processo geral desta derivação. — Na derivação imprópria a palavra primitiva subsiste na sua fórma externa, mudando-se-lhe apenas a funcção. Em grande número de casos dam-se posteriormente algumas modificações phonéticas, para distinguir e differençar a palavra primitiva da derivada. 119

Categorias de derivados. — Sam numerosas as palavras portuguêsas, das diversas categorias grammaticais, que provêem desta fonte, como passamos a ver. 120

a). — Nomes : 121

1. Substantivos derivados de adjectivos. Sam frequentíssimos.

Ex. : — o *jornal*, o *indispensavel*, um *corredor*, um *justo*, um *santo*.

2. Substantivos próprios derivados de communs.

Ex. : — *Leão, Ventura, Primo, Estrella, Rosa, Innocéncia, Constança.*

3. Substantivos communs derivados de próprios.

Ex. : — uma garrafa de *champanhe*, uma peça de *casimira*; uma *victória* (carro), *damasco* (fructa ou tecido).

4. Substantivos derivados de verbos.

Ex. : — um *recibo*, um *accôrdo*, uma *compra*, uma *venda*, uma *emenda*, um *gracéjo*, uma *conserva*, uma *reforma*, um *passe*, um *viva*, a *caça*, o *saber*, o *aspirar*, o *poder*, o *andar*.

5. Substantivos derivados de palavras invariaveis, e até de simples interjeições.

Ex. : — o *sim*, o *não*, um *talvéz*; os *contras*, um *até*; um *portanto*, um *se*, os *porquês*; os *ais*.

6. Adjectivos derivados de substantivos.

Ex. : — um homem *lázaro* (a palavra primitiva é o nome próprio *Lázaro*), um chapeu *monstro*.

b). — Palavras invariaveis : 122

1. Advérbios derivados de nomes ou pronomes.

Ex. : — *logo* (no port. archaico era um subst. ← *locum*; depois que mudou de funcção, veiu a ser substituido na sua categoria de subst. pelo derivado *logar*); *pouco* (primitivamente era apenas pronome ← *paucum*); cantar *alto*; fallar *baixo*, ver *claro*.

2. Preposições derivadas de nomes.

Ex. : — *excepto* isto, *conforme* aquillo, *durante* o anno.

3. Conjuncções derivados de nomes ou verbos.

Ex. : — *logo, quer, seja, ora.*

c). — Interjeições : 123

Derivadas de nomes, pronomes, verbos ou advérbios.

Ex. : — *apoiado! qual?! qué?! viva! morra! àvante!*

II. — Derivação própria

Processo geral desta derivação. — A derivação própria cria palavras novas juntando suffixos às primitivas. Esta fonte de palavras é de admiravel fecundidade. 124

Observações gerais sobre os suffixos. — Os suffixos portuguêses, de que usa a derivação popular, podem em face da sua história classificar-se em três grupos : — uns vivêram no português archaico, mas depois decaíram e morrêram, não se usando hoje na derivação de novas pa- 125

lavras, e encontrando-se apenas em palavras de formação antiga; — outros atravessáram incólumes toda a vida do português, e aínda hoje vivem pujantemente; — muitos finalmente origináram-se já na língua portuguêsa. Os comprehendidos nas duas primeiras classes viéram-nos na máxima parte do latim.

Ex. : — Suff. *-ônho* ← l. *onĕum* : — *enfadonho, medonho, risonho, tristonho*; hoje não se emprega já nas derivações novas. — Suff. *-ário,* ant. *-airo* e mod. *-eiro* ← l. *arĭum* : — *estatuário, herbário, ferreiro, açucareiro*; existe desde todo o princípio, vindo-nos já do latim, e aínda hoje continúa vivendo, empregando-se em novas derivações. — Suff. *-ejar* é de origem portuguêsá, não sendo mais do que um desenvolvimento do suff. *-ear* : — *bracejar, gràcejar, dardejar, voejar.* Entretanto alguns verbos terminados em *-ejar* derivam de nomes em *-ejo*, com o suff. verbal *-ar.*

126 Com o decorrer dos séculos os suffixos têem-se modificado como todos os outros elementos grammaticais; estas modificações não só attingíram a fórma externa, mas até a significação.

Ex. : — Suff. *-ense* ← l. *-ensem*, em virtude das leis phonéticas, veiu a dar o suff. de transição *-ens* e depois *-és*, conservando-se a primitiva fórma apenas no uso litterário : — *mirandense* → *mirandens* → *mirandés*; *portucalense* → *portugalens* → *portugalés* → *portugaés* → *portugués*. — Suff. *-ito* tinha apenas significação diminutiva, sem trazer qualquer idéa accessória depreciativa (como aínda hoje succede no espanhol, ex. *señorito*); mais tarde modificou-se-lhe a significação, desenvolvendo-se esta idéa accessória, como em *quartito, livrito, mulherita.*

Erraria quem suppusesse que os suffixos sam palavras isoladas, com significação independente, exprimindo uma idéa ou uma imagem própria. Elles não passam de outras tantas fórmulas gerais de idéas abstractas. A língua, encontrando-os nesta ou naquella palavra, destaca-os para os juntar a outras palavras análogas na fórma; o suffixo junta à significação destas palavras a idéa accessória que havia nas outras.

Exemplifiquemos com o suff. *-ôso* ← l. *-ōsum*. Encontramos este suff. em *frondoso* ← *frondosum*, *famoso* ← *famosum*, *leproso* ← *leprosum*, etc., e notamos que em todos estes adjectivos derivados se exprime « aquelle ou aquillo que tem, ou produz, ou é causa de alguma cousa, significada pela palavra primitiva », e ainda outras significações accessórias; ex. gr. : *calm-oso* = o que tem calma, *frond-oso* = o que tem fronde ou folhagem, *fam-oso* = o que tem fama, *lepr-oso* = o que tem lepra, *rend-oso* = o que produz renda. Destaca-se o suff. e junta-se a outros substantivos para formar adjectivos análogos àquelles : — *accint-oso*, *ann-oso*, *bab-oso*, *barr-oso*, *bich-oso*, *bolb-oso*, *bri-oso*, *calm-oso*, *carn-oso*, *cheir-oso*, *cust-oso*, *fog-oso*, *form-oso*, *garb-oso*, *gib-oso*, *gost-oso*, *ed-oso* (por *edad-oso*), *manh-oso*, *nerv-oso*, *religi-oso*, *rend-oso*, *rug-oso*, *saud-oso* (por *saudad-oso*), *sed-oso*, *mim-oso*, etc., etc.

128 Quando se perde a significação ou idéa secundária expressa pelo suffixo, e na palavra derivada se não distinguem as duas idéas, a principal representada pela palavra primitiva e a secundária representada pelo suffixo, e quando isto succede também em todas as palavras em que entra o mesmo elemento pospositivo, então os derivados absorvêram o suffixo, e este perde a existéncia, morre, isto é, não mais volta a ser empregado em futuras derivações.

129 Succede muitas vezes sobrepôrem-se uns suffixos a outros por adjuncções successivas.

Ex. : — *constitucion-al-issima-mente*; *medicament-osa-mente*.

130 Não julgamos necessário formular aqui as principais regras phonéticas, que se observam na adjuncção dos suffixos às palavras; estas regras ficáram formuladas na nossa grammática portuguêsa para uso dos alumnos do curso geral (1), e nella também se encontra uma lista dos principais suffixos usados na nossa língua (2).

(1) Vid. *Grammat. port.* anterior, II, 55.
(2) Ibid., II, 60 e segg.

B). — Derivação erudita

Tem por fontes o latim e o grego. — Desde todos os princípios do português a gente erudita e litterata recorreu ao latim para satisfazer as deficiências do vocabulário; primeiro ao baixo latim, e mais tarde, aí pelo século XV, quando se familiarizáram mais com os escriptores da antiga Roma, foi ao latim clássico que recorrêram. Desde então até hoje não deixou de se fazer uso, em mais ou menos larga escala, desta fonte.

Não succedeu o mesmo com o grego. Durante a edade média desconheceu-se quási completamente esta língua, e nem as letras do alphabeto se entendiam. É frequentíssimo encontrar-se nos antigos manuscriptos latinos, onde havia alguma palavra escripta em caracteres gregos, esta nota ou observação posta por mão de qualquer leitor: — *Graecum est, non legitur.* Esta mesma observação se lê também em muitos pergaminhos, embora exclusivamente latinos, escriptos em caracteres mais antigos; não os entendendo, concluíam que aquillo era grego, e punham-lhe a referida nota.

Foi no século XV que entre nós começou a ser conhecido o grego; no XVI os litteratos da renascença familiarizáram-se com elle, e desde então é que principiou a recorrer-se a esta fonte, para della se derivarem novas palavras.

Processos de derivação erudita. — Os processos de derivação erudita repousam fundamentalmente sôbre este princípio: — a nova palavra portuguêsa derivada do latim ou do grego deve reproduzir um typo latino ou greco-latino, afeiçoado à índole da língua portuguêsa.

Exemplifiquemos: — Em latim ha as palavras *corpor-alis*, *seb-aceus*, *tang-ibilis*; à imitação destas e doutras muitas homogéneas a estas, derivàram-se artificialmente as seguintes palavras: — *punctualis* ← *punctum* + *alis*, *crustaceus* ← *crusta* + *aceus*, *substituibilis* ← *substituo* + *ibilis*; depois amoldáram-se à indole da lingua portuguêsa, dando-se-lhes a fórma *pontual*, *crustáceo*, *substituível*.

Em grego existe a palavra *amaurôsis* (obscurecimento) ← *amauros* (obcuro + suff. *is*), e como esta muitas outras semelhantes; à imitação dellas derivou-se artificialmente a palavra *neurosis* ← *neuros* (nervo) + suff. *-is*, que, depois de passar pelos moldes latinos, se afeiçoou à indole do português, dando-se-lhe a fórma *neurose* (ainda hoje alguns escrevem e dizem *nevrose*, o que é contrário à indole do português; cf. *a-neur-isma*, *neur-asthenia*, etc.).

134 Suffixos empregados na derivação do latim. — Não mencionamos alguns, que sam communs à derivação erudita e à popular, e que por isso se encontram apontados na lista da nossa anterior grammática (1). Dos que restam por mencionar os principais sam os seguintes:

-acĕum → *-áceo* — é usado particularmente em botânica. para designar famílias de plantas, ex.: *lili-áceos*, *renuncul-áceos*.

-torĭum → *-tório* — ex.: *accusa-tório*, *conserva-tório*, *pedi-tório*.

-ātum → *-ato* e *-ado* — *barón-ato*, *tribun-ato*, *terr-ado*, *abba-dess-ado*.

-ĭa → *-ía* — *villan-ia*, *livrar-ia*.

-ĭcum → *-ĭco* — *férr-ico*, *plúmb-ico*.

-īnum → *-íno* — *camp-ino*, *crystall-ino*.

-itātem → *-idáde* — *amabil-idade*, *culpabil-idade*.

-īsmum → *-ísmo* — *real-ismo*, *de-ismo*.

-īscum → *-êsco* — *carnaval-esco*, *frad-esco*.

-ĭum → *-ĭo* — *potáss-io*, *sód-io*.

-ntĭa → *-ncia* e *-nça* — *deferé-ncia*, *cobra-nça*, *nasce-nça*.

-ŭlum → *-ŭlo* (diminutivo) — *óv-ulo*, *píl-ula*.

(1) II, 60 e segg.

Muitas vezes juxtapõe-se este último suffixo a nomes que já tinham o suffixo diminutivo *-ico*, ex., *pan-íc-úlo*.

135

Suffixos empregados na derivação do grego. — Sam mui pouco numerosos. Eis os principais:

-ia (-ία e -εια) → *-ia* (que corresponde ao suff. l. *-ia*, e com elle se confunde nos seus usos) — ex.: — *hydrocephal-ia* (existéncia de agua na cabeça), *apetal-ia* (falta de pétalas).

-icos (-ικός) → *-ico* (corresponde ao suff. de origem latina *-ico*, e com élle se confunde) — *apáth-ico* (o que se acha em estado de apathia ou insensibilidade.

-itis (-ίτις) → *-íte* — *bronch-ite, laryng-ite* (indica o estado de inflamação de qualquer órgão).

-ites (-ίτης) → *íte* (usado para designar minerais) — *anthrac-ite, trach-ite*.

-óse (-ωσις) → *óse* (este suff. foi arranjado segundo o modêlo de *amauros-is*, *necros-is*, e outras palavras terminadas em *-os-is*, e indica uma affecção mórbida) — *neur-ose, dermat-ose*.

CAPÍTULO III

Composição

136 **Observação prévia.** — Já conhecemos o mechanismo da composição, de que nos occupámos elementarmente na grammática anterior (1).

A composição imperfeita ou espúria mal pode denominar-se composição, e melhor se lhe pode chamar juxtaposição. Não nos occuparemos della aqui, remettendo o leitor para o que a tal respeito dissemos na outra grammática.

Agora só temos a fallar da *composição perfeita*, que se subdivide em *composição por prefixos* e *composição pròpriamente* dita ou de palavras.

Qualquer dellas pode ser feita *por via popular* ou *por via erudita*.

A). — Composição popular

I. — Composição por prefixos

137 **Compostos latinos.** — O latim possuía um grande numero de vocábulos compostos com prefixos. Geralmente

(1) II, 80 e segg.

a palavra primitiva não permanecia intacta ao juntar-se-lhe o prefixo; eram frequentes os casos em que se dava uma mudança phonética na primeira das suas vogais.

Ex.: — *facere* → *per-ficere, con-ficere, re-ficere*; — *tenere* → *con-tinere, re-tinere, abs-tinere*; — *tangere* → *at-tingere, con-tingere*; — *placere* → *dis-plicere*; — *amicum* → *in-imicum*.

138 Posteriormente manifestou-se a tendéncia contrária; nos compostos formados mais recentemente mantem-se a fórma da palavra primitiva.

Ex.: — *placere* → *com-placere* em vez de *com-plicere*; *tangere* → *per-tangere* em vez de *per-tingere*.

139 Esta última tendéncia é que prevaleceu, vindo mais tarde, no latim popular, a restaurar-se a fórma das palavras primitivas, nos próprios compostos formados pelo antigo processo.

Ex.: — *per-ficere* tornou-se *per-facére* → *per-fazer*; *re-ficere, re-facére* → *re-fazer*, *con-tinere con-tenére* → *con-teér* → *con-ter*; *re-tinere re-tenere* → *re-teér* → *re-ter*.

140 Deste modo, operando sobre a palavra primitiva do composto, e restituíndo-lhe o seu valor phonético, tornava-se mais apparente a composição, evidenciava-se a sutura, e recaía a attenção sobre o prefixo, que pouco a pouco readquiria o seu antigo valor de palavra distincta, e muitas vezes assumia a fórma, que como tal lhe competia.

Ex.: — *il-lustrare*, onde houvera assimilação do *n* do prefixo *in* ao *l* seguinte, passou à fórma *in-lustrare*; *ac-quirere* passou por egual processo a *ad-quiríre*, etc.

141 Depois de compostas as palavras, e tendo assumido existéncia distincta os prefixos, não admira que estes se

tenham substituído uns pelos outros junto da mesma palavra, e que um antigo composto nos venha a apparecer mais tarde transformado pela substituïção do prefixo.

Assim, em vez de *de-dignari*, apparece-nos no baixo latim *des-dignare* (= *dis-dignare*) → *des-denhar*; — ao lado de *sup-ponere* (= *sub-ponere*), apparece-nos *subtus-ponere* → *soto-pôr*; — em logar de *il-luminare* (= *in-luminare*) encontramos *ad-luminare* → *al-lumiar*; em vez de *in-vitar* arranjou-se *con-vitare* → *con-vidar*, etc.

142 É aínda em virtude deste trabalho, que pôs bem em evidéncia e distinguiu os elementos do composto, que muitas vezes observamos manter-se inalterada a consoante inicial da palavra primitiva, quando em face das leis phonéticas deveria caír ou mudar-se, attenta a sua posição.

Ex.: — *contra-dicere* → *contra-dizer*, em que se manteve o *d*, que devia caír por estar entre vogais (I, 96), sendo tratado como se realmente fôsse inicial (*contra dizer*); — *de-cadere* → *de-ca(d)ire* → *de-caír*, onde se manteve o *c*, que deveria ter-se abrandado em *g* (I, 88).

143 Alguns compostos porém havia, cuja palavra primitiva tinha desapparecido, ou, se existia, achava-se quanto à significação tam afastada do composto, que não parecia haver relação entre aquella e este. Em tais compostos perdêra-se a idéa de que o eram, e fôram tratados phonèticamente como se fôssem palavras simples.

Ex.: — *tra-dere* (← *trans-dare*) deu *traír* e não *tra-dir*; *bene-dicere* deu *benzer* e não *ben-dizer*.

144 Natureza dos prefixos. — Os prefixos sam todos originàriamente *advérbios* ou *preposições*. Uns sam separaveis, isto é, aínda hoje se usam fóra da composição, desempenhando a funcção própria da categoria grammatical a que pertencem; outros sam inseparaveis, quer dizer, deixáram de se usar fóra da composição, e já não podem empregar-

se como preposições ou advérbios, mas apenas como prefixos.

Ex. : — Prefixos adverbiais separaveis : — *bem-*, *mal-*; — Inseparaveis : — *bis-*, *en-*, (de *inde*). — Prefixos preposicionais separaveis : — *sôbre-*, *entre-*; — Inseparaveis : — *es-*, *des-*.

Na nossa grammática do curso geral (1) vem uma lista dos principais prefixos portuguêses; no logar respectivo relacionaremos os que particularmente se usam na composição erudita. 145

II. — Composição pròpriamente dita

Observações gerais. — A composição pròpriamente dita realiza-se pela approximação feita no nosso espírito de dois objectos, determinante e determinado, fundindo-se immediatamente as duas numa só concepção superior, e traduzindo essa unidade de concepção pela unidade mais ou menos completa de expressão. 146

Ha sempre nesta operação uma elypse, sôbre a qual repousa a composição pròpriamente dita, por isso chamada também composição elýptica. A elypse é espontanea, muitas vezes inconsciente, mas nem por isso menos real.

Sirva-nos de exemplo o composto *couve-flôr*. Isto corresponde a *couve que tem a fórma de flôr*, ou *couve que parece flôr*, ou *couve que é também flôr*. Deste modo a expressão *couve-flôr* é uma expressão elýptica e synthética; mas o espirito ao formá-la não toma por ponto de partida uma daquellas fórmas analýticas, para chegar pela elypse à fórma synthética; aprehende immediatamente as duas idéas, *couve* e *flôr*, aproxima-as, funde-as numa só idéa, e produz instantaneamente e num só esfôrço a expressão *couve-flôr*

(1) II, 84.

147 **Compostos formados por apposição.** — É a fórma de composição elýptica mais simples. Dois substantivos collocam-se em apposição, de modo que um se torna o qualificativo do outro, representando junto delle o papel de adjectivo. Nos compostos deste género, formados em português, geralmente o determinante vai depois do determinado.

É um processo de composição fecundissimo.

Ex. : — *couve-flôr*, *papel-moéda*, *porco-espinho*, *rei-propheta*, *cardeal-rei*. — É excepcional nos compostos portuguêses por apposição ir o determinante antes do determinado, como succede em *mãe-pátria*. Nisto a nossa lingua não segue as tradições do latim.

148 **Compostos formados de uma preposição e de um nome ou verbo.** — Muitos destes compostos começáram por ser advérbios ou locuções adverbiais, e passáram depois a ser substantivos. Quando tais compostos designam um ser vivo, tomam o género correspondente a esse ser; quando não succede isto, sam geralmente masculinos, a não ser que o espírito tenha perdido a noção de que sam compostos, e os trate como palavras simples, porque então tomam o género da segunda palavra.

Ex. : — um (ou uma) *sem-coração*, um *contra-veneno*, o *a-vêsso* (← *a-verso*), um *so-papo* (*so(b)-papo*), um *a-deus*, o *entre-acto*, um *contra-senso*, um *contra-tempo*, o *entre-meio*, o *ex-presidente*, o *ultra-mar*, a *sobre-mesa*, uma *entre-linha*, uma *entre-vista*, a *ex-raínha*, a *sobre-peliz*, o *sobre-tudo*.

Já no latim havia exemplos destes compostos, tais como *pro-consul*, *inter-vallum*.

149 **Compostos cujo primeiro elemento é um advérbio.** — Sam numerosos em português estes compostos.

Ex. : — *ante-braço*, *ante-sala*, *contra-prova*, *contra-mestre*, *contra-ordem*, *entre-rios*, *entre-meio*.

150 **Substantivos formados de dois nomes, um dos quais subordinado ao outro.** — Se houvesse casos em português, o subordinado estaria em genitivo; não havendo, deveria ser precedido da preposição *de*, que entretanto lá não existe.

É muito rara em português a formação destes compostos; apontamos como exemplo *quartel-mestre* (= *mestre de quartel*). No latim eram muito frequentes, ex., *terrae-motus*, *silvi-cultura*, etc. Modernamente nunca se fórmam tais compostos na nossa língua, sem que se lhes interponha a preposição, ex. *mão-d'obra*, *cabo-d'esquadra*.

151 **Substantivos formados de um verbo seguido do seu complemento.** — Estes compostos sam abundantíssimos, e estam-se formando constantemente.

Ex.: — um *escala-favais*, um *troca-tintas*, o *beija-mão*, o *lava-pés*, um *ganha-pão*, um *pesa-licôres*, o *bota-fóra*.

152 **Verbos compostos de um substantivo determinante e de um verbo.** — É pequeno o número que temos de tais compostos.

Ex.: — *man-obrar* (← *manu-operare*), *man-ter* (← *manu-tenere*).
No latim clássico não havia pròpriamente destes compostos de nome + verbo. Os que parecem estar neste caso, ou sam compostos espúrios, como *manu-tenere* = *in manu tenere*, ou sam verbos derivados de um composto nominal, como *aedificare* ← *aedificium*, *navigare* ← *navigium*, etc. (1)

B). — Composição erudita

153 Observações gerais sôbre compostos eruditos. — Tudo quanto dissemos em geral a respeito da derivação erudita deve applicar-se também à composição. Temos as mesmas fontes latina e grega, e semelhantes processos baseados em egual princípio (cf. II, 131 e segg.).

154 Devemos evitar cuidadosamente na composição o vício do hybridismo, que consiste em se formarem palavras com elementos de línguas differentes.

(1) G. Guimarãis e S. Gómez, *N. Gram. lat.*, II, 321, p. 140.

Ex. : — O *estèphanó-metro* (← gr. *stéphanos* corôa + gr. *métron* medida), instrumento para medir a corôa solar, é ordinàriamente designado pelo nome de *coronó-metro* (← l. *corona* + gr. *métron*), palavra hýbrida e injustificavel. — A *orro-therápia* (← gr. *orrós* sôro + gr. *therapeia* tratamento), tratamento por meio de sôros, é por alguns denominada *sòro-therápia* (port. + gr.), e por outros *sèro-therápia* (l. *serum* + gr. *therapeia*), compostos viciosos pelo seu hybridismo.

155 Os compostos por via erudita distinguem-se dos que sam formados por via popular, no seguinte : estes formáram-se segundo as leis especiais da composição portuguêsa, enquanto que aquelles fôram formados segundo as leis de composição da língua donde nos vêem os respectivos elementos, quer seja a latina quer a grega, sendo depois accommodados à índole do português. Esta accommodação pouco os altera, e em grande número de casos ficam intactos.

156 Aqui indicaremos uma differença essencial, que separa as duas classes de compostos : os elementos que entram na composição pròpriamente dita portuguêsa sam palavras, enquanto que no latim e no grego sam themas de palavras. Outra differença que se dá quási sempre : nos compostos portuguêses a palavra determinante vai quási sempre depois da determinada, enquanto no latim e no grego se dá o contrário.

Ex. de composição portuguêsa — *lua-cheia*; — de composição latina — *pleni-lunium* (as palavras componentes sam *luna* + *plena*) → *pleni-lúnio*; — de composição grega — *phono-gráph-icos* (as palavras componentes sam *phôné* voz + *gráphicos*, adj. verb. de *grápho* escrever) → *phono-gráph-ico*.

I. — Composição latina

157 **Composição latina pròpriamente dita.** — Como em latim existem muitos destes compostos, que servem de

modêlo, a formação de novos compostos é facil. Sam pois numerosíssimos.

Nos compostos cujos elementos sam latinos, o primeiro elemento, sendo nominal, modifica-se ao unir-se ao outro, e toma geralmente a terminação *-i-*.

Os nomes compostos de origem latina podem ser formados : 158

a) de um adjectivo e um substantivo :

Ex. : — *omni-presença*, *multí-pede* (segundo o modêlo de *multi color*, *multi-fórme*).

b) de dois adjectivos :

Ex. : — *agri-dôce*, *uni-refringente*, *omni-sciente*.

c) de dois substantivos :

Ex. : — *api-cultura*, *ovi-paridade*.

d) e principalmente de um substantivo e um verbo

Ex. : — *oliví-cola*, *fumí-voro*, *colorí-fero*, *febrí-fugo*, *uxori-cída*.

Ha alguns compostos de elementos nominais, nos quais o primeiro elemento, em vez de terminar segundo a regra geral em *-i-*, termina em *-o-*, à imitação dos compostos gregos. 159

Ex. : — *romano-árabe*, *hispano-americano*.

Outros casos ha, posto que raros, em que o primeiro elemento entra na composição tendo por terminação outra vogal, que possuía quando isolado, e que conserva. 160

Ex. : — *manu-factura*, *manu-scripto*.

Composição latina por prefixos. — Este género de com- 161

posição erudita faz reapparecer com a sua fórma latina, ou com fórma aproximada, certas partículas que, ou não existem no português vulgar, ou estám bastante modificadas e alteradas.

162 Mencionemos as principais que ha, além das que se acham relacionadas na grammática portuguêsa anterior :

cis- (àquem de) — *cis-tagano, cis-duriano.*
inter- e *intra-* (situação média) — *inter-nacional, inter-oceánico, intra-marginal, intra-tropical.*
ob- (situação fronteira, opposição) — *ob-jectivo, ob-ligulado.*
per- (através, conclusão, frequéncia) — *per-furar, per-orar, per-passar.*
pos(t)- (depois) — *pos-data, pos-ponto, pos-posição.*
pro- (excesso, substituïção) — *pro-eminéncia, pro-tuberáncia, pro-secretário.*
retro- (para trás) — *retro-activo, retro-gradação.*
satis- (assáz) — *satis-factório.*
supra- (superioridade) — *supra-sensivel, supra-terrestre.*
vice-, *vizo-* ou *viz-* (em vez de) — *vice-almirante, vizo-rei, viz-conde.*
ultra- (além de) — *ultra-marino, ultra-montano.*

Acrescentamos os advérbios *bene-* (*bene-ficente, ben-fazejo*), *male-* (*mal-quisto, mal-tratar*), e os advérbios de quantidade *bis-* (*bis-annual, bi-semanal*), *tri-* (*tri-tono, tri-sector*), *quadri-* ou *quadru-* (*quadri-sýllabo, quadrú-mano*), etc.

II. — Composição grega

163 **Composição grega pròpriamente dita.** — A litteratura e as sciéncias recorrêram, como vimos, ao grego, e de lá importáram muitíssimas palavras; o maior número dellas eram compostas. Estes compostos fôram tomados para modêlos, e, à imitação delles, tẽem-se formado de novo muitos com elementos gregos.

Nos compostos gregos apparece-nos geralmente terminado em *-o-* o primeiro elemento, sendo nominal; nisto se distinguem do maior número dos compostos latinos, nos quais, como vimos, o primeiro elemento costuma terminar em *-i-*. Entretanto as excepções nos compostos gregos sam frequentes.

16

Os nomes compostos gregos podem distribuír-se por dois grupos: — *a*) o formado por aquelles em que certas palavras entram como determinantes, apparentando o papel de prefixos; e *b*) o formado por aquelles em que certas palavras entram como determinadas, occupando o logar dos suffixos.

165

a) — As principais palavras determinantes que entram nos compostos deste grupo sam:

autó(s)- (o mesmo, o próprio) — *autó-grapho, auto-crata.*
ánthropo(s)- (homem) — *anthropo-logia, anthropo-mórphico.*
báro(s)- (pêso) — *baró-metro, baró-grapho.*
chróno(s)- (tempo) — *chronó-metro, chrono-scópio.*
cósmo(s)- (mundo) — *cosmo-logia. cosmo-graphia.*
cryptó(s)- (òcculto) — *crypto-céphalo, crypto-gámico.*
électro(n)- (ambar amarello → a força desenvolvida pela fricção do ambar = electricidade) — *electro-scòpio, electró-lyse.*
gastêr, gen. *gastrós*, th. na comp. *gastro-* (o estómago) — *gastro-logia, gastr-algiá.*
háima, gen. *háimatos*. th. na comp. *haimato-*, port. *hemo-* e *hemato-* (sangue) — *hemato-cela, hemato-logia, hemo-rhagia.*
hýd(o)r- (agua) — *hydro-céphalo, hydro-pisia.*
lítho(s)- (pedra) — *litho-graphia, litho-tericia.*
méso(s)- (que está no meio) — *meso-logia, meso-tomia.*
ostéo(n)- (osso) — *osteo-logia, osteo-dermia.*

palaió(s)-, port. *paleo-* (antigo) — *paleo-zoico*, *paleo-graphia.*
phônê- (voz) — *phono-machia*, *phonó-grapho.*
phôs, gen. *photós*, th. na comp. *photo-* (luz) — *photo-graphia*, *photo-sphera.*
pséudo(s)- (falsidade) — *pseudo-technia*, *pseudo-história.*
pyr, gen. *pyrós*, th. na comp. *pyro-* (fôgo) — *pyró-metro*, *pyro-technia.*
theó(s)- (Deus) — *theo-phania*, *theo-dicéa.*
thérme- (calôr) — *thermo-cautério*, *thermó-metro.*
zôo(n)- (animal) — *zoo-tomia*, *zoó-phito.*

166 *b*) — As principais palavras determinadas, que entram nos compostos deste grupo, sam :

-algía (*álgos* soffrimento, dór + suff. *-ia*) — *cephal-algia*, *odont-algia.*
-cracía (*crátos* fôrça, poder + suff. *-ia*) — *demo-cracia*, *aristo-cracia.*
-graphía (*graphê* escripta + suff. *-ia*) — *helio-graphia*, *paleo-graphia.*
-logía (*lógos* tratado + suff. *-ia*) — *philo-logia*, *theo-logia.*
-manía (*manía* loucura) — *megalo-mania*, *clepto-mania.*
-metría (*métron* medida + suff. *-ia*) — *cranio-metria*, *anthropo-metria.*
-morphía (*morphê* fórma + suff. *-ia*) — *poly-morphia*, *anthro-po-morphia.*
-nomía (*nómos* lei, regra + suff. *-ia*) — *astro-nomia*, *eco-nomia*
-óide (*èidos*, th. *eide*, aspecto) — *espher-oide*, *typh-oide.*
-oráma (*órama* o que se vê, espectáculo) — *di-orama*, *pan-orama.*
-scopía (*scopiá* observação) — *micro-scopia*, *tele-scopia.*
-tomía (*tomê* corte + suff, *-ia*) — *ana-tomia*, *laparo-tomia.*
-technía (*téchne* arte, mister + *-ia*) — *phàrmaco-technia*, *pyro-technia.*

167 Ha muitos compostos gregos mal formados, como, por ex., *hectó-metro*, *kiló-metro*, que deviam-ser *hecató-metro*, *chilió-metro* (vid. *Gram. port.* anterior, p. 51, n.). Os casos de hybridismo sam frequentes, como por

ex., *decí-metro, centí-metro, millí-metro,* cujas palavras determinantes sam latinas e a determinada é grega.

Entretanto estas palavras, apesar do seu vício de origem, fôram geralmente acceites, apesar dos protestos dos philólogos.

Composição grega por prefixos. — Os prefixos gregos mais frequentemente usados na composição sam os seguintes : 168

a-, antes de vogal *an-* (privação) — *a-chromático, á-tono*; *an-esthesia, an-uria.*
amphi- (duplicidade) — *amphí-ptero, amphi-artrose.*
ana- (idéa de inversão, mudança, reduplicação) — *ana-morphose, ana-sarca.*
anti- (idéa de opposição) — *anti-pyrina, anti-séptico.*
apo- (idéa de afastamento) — *apo-phonia, apo-thema.*
archi- (idéa de abundância, commando) — *archi-présbyter* → *arci-preste, archi-diaconus* → *arce-diago, archi-diocese.*
cata- (idéa de movimento de cima para baixo, fixação, ou simples reforçamento) — *cata-pétalo, cát-hodo* (1).
dia- ou *di-* (por, através) — *dia-pasão, di-acustico.*
dis- ou *di-* (duplicidade) — *dis-syllabo, di-edro.*
dys- (idéa de difficuldade) — *dys-lalia, dys-pepsia.*
ec- (idéa de exterioridade, saída) — *ec-chymose, ec-démico.*
en- (idéa de interioridade) — *en-thusiasmo, em-pyreo, en-ostose.*
endo- (para dentro) — *end-osmose, endo-céphalo.*
epi- (sôbre) — *epi-crânio, epi-noma.*
eu- (bem) — *eu-chrómico, eu-phemismo.*
exo- (para fóra) — *exo-phtalmia, exo-térico.*
hemi- (metade) — *hemi-gramia, hemi-crania.*
hyper- (posição superior, excesso, opposição) — *hyper-trophia, hyper-crítica.*

(1) Não se confunda o prefixo grego *cata*, com a fórma verbal *cata* (do v. *catar*) que entra na composição de muitas palávras portuguêsas, ex. : *cata-cego, cata-vento.*

hypo- (posição inferior, diminuição) — *hypo-carpo, hypo-gínio* (1).
meta- (idéa de successão, mudança) — *meta-gramma*, *meta-phý-sica.*
para- (idéa de proximidade, semelhança) — *para-chronismo*, *para-plexia* (2).
peri- (em volta de) — *peri-antho*, *peri-derme.*
pro- (anterioridade) — *pro-gnatha*, *pro-typográphico.*
pros- (adjuncção, tendéncia para) — *pros-thético*, *pros-énchyma.*
proto- (anterioridade) — *protó-typo*, *proto-martyr* (3).
syn- (simultaneidade, concurso, conformidade) — *sýn-chrónico*, *syn-genésico.*
tele- (longe, ao longe) — *telé-grapho*, *tele-phóne* (ou *tele-phó-nio*, mas nunca *telé-phone*).

(1) Não se confunda o prefixo *hypo-* com o substantivo *hippos* (cavallo), que entra na composição de muitas palávras, com *Hippó-lyto* (que muitos escrevem *Hypólitho* commettendo nada menos de quatro êrros), *hippó-dromo*, *hippo-campo*, *Hippó-crates*, *hippo-logia*.

(2) Nada tem este prefixo com a fórma verbal *pára* (do verbo *parar*), que apparece na composição de muitas palavras, de sabor mais ou menos afrancesado, ex. : *pàra-quedas*, *pàra-raios*, *pàra-vento*, *pàra-fogo*, *pàra-luz*. Seria mais conforme com a índole do português dizer-se *guarda-quedas*, *guarda-raios*, etc., como se diz *guarda-vento*, *guarda-sol*, *guarda-chuva*, *guarda-braço*, *guarda-costas*, *guarda-mão*. etc.

(3) *Proto-notário*, é palavra hýbrida, mas geralmente adoptada.

SECÇÃO III

Camptologia

CAPÍTULO I

Nomes

Nota prévia. — Temos a considerar neste capítulo o número, o genero, e a declinação dos nomes em geral, e os graus de qualidade dos adjectivos, vendo as modificações por que a estes respeitos tem passado a língua, desde as fórmas latinas até às actuais. 169

A). — Número

Os números em latim e em português. — No português ha, como em latim, dois números: singular e plural. 17

Diz-se geralmente que as fórmas plurais portuguêsas derivam das singulares respectivas; e assim é empìricamente. Històricamente porém, na maior parte dos casos, as

duas fórmas, singular e plural, viéram egual e simultàneamente do latim.

Ex. : — *servum* → *servo. servos* → *servos ; civitatem* → *ciidade* → *cidade. civitates* → *cidades; hominem* → *homem, homines* → *homens ; florem* → *flor, flores* → *flores ; pacem* → *pace* → *paz, paces* → *pazes; felicem* → *feliz, felices* → *felizes; christianum* → *christão, christianos* → *christãos ; panem* → *pan* → *pão, panes* → *pães ; leonem* → *leon* → *leão, leones* → *leões; legalem* → *leal, legales* → *leaës* → *leais : crudelem* → *cruel, crudeles* → *crueës* → *crueis ; senilem* → *senil, seniles* → *seníes* → *seniis* → *senís; debilem* → *debil, debiles* → *débiës* → *débeis.*

As mudanças que aqui se observam na passagem do latim para o português sam todas perfeitamente explicaveis, em face dos principios da phonética histórica. A mudança das terminações *-ano*, *-ane* e *-one* em *-ão* explica-se pela dissolução do *n* na vogal anterior nasalizando-a (*-ão*, *-ãe* e *õe*) e pela subsequente generalização analógica que substituíu as duas últimas terminações pela primeira (cf. *Grammat. port.* anterior, II, 113 e 121).

Por analogia, este typo das fórmas plurais estendeu-se aos outros nomes, que não vinham do latim. 171

Ex. : — *alfaia* → *alfaia-s, alcaide* → *alcaide-s, lacrau* → *lacrau-s, azul* → *azul-e-s* → *azuës* → *azuis, alveitar* → *alveitar-e-s, xadréz* → *xadréz-e-s.*

Plural dos nomes próprios. — Em latim os nomes próprios empregavam-se no plural sem difficuldade; dizia-se sem hesitação *Scipiones*, *Gracchi*, *Cornelii*, *Catones*, etc. No antigo português é raríssimo encontrar-se algum caso semelhante, mas desde o século XVI vulgarizou-se este uso, que se tornou commum. 172

Ex. : — *os Camões, os Vieiras, os Dinises, os Philippes*, etc.

Plural das palavras invariaveis, quando empregadas como substantivos. — Quando se emprega como substantivo alguma palavra da categoria das invariaveis, torna-se variavel, podendo attribuír-se-lhe fórma plural. 173

Ex. : — *os porqués; os sins; ouvi da sua bôca dois nãos*, etc.

B). — Género

Géneros grammaticais no latim. — No latim havia, como é sabido, três géneros : masculino, feminino e neutro. Originàriamente o género masculino deve ter servido para designar seres machos, o feminino para seres fémias, e o neutro para os seres que não têem sexo; é certo porém que no latim já havia grande confusão, e os géneros grammaticais não correspondiam muitas vezes à realidade da natureza. Havia nomes de seres masculinos e femininos que pertenciam ao género neutro, e muitos nomes masculinos e femininos que designavam seres que não tinham sexo. 174

Suppressão do género neutro. — Ora esta classificação grammatical das palavras, nos quadros dos differentes géneros, era perfeitamente arbitrária, desde que não correspondia à correlativa classificação lógica. Era não só arbitrária, mas opposta ao espírito de simplificação e regularidade, que dominou o latim popular, ao differenciarem-se as línguas românicas. 175

Numerosíssimos seres asexuados tinham por quaisquer motivos sido equiparados, ou aos seres machos ou aos seres fémias, dando-se-lhes respectivamente nomes masculinos ou femininos.

Não vem a propósito discutir-se aqui se isto já vinha da lingua árica, se não; o que é certo é que desde os mais remotos tempos do latim se dava este facto, que era o caminho aberto para a simplificação, que se realizou na edade média.

Se o neutro grammatical não correspondia ao neutro lógico, para que servia? Para complicar e difficultar a língua, e nada mais. Por isso a língua alijeu-o por inútil.

A noção do neutro lógico, do ser que nem é masculino nem feminino, subsistiu sem dúvida, nem podia desapparecer; mas deixou de haver a fórma grammatical correspondente a este neutro.

176 **Equivalentes do neutro em português.** — Em geral os nomes neutros passáram a ser masculinos em português.

Como já temos visto, e logo veremos desenvolvidamente, os nomes portuguêses derivam em regra do accusativo latino, e no accusativo singular latino as fórmas masculinas e neutras, ou se identificavam, ou pelo menos viéram a aproximar-se no latim popular medieval, até se confundirem.

Eis a razão porque os neutros latinos nos apparecem geralmente masculinos em português.

Ex. : — *caelum* → *celo* → *ceu*, *granum* → *grano* → *grão*, *regnum* → *regno* → *reino*, *forum* → *foro*, *verbum* → *verbo*, *imperium* → *imperio* ; *caput* → *cabo*, *nomen* → *nome*, *tempus* → *tempo*, *corpus* → *corpo*, *lumen* → *lume* ; *cadaver* → *o cadaver*, *marmor* → *o marmore* (cf. os nomes masculinos *carcer* → *o carcere*, *actor* → *o actor*, etc.).

177 Ha porém muitos nomes portuguêses, que resultáram da fórma plural do nominativo ou do accusativo neutro, e não do singular. A desinência daquelles casos do plural é -*a*, e como em português os nomes terminados em -*a* sam em regra femininos, resultou que estes nomes ficassem sendo femininos em português.

Apontemos alguns exemplos :

Singular latino	Plural latino	Singular português
actum	*acta*	*a acta*
—	*arma*	*a arma*
claustrum	*claustra*	*a claustra*
ferramentum	*ferramenta*	*a ferramenta*
festum	*festa*	*a festa*

Singular latino	Plural latino	Singular português
folium	*folia*	*a folha*
insigne	*insignia*	*a insignia*
mirabile	*mirabilia*	*a maravilha*
myrtum	*myrta*	*a murta*
pirum	*pira*	*a pera*
velum	*vela*	*a vela*
vestimentum	*vestimenta*	*a vestimenta*
etc.	etc.	etc.

178 Estes nomes femininos, correspondentes a plurais neutros, conserváram aínda por muito tempo, sob a fórma de singulares, o valor de plurais na significação collectiva que tinham.

Ex. : — *Folha* significava o que hoje dizemos *folhagem*, *vestimenta* exprimia a *vestidura* ou conjuncto de vestes com que se cobria o corpo, etc. Ainda hoje se torna patente este sentido collectivo na palavra *folha*, quando se diz, por ex. : « o cair da folha »; à semelhança do que se observa em alguns femininos terminados em *-alha*, derivados de plurais neutros em *-alia*, ex., *batalha* (acção em que muitos homens se batem), *canalha* (signif. etymológica « ajuntamento de cães »), *limalha* (conjuncto de particulas separadas do corpo metálico pela acção da lima), *serralha*, etc.

179 **Mudanças de género.** — Desde que os géneros não correspondem à classificação lógica, e não passam de simples quadros grammaticais, em que a língua tem distribuído os seus nomes, guiando-se muitas vezes por analogias de fórma, terminações, suffixos, etc., o que succede com todos os nomes que não pertencem a seres sexuados ou considerados como tais, comprehende-se que seja possivel a passagem de um nome do género masculino para o feminino, e vice-versa. Mudanças dessas têem-se dado em frequentes casos, já na transição do latim para o português, já dentro dos limites da história da nossa língua.

Ex. : — *populum* → *choupo, laurum* → *louro* (arvore), *ulmum* → *olmo*, e muitas outras palavras eram femininas em latim è sam masculinas em português; pelo contrario *pontem* → *ponte, fontem* → *fonte*, e tantas outras, em latim eram masculinas, e em português sam femininas.

Mar era palavra feminina em português archaico, assim como ainda o é nalgumas linguas románicas; tornou-se masculina, subsistindo apenas com o antigo género nos vocábulos compostos *a préa-mar, a baixa-mar* (cf. *Gram. port.* anterior, p. 123, nota 1).

Systema, chrisma, scisma sam ainda hoje palavras femininas na linguagem popular, por analogia com a quási totalidade dos nomes terminados em *-a*; mas na linguagem litterária sam masculinas, por influência da etymologia.

O povo tambem diz sempre uma *escándula* (← pl. l. *scandala*, havendo a desassimilação do *a* da syllaba média); mas a gente illustrada fez reverter este nome, e aproximou-o do étymo *scandalum*, dizendo e escrevendo *escándalo*, e ficando desde então, ao lado uma da outra, as duas fórmas, a pop. e a erud., com significações diversas.

Derivação do thema feminino. — Na derivação regular do thema feminino empregam-se, como suffixos, as características *-a*, *-êssa*, *-êsa*, *-isa*, *-ina*, ou *-inha* (cf. *Gramat. port.* anterior, II, 119). **180**

Vejamos donde viéram:

-a já em latim era muitas vezes característica de themas femininos.

Ex. : — *serva, bona, una.*

-êssa, -êsa e **-isa** vêem da terminação feminina *-issa*, muito usada no latim popular medieval.

Ex. : — *comit-issa* → *cond-éssa, prior-issa* → *prior-ésa, poët-issa* → *poët-isa.*

-ina e **-inha** provêem de *-ina*, terminação feminina do latim.

Ex. : — *Gerald-ina, Cesar-ina, gall-ina* → *gall-inha, reg-ina* → *ra-ínha.*

181 Os nomes em -or (← l. *-orem*) e -ês (← l. *-ensem*) eram uniformes no português archaico, como também no latim já eram communs aos géneros masculino e feminino as fórmas em *-orem* e *-ensem*.

Desde o século XIV é que se fôram tornando biformes.

Como em latim se empregava a palavra *seniorem*, quer se fizesse referéncia a um homem quer a uma mulher, assim no português archaico se dizia *um senhor*, *uma senhor*. Semelhantemente em latim dizia-se *hominem mediolanensem*, *mulierem mediolanensem*, e em português archaico *homem milanés*, *mulher milanés*. Depois, por analogia, deriváram-se fórmas femininas pelo acrescentamento da caracteristica -**a**, ex. : — *senhor-a*, *peccador-a*, *feitor-a*, etc., e *milanés-a*, *portugués-a*, *mirandés-a*, etc.

Os comparativos portuguêses em *-or* conserváram-se unifórmes.

182 Sam bastantes as fórmas femininas irregulares, isto é, que não mantêem com as masculinas a relação ordinária, que empìricamente se observa na camptologia portuguêsa. Essas fórmas sam importadas do latim clássico ou do popular; e algumas ha formadas no português por influéncia analógica.

Ex. : — *actricem* → *actriz*, *imperatricem* → *imperatriz*, *motricem* → *motriz* e, por analogia, *embaixatriz*, etc

C). — Declinação

183 Os casos no latim. — As relações syntácticas dos nomes com as restantes partes da proposição eram no latim expressas pelas diversas fórmas de flexão denominadas casos.

184 Desorganização das declinações latinas. — O systema da flexão nominal latina, em que as relações se exprimiam pelos suffixos juntos ao thema, era complexo, e o latim

popular medieval, com a pronunciada tendéncia que possuía para a simplificação, abalou e desarranjou todo este mechanismo.

Principiou por se confundir o uso dos casos, empregando uns pelos outros, depois de perdida a noção das relações que cada um exprimia. Daqui resultou grande confusão, e necessidade de se precisar e determinar o sentido, arranjando meio de exprimir aquellas relações. Fez-se para isto largo uso das preposições, cujo emprêgo até alli era muito restricto. As fórmas syntécticas fôram substituídas por fórmas analýticas.

No meio da grande confusão dos casos, e da lucta pela existéncia que se travou entre elles, a victória foi em geral alcançada pelas fórmas do accusativo, tanto singular como plural, por ser o caso mais frequentemente usado; fôram estas as fórmas que nalgumas províncias do império romano, entre as quais devemos especializar a península hispánica, subsistíram quási sempre, desapparecendo as restantes fórmas.

Em vez do *genitivo* usou-se uma períphrase formada pela preposição *de* com o accusativo. **185**

Ex. : — A phrase — *liber Antonii* foi substituida por est'outra — *liber Antonium*, donde, pela queda do *m* final resultou *de António*.

O *locativo* substituíu-se em quási todos os casos pela preposição *in* com accusativo. **186**

Ex. : — *sum in Romam* → *sum in Roma* pela queda do *m*; em logar de *sum Romae*.

Para exprimir a relação característica do dativo empregou-se a preposição *ad*. **187**

Ex. : — *Dedi librum ad Antonium* em vez de *dedi librum Antonio*.

188 Na substituïção do ablativo usáram-se várias preposições, segundo as relações que o ablativo exprimia.

Ex. : — Em logar de *venire e campo* passou a dizer-se — *venire de (il)lum campum* → port. arch. *vêír de lo campo* → *vir do campo*. A expressão *electus a populo* toi substituída por *electus per (il)lum populum* → *eleito per lo pôboo* → *eleito pelo pôvo*.

189 Por fim o próprio nominativo, que foi o caso que resistiu por mais tempo, deixou-se absorver também pelo accusativo. No antigo francês aínda encontramos uma declinação com dois casos em cada número, representando o nominativo e o accusativo latinos; no português escripto mais antigo já nenhum resto de declinação achamos nos nomes.

190 Depois de reduzidos os casos, no latim popular da edade média, quási exclusivamente ao accusativo do singular e do plural, só estas duas fórmas é que, em regra, passáram para o português. Na passagem houve as modificações phonéticas exigidas pela índole da língua.

191 **Vestígios de casos na língua portuguêsa.** — As fórmas dos casos differentes do accusativo não desapparecêram tam completamente, que não se encontrem aínda na língua portuguêsa alguns nomes, que etymològicamente se reportam a fórmas de tais casos. A razão de conservarem estas fórmas foi aínda a mesma que fez com que na maior parte dos nomes subsistissem apenas as do accusativo do singular e do plural; naquelles nomes não eram as fórmas do accusativo as mais usadas, mas as de outros casos, por isso subsistíram estas e não aquellas.

Vejamos :

Casos do singular

a) *Nominativo.* — Sam numerosas as fórmas de nominativo conservadas em português. 192

Em substantivos próprios : — *Carlos* ← *Carolus*, *Domingos* ← *Dominicus*, *Marcos* ← *Marcus*, e assim *Matheus*, *Cicero*, *Lucas*, *Thomás*, etc.
Em substantivos communs : — *bafo* ← *vapor*, *gurgulho* ← *gurgulio*, *lesma* ← *limax*, *primás* ← *primas*.
Em adjectivos : — *ladro* ← *latro* (a par de *ladrão* ← *ladron* ← *latronem*), *tredo* (arch.) ← *traditor* (a par de *traidor* ← *traditorem*).

b) *Genitivo.* — Basta a numerosíssima classe dos patronýmicos portuguêses para tornar abundantes na nossa língua fórmas vindas de genitivos; mas aínda ha outras. 193

Os patronýmicos, como vimos, não passam de genitivos de formação particular : *Pelagius Martinici* → *Paio Martinz* = *Paio* (*filho*) *de Martinho*,
A palavra *mistér* vem do genitivo *ministerii*, e não do accusativo *ministerium*, que daria *misteiro*. — *Frègués* ← *filium-gregis*, representa uma fórma de genitivo (cf. esp. *feligrés*).

c) *Locativo.* — A cada passo se encontram nomes de localidades derivados de palavras latinas neste caso. 194

Ex. : — *Almostér* é o locativo *Monasterii* → *Mostér*, precedido do art. árabe *al.* — *Cidadelhe* ← * *Civitaticulae*, *Arazede* ← * *Ericeti* ou * *Ericetae* (de *erix*), *Murtede* ← * *Myrteti* ou * *Myrtetae* (de *myrtus*), etc.

d) *Dativo.* — Além das fórmas dos pronomes pessoais e do demonstrativo *ille*, não conhecemos outras derivadas do dativo latino. Daquellas fallaremos no logar próprio (II, 213 e seg.) 195

e) *Ablativo.* — Todos os advérbios em *-mente* representam ablativos latinos; alguns outros vestígios ha. 196

Já os escriptores latinos algumas vezes empregáram um adjectivo em ablativo seguido do substantivo *mente*, em vez do correspondente advér-

bio; ex., *devota mente* por *devote*. Isto vulgarizou-se no latim popular, e conserva-se em português; ex., *sabia-mente*, *pobre-mente*, etc.

Ha porém outros vestígios do ablativo; ex., adv. *agora* ← *hac-hora*, arch. *ogano* ← *hoc-anno*.

Casos do plural

197 *a*) *Nominativo* ou *accusativo* neutro. — É representado em português pelas fórmas singulares femininas dos nomes que em latim eram neutros.

Ex.: — *Folha* ← *folia*, *arma* ← *arma*, etc.

198 *b*) *Locativo*. — Conservam-se fórmas deste caso em alguns nomes de localidades.

Ex.: — *Chaves* ← (*Aquis*) *Flaviis* (nome romano daquella povoação); *Sagres* ← *Sacris*, *Pedrelles* ← *Petrellis* (diminut. de *petra*), etc.

D). — Graus de qualidade

199 **Os graus em latim.** — Já no latim clássico havia alguns adjectivos, a que era necessário juntar um advérbio para se poder exprimir o grau de qualidade; não possuíam para isso fórma synthética. Nesta hypothese, para se exprimir o comparativo, empregavam-se ordinàriamente os advérbios *magis* ou *plus*; para o superlativo *maxime*, *multum*, *valde* ou *admŏdum*. Na maior parte dos casos porém, empregavam-se fórmas derivadas do nome primitivo mediante os suffixos -*ĭor* (masc. e fem.) -*ĭus* (neut.) para o comparativo, e -*issĭmus* (masc.), -*issĭma* (fem.), -*issĭmum* (neut.) para o superlativo.

200 Substituïção das fórmas synthéticas pelas analýticas. — No latim popular generalizou-se o emprego das fórmas analýticas, que prevalecêram sobre as synthéticas. Foi mais uma ordem de factos, em que se manifestou a tendéncia da língua para a análise.

201 Para exprimir o *comparativo*, havendo já para isso em latim os dois adverbios *plus* e *magis*, escolheu-se este último na península hispánica, enquanto que na Gállia deu se preferéncia ao primeiro.

Eis a origem da formação do comparativo com o advérbio *mais* em português, e *más* em espanhol, ambos vindos do *magis* latino; e bem assim de semelhante formação em francês com o adv. *plus*. Ex., em português : — *mais formoso, mais bello, mais sábio.*

202 Entretanto algumas fórmas synthéticas de comparativo passáram para português e cá se conservam, umas com a significação de verdadeiros comparativos, outras tendo perdido esta significação.

Ex. : — *melhor, peor, maior, menor;* — *senhor, prior* (cf. *Gram. port.* anterior, II, 133).

203 As fórmas synthéticas do *superlativo* é que existem na nossa língua, introduzidas por via litterária, e servindo apenas para exprimir o superlativo absoluto, e nunca o relativo; entretanto sam frequentes vezes substituídas por uma expressão formada pelo nome primitivo, precedido do adv. *muito*. Na linguagem popular aínda hoje sam mui pouco usadas.

Ex. : — *justíssimo* ou *muito justo, santíssimo* ou *muito santo*

204 O superlativo relativo foi tratado como se fôsse um comparativo muito especial, e não como superlativo. No latim

clássico exprimia-se geralmente pela fórma superlativa, mas já se empregava a fórma comparativa quando se tratava de dois objectos apenas, como em *validior manuum* (a mais forte das mãos).

Em português exprime-se o superlativo relativo antepondo o artigo à expressão comparativa.

Ex. : — *o mais feliz dos homens* (l. *felicissimus hominum*), *o mais sábio dos romanos* (l. *sapientissimus romanorum*).

CAPÍTULO II

Pronomes

Nota prévia. — Ha nalguns pronomes certas particularidades morphológicas, que não deixam confundí-los com os nomes ou restantes pronomes. É indispensavel dizer sôbre ellas alguma cousa em especial, para as explicar. 205

A). — Fórmas neutras

Alguns demonstrativos conservam fórmas neutras. — Entre os pronomes demonstrativos ha alguns, que conservam fórmas neutras substantivas, derivadas das fórmas neutras latinas. 206

O indefinido *todo* também hoje tem a fórma neutra *tudo;* é porém de origem recente. No português archaico era apenas biforme — *todo*, *toda*.

Como já nos occupámos da etymologia de cada uma destas fórmas isoladamente, agora limitar-nos hemos a expô-las aqui reünidas em quadro, ao lado das respectivas fórmas latinas.

FÓRMAS MASCULINAS		FÓRMAS FEMININAS		FÓRMAS NEUTRAS	
LATINA	PORTUGUÊSA	LATINA	PORTUGUÊSA	LATINA	PORTUGUÊSA
iste	*este*	*ista*	*esta*	*istud*	*isto* (arch. *esto*)
eccu' iste	*aqueste* (arch.)	*eccu' ista*	*aquesta* (arch.)	*eccu' istud*	*aquesto* (arch.)
ipse	*esse*	*ipsa*	*essa*	*ipsum*	*isso* (arch. *esso*)
ille	*elle*	*illa*	*ella*	*illud*	*ello* (arch.)
eccu' ille	*aquelle*	*eccu' illa*	*aquella*	*eccu' illud*	*aquillo* (arch. *aquello*)

B). — Declinação

A declinação latina dos pronomes pessoais. — Os pronomes pessoais latinos tinham, assim como os demonstrativos, declinação completa, com todos os seus casos em cada número; excepto o pronome da terceira pessôa, a que faltava o nominativo, e que nos restantes casos tinha fórmas communs ao singular e ao plural. **207**

No latim popular medieval perdêram-se alguns casos, mas subsistíram outros. Enquanto nos nomes e restantes pronomes subsistia apenas um caso em cada número, nos pronomes pessoais, com excepção do da 3ª pessôa, ficavam três casos distinctos: o caso sujeito ou nominativo, o **208**

caso-regimen directo correspondente ao accusativo, e um caso-regimen indirecto, que morphològicamente correspondia ao dativo. Nas penínsulas hispánica e itálica aínda permaneceu uma outra fórma àlem daquellas três; foi a do ablativo agglutinado com a preposição *cum* : — *mecum*, *nobiscum*, *tecum*, *vobiscum*, *secum*. Estas fórmas aínda subsistem nas línguas románicas hoje falladas nas referidas penínsulas : nas da península hispánica sam sempre antecedidas da preposição *com*, que se lhes ascrescentou depois de se ter perdido a noção de que esta preposição lá se achava já unida como suffixo à fórma pronominal; mas na Itália não sam precedidas daquella preposição.

mecum → { ital. *meco*. / esp. (*con*)*migo*. / port. (*com*)*migo*. }

nobiscum → { ital. *nosco*. / esp. arch. (*con*)*nusco*. / port. (*con*)*nosco*. }

tecum → { ital. *teco*. / esp. (*con*)*tigo*. / port. (*con*)*tigo*. }

vobiscum → { ital. *vosco*. / esp. arch. (*con*)*vusco*. / port. (*con*)*vosco*. }

secum → { ital. *seco*. / esp. (*con*)*sigo*. / port. (*con*)*sigo*. }

209 **Declinação pronominal no latim popular da edade média.** — Vê-se pois que no latim popular, de que se formáram as línguas románicas da nossa península, subsistia uma declinação própria dos pronomes pessoais, a qual era assim constituída :

Primeira pessôa

	SINGULAR	PLURAL
Sujeito	*ego*	*nos*
Regime directo	*me*	*nos*
— indirecto	*mihi*	*nobis*
— de companhia. .	*mecum*	*nobiscum*

Segunda pessôa

	SINGULAR	PLURAL
Sujeito	*tu*	*vos*
Regime directo	*te*	*vos*
— indirecto	*tibi*	*vobis*
— de companhia. .	*tecum*	*vobiscum*

Terceira pessôa

	PARA AMBOS OS NÚMEROS
Sujeito	—
Regime directo	*se*
— indirecto	*sibi*
— de companhia. .	*secum*

Funcções pessoais do pronome *ille* e sua declinação. **210** — Esta lacuna do caso sujeito ou nominativo do pronome da 3ª pessôa nenhuma falta fazia, porque, embora tivesse este caso, não poderia servir para determinar o sujeito. Na 1ª e 2ª pessôa bastavam os pronomes pessoais, porque o sujeito destas pessôas é bem determinado: o que falla ou os que fallam, aquelle ou aquelles a quem se falla. Mas o sujeito da 3ª pessôa, desde que se não exprima o seu nome, fica indeterminado, e do mesmo modo ficaria, aínda que houvesse uma fórma nominativa do pronome pessoal que o indicasse; só poderá precisar-se empregando um pronome demonstrativo, que designe o logar onde a pessôa ou cousa se encontra, ou alguma outra nota que mais ou menos a determine. Os pronomes demonstrativos podem ser suppridos neste uso por um relativo, interrogativo ou indefinido.

Daqui resultou o uso frequente dos pronomes demonstrátivos como sujeitos da 3ª pessôa. Recorreu-se aos demonstrativos *iste*, *ipse*, etc., mas muito especialmente ao

demonstrativo *ille*, que principiou desde então a exercer regularmente, embora por empréstimo, as funcções de pronome pessoal, continuando entretanto a exercer também as suas funcções próprias de demonstrativo.

211 As funcções pessoais exercidas tam frequentemente pelo pronome *ille* déram em resultado que neste subsistissem tambem os mesmos três casos conservados pelos pronomes da 1ª et 2ª pessôas ; e que, por analogia, se empregasse muitas vezes nos próprios casos de regime este pronome, em vez do da 3ª pessôa *se sibi*. Como consequéncia disto ficáram em português e noutras línguas fórmas de um e de outro pronome, com funcções pessoais.

A declinação do pronome *ille* conservou no latim popu lar da península hispánica as fórmas seguintes :

	SINGULAR			PLURAL		
Sujeito.	*ille*	*illa*	*illud*	*illi*	*illae*	*illa*
Regimen directo. .	*illum*	*illam*	*illum*	*illos*	*illas*	*illa*
— indirecto.		*illi*			*illis*	

212 **Fórmas tónicas e átonas dos pronomes.** — As fórmas pronominais dos casos de regime, quer directo quer indirecto, umas vezes possuíam toda a sua intensidade phonética, tendo accento próprio, outras vezes subordinavam-se ao accento do verbo a que se ligavam. Quando as referidas fórmas dos casos de regime vinham com preposição, eram sempre tónicas ; não vindo, eram geralmente átonas.

Esta distincção phonética sobrepôs-se á distincção syntáctica. As fórmas primitivamente destinadas ao regime directo empregavam-se por fim sempre como proclýticas ou enclýticas, desempenhando funcções de determinante, quer directo quer indirecto ; as que eram destinadas ao

regime indirecto passáram a usar-se, como tónicas, sempre que se lhes juntava preposição, embora fôsse para exprimir o complemento directo. É assim que nos apparecem em português.

Declinação pronominal portuguêsa. — As fórmas da declinação pronominal portuguêsa todas vêem das respectivas fórmas latinas, adaptadas a novos usos. 213

Primeira pessôa

	SINGULAR port.	lat.
Sujeito	*eu* ← *eö*	← *ego*
Fórma de regime átona.	*me*	← *me*
» » tónica	*mim* ← *mi*	← *mihi*
» » de companhia .	*migo*	← *mecum*

	PLURAL port.	lat.
Sujeito	*nós*	← *nos*
Fórma de regime átona.	*nos*	← *nos*
» » tónico	*nós* ← **nós*	← *no(b)is*
» » de companhia .	*nósco*	← *no(b)iscum*

Segunda pessôa

	SINGULAR port.	lat.
Sujeito	*tu*	← *tu*
Fórma de regime átona.	*te*	← *te*
» » tónica	*ti* (dial. *tim*)	← *tibi*
» » de companhia .	*tigo*	← *tecum*

	PLURAL port.	lat.
Sujeito	*vós*	← *vos*
Fórma de regime átona.	*vos*	← *vos*
» » tónica	*vós* ← **vós*	← *vo(b)is*
» » de companhia .	*vósco*	← *vo(b)iscum*

Terceira pessôa

	SINGULAR E PLURAL port.	lat.
Sujeito	—	—
Fórma de regime átona.	*se*	← *se*
» » tónica	*si* (dial. *sim*)	← *sibi*
» » de companhia .	*sigo*	← *secum*

Na fórma *mim* arch. *mi*←*mihi* houve a nasalização do *i* por influência da consoante nazal *m*.

As fòrmas dialectais *tim* e *sim* em vez de *ti* e *si* sam analógicas a *mim*.

Passagem para o português do demonstrativo *ille*. — **214** Acham-se representadas em português quasi todas as fórmas que mantinha no latim popular o demonstrativo *ille;* algumas porém já muito desfiguradas, em virtude da queda da sýllaba *il*-, queda que se deu todas as vezes que esta sýllaba não era accentuada, isto é, nas fórmas átonas tanto enclýticas com proclýticas.

O caso sujeito (nominativo) *ille illa illud* deu o demonstrativo *elle ella ello* (arch.), que continuou a ser empregado no supprimento da falta do pron. pessoal da 3ª pessôa. As fórmas plurais latinas deste caso perdêram-se, sendo substituidas por outras, derivadas analógicamente das singulares pelo acrescentamento da desinéncia *-s* : *elle-s ella-s ello-s* (arch.).

O caso do regime directo (accusativo), cujas fórmas (*il*)*lum*, (*il*)*lam*, (*il*)*lud*, (*il*)*los*, (*il*)*las*, (*il*)*la*, eram átonas, deu o pronome demonstrativo *lo, la, los, las,* que mais tarde perdeu o *l* na maioria dos casos, ficando *o a, os as* (cf. *Gram. port.* anterior, II, 141-143).

Quanto ao caso de regime indirecto, a fórma (*il*)*li*, tambem átona, deu a fórma archaica *li* → *le* → *lhe*, correspondente às expressões *a elle, a ella.* A fórma plural

lhes pode theòricamente relacionar-se com a latina *illis*; mas històricamente aquella fórma é moderna, derivada por analogia da fórma singular *lhe*. No português archaico havia apenas *lhe* singular e plural, correspondente às expressões *a elle* e *a ella*, *a elles* e *a ellas*.

CAPITULO III

Verbos

O verbo em latim e em português. — O verbo na passagem do latim para as línguas románicas conservou a sua funcção própria e a sua maneira de significar a acção, por que isto lhe é essencial; aqui, como lá, tem *vozes*, *tempos*, *modos*, *pessôas* e *numeros*. 215

Grandes fôram porém as modificações que soffreu, modificações que estabelecêram differenças profundas entre a conjugação portuguêsa e a latina. A tendéncia para a decomposição e anályse, que temos até aqui notado existir no latim popular, accentuou-se particularmente no modo como fôram tratados os verbos, e como foi alterado o systema da flexão verbal.

A). — Vozes

As vozes em latim. — Havia em latim, como é bem sabido, duas vozes: activa e passiva (ou melhor — activa e mèdio-passiva). 216

Existia lá uma classe intermediária de verbos, os depoéntes, activos no valor e significação, passivos nas fórmas. Os verbos depoéntes metamorphoseáram-se na linguagem popular, tomando fórmas activas.

Ex. : — *Admirari* tornou-*se admirare*, *mori* foi substituido por *morere*, *nasci* por *nascere*, *consolari* por *consolare*, *sequi* por *sequere*, etc.

217 A voz activa era constituída por um systema bastante complexo e abundante de fórmas synthéticas. No latim popular perdêram-se algumas destas fórmas. Na Gállia desappareceu grande porção dellas, mas na Lusitánia, das fórmas verbais pròpriamente ditas, apenas vieram a desapparecer as do futuro 1° (tanto indicat. como imperat.), e tambem as do conjunctivo do perfeito, que se confundiram com as do futuro 2°. Especializáram-se entretanto e modificáram-se os usos e significação de cada tempo, e ao lado dos tempos simples fórmaram-se muitos compostos, que nos apparecem em português.

Estas fórmas compostas ou periphrásticas fôram organizadas com o verbo *habere* e o adjectivo verbal em *-to* do respectivo verbo.

Ex. : — Em vez de *amavissem* principiou a dizer-se em certas circunstáncias *habuissem amatum -am -um* ou *amatos -as -a*; em logar de *amaverim* dizia-se *habuerim amatum -am -um* ou *amatos -as -a*, concordando sempre o adj. verbal com o nome que desempenhava a funcção de complemento directo. Note-se que esta concordáncia se observava em muitos casos no português archaico, e della ainda ha raros exemplos nos escriptores do sec. XVI. No francês conservou-se esta concordáncia, mas tende também a desapparecer na linguagem corrente.

21 Foi no quadro da flexão verbal que a analogia exerceu a sua poderosíssima acção, mais do que em qualquer outra ordem de factos. Ella tem procurado uniformizar quanto possivel a flexão; extremamente variada a sua acção tem conseguido aproximar entre si pessôas do mesmo tempo, tempos do mesmo verbo, e até verbos differentes e afastados uns dos outros.

Na voz passiva notava-se um duplo systema de conjugação; succedia alli o que succede na voz activa do português; uns tempos eram constituídos por fórmas simples, outros por fórmas compostas do adjectivo verbal e do verbo *sum*. A tendéncia da língua para a decomposição e análise tinha-se já manifestado em vários tempos da voz passiva dos verbos latinos, em épochas prehistóricas. Esta tendéncia, accentuando-se no latim popular, fez com que se perdêssem todas as fórmas verbais simples da voz passiva, sendo substituídas por fórmas compostas. 219

Ex.: — No latim popular medieval, em vez de *laudor* passou a dizer-se *sum laudatus*, reservando-se para exprimir o perfeito *fui laudatus;* em vez de *laudabar* dizia-se *eram laudatus*, etc.

As vozes em português. — Achando-se no latim popular já augmentada com muitas fórmas compostas a voz activa, e rejeitadas nella algumas fórmas simples, não admira que o português tenha um quadro completo da voz activa bastante differente do latim clássico. 220

A voz passiva não podia deixar de ser toda periphrástica, visto como já o era nos últimos tempos do latim falado. Em rigor portanto não temos em morphologia portuguêsa uma voz passiva pròpriamente dita: o thema verbal já se não flexiona para exprimir numa série de fórmas simples a acção soffrida pelo sujeito; tem para isso de recorrer a expressões periphrásticas. Entretanto costuma chamar-se voz passiva ao quadro destas fórmas compostas, correspondentes á voz passiva do latim. 221

As fórmas da passiva organizáram-se com o verbo substantivo *ser* no tempo competente, e o adjectivo verbal respectivo; exactamente o mesmo processo já seguido 222

no latim com a organização dos tempos compostos da passiva. O systema latino dos tempos que na activa sam formados com o thema do perfeito, generalizou-se em português a toda a voz passiva.

B). — Tempos e modos

Tempos simples em geral. — No quadro da flexão verbal portuguêsa ha algumas lacunas, como se disse, avultando entre ellas a resultante do desapparecimento de todas as fórmas passivas que restavam no latim; muitas lacunas havia também já na flexão latina, se a confrontarmos com a grega, e especialmente com a sámscrita. 223

De todos os tempos simples da activa, que havia em latim, subsistíram, chegando até ao português, os seguintes: 224

Presente com três modos, indicativo, conjunctivo e imperativo, e aínda com uma fórma verbal, o gerúndio; as fórmas do gerundivo e do particípio destacáram do quadro da flexão, e reduzíram-se a simples nomes. 225

Imperfeito com um único modo, o indicativo (1). 226

(1) As fórmas, que em latim funccionavam como conjunctivo do imperfeito, tinham sido na sua origem, e eram morphológica e históricamente, o modo optativo do tempo *aoristo*, que se encontra com funcções autónomas no grego e nas línguas mais antigas da familia indo-europeia. Estas fórmas, na passagem para o português, não se perdêram, como pode parecer à primeira vista; apenas se modificou o seu uso. Eram ellas muito semelhantes ao infinito, do qual se distinguiam pelas desinências pessoais; nem admira, porque o infinito latino também corresponde histórica e morphològicamente ao aoristo e não ao presente.

Na decadéncia do latim as fórmas do chamado conjunctivo do imperfeito na sua significação e uso fôram-se aproximando do infinito, até por fim se confundirem com elle (Cf. nossa *Gram. port.* anterior, II, 188). A maior parte das linguas románicas rejeitáram então estas fórmas por inúteis, preferindo-lhes a do infinito, que é mais simples; na peninsula hispánica porém fôram-se conservando. O castelhano archaico apresenta vestígios dellas; o portugês e o gallêgo ainda as possúem, dando-lhes vulgarmente a denominação absurda de infinito pessoal. 227

PERFEITO com o modo indicativo apenas. As fórmas conjunctivas deste tempo confundíram-se com as do futuro 2°, e desta confusão resultou o futuro 2° português. A fórma nominal infinitiva deste tempo perdeu-se. 228

MAIS-QUE-PERFEITO com os dois modos, indicativo e conjunctivo, como em latim. Note-se porém que as fórmas que morphológica e históricamente constituem o modo conjunctivo deste tempo, usam-se principalmente em substituïção do conjunctivo do imperfeito, sem contudo perdêrem de todo a sua antiga funcção. 229

FUTURO 2° com o modo conjunctivo (1) apenas. 230

Das fórmas nominais estranhas aos tempos resta-nos o ADJECTIVO VERBAL em *-to*, que nos apparece, regularmente terminado em *-do*. O supino, e o adjectivo verbal em *-turo*, desapparecêram. 231

(1) Demonstro na anterior *Gram. port.* II, 196, que estas fórmas devem considerar-se do modo indicativo, e ainda mantenho a mesma opinião, que no texto me não é permittido enunciar. É digno de notar-se este facto: aquellas linguas románicas modernas, que perdêram as fórmas do futuro 2°, supprem-nas sempre por fórmas indicativas, e não por conjunctivas. Veja-se, v. gr., o francês, onde o futuro 2° é substituido pelo indicativo, ou do presente (*si je suis*), ou do futuro 1° (*quand je serai*).

O FUTURO 1° latino perdeu as fórmas que tinha, tanto indicativas como imperativas, e organizáram-se novas fórmas. *Lauda-bo*, *debe-bo*, *plaud-am*, *vesti-am*, desapparecêram com as correspondentes das outras pessôas, sendo substituídas pelas fórmas novas *louvar-ei*, *dever-ei*, *ap-plaudir-ei*, *vestir-ei*. 232

Para o modo imperativo deste tempo não se arranjáram fórmas novas, que substituíssem as perdidas — *ama-to*, *ama-to*, *ama-tote*, *ama-nto* — mas empregáram-se no logar dellas as próprias fórmas novas do modo indicativo, com o valor de imperativas, como em — *amarás o teu proximo,* processo este que já se usava tambem no latim.

Um tempo novo se formou, completamente desconhecido na língua latina, o chamado CONDICIONAL, de formação parallela ao futuro 1° (1). 233

Formação do futuro 1° e do condicional em português. — Porque é indispensavel occuparmo-nos mais desenvolvidamente da origem das fórmas destes dois tempos, a elles consagramos em especial os §§ seguintes. 234

Organizáram-se a par as fórmas destes dois tempos. Fôram primeiramente periphrásticas, constituídas pelo infinito do respectivo verbo e as fórmas syncopadas do verbo auxiliar *haver*, no presente para dar o futuro, no imperfeito para dar o condicional. 235

(1) No manuscripto original desta grammática, que submettemos ao concurso, occupavamo-nos nesta altura com desenvolvimento do tempo aoristo, antes de tratarmos do futuro 1° e do condicional. Vimo-nos porém obrigados a eliminar estes §§.

Futuro 1°	Condicional
amar hei → *amar-ei*	*amar hia* → *amar-ia*
amar has → *amar-ás*	*amar hias* → *amar-ias*
amar ha → *amar-á*	*amar hia* → *amar-ia*
amar hemos → *amar-emos*	*amar híamos* → *amar-íamos*
amar heis → *amar-eis*	*amar hieis* → *amar-íeis*
amar ham → *amar-ám*	*amar hiam* → *amar-íam*

Esta organização é perfeitamente análoga à das fórmas indicativas do futuro 1° e do imperfeito latinos, com a simples differença de que alli se tinham empregado as fórmas do presente e do imperfeito do auxiliar *fuo* (*-bo* ← *fuo*, *-bam* ← *fuam*), e aqui as do verbo *haver* ← *habere*.

A formação do futuro 1° e do condicional tem os seus fundamentos e princípios no próprio latim popular; nem doutro modo se explicaria a coïncidéncia de se terem dado análogas formações nas principais línguas románicas.

236 No latim popular, com as mudanças phonéticas que se déram, com as quedas e ensurdecimentos, chegáram a confundir-se as fórmas do FUTURO 1° com as do imperfeito, *amabo* e *amabam*, *amabis* e *amabas*, etc. Ora as idéas expressas por estes tempos sam tam afastadas, que era impossível manter-se tal confusão de fórmas; houve necessidade de arranjar fórmas distinctas e inconfundiveis. Organizou-se então um futuro periphrástico — *laudare habeo*, *laudare habes*, etc.

Primordialmente estas fórmas envolviam duas idéas: a de *obrigação* e a de *futuro*; uma obrigação que se satisfará no futuro. Mas a língua abandonou a primeira destas idéas, subsistindo apenas a segunda.

Aínda no português archaico se não achava a aggluti- 237
nação dos dois elementos — *louvar hei* — tam bem feita e consummada, que nos não appareça frequentes vezes o verbo auxiliar anteposto ao infinito *hei louvar* (=*hei de louvar* ou *louvar-ei*); e hoje mesmo, que a sutura se realizou e completou ha muito, aínda esta não é tam consistente, que por vezes se não destaquem os dois elementos, para deixarem que se interponha alguma fórma pronominal (*louvar-te hei*).

A formação do CONDICIONAL é parallela à do futuro. Em- 238
pregava-se no latim ordinàriamente o chamado conjunctivo do imperfeito para desempenhar a funcção do nosso condicional; mas a significação das fórmas daquelle tempo degenerou inteiramente, e houve necessidade de arranjar fórmas novas, que as supprissem. Empregou-se para isso a períphrase do infinito com o imperfeito do auxiliar — *laudare habebam*, *laudare habebas*, etc

O que dissémos da história da agglutinação das duas 239
palavras, que constituem cada fórma do futuro, é em tudo applicavel às fórmas do condicional.

Tempos compostos da voz activa. — Todas as fórmas 240
compostas da activa fôram organizadas com o verbo auxiliar *ter* ou *haver*, e o adjectivo verbal; é no latim que tem o seu fundamento esta construcção, e do latim é que ella nos veiu.

Os latinos já diziam *habeo scriptam epistolam*; no latim popular, quando se elaboravam as línguas romá-nicas, desenvolveu-se, explorou-se, ampliou-se esta construcção, e arranjáram-se todos os actuais tempos compostos, uns dos quais correspondem, quanto à significação,

a tempos simples latinos, outros porém sam novos, e exprimem particularidades, que no latim seria impossivel exprimir distinctamente.

C). — Pessôas e números

241 **Pessôas e números em latim e em português.** — Na língua portuguêsa conserváram-se os dois números do latim, e bem assim as três pessôas de cada número. As desinências modificáram-se sob a acção das leis phonéticas e da analogia, como succedeu também ao thema e às características temporais em certos casos determinados, segundo se verá abaixo pela aproximação das fórmas latinas e portuguêsas.

Singular

242 **1ª pessôa.** — Caíu sempre a desinência latina *-m* nos tempos que a tinham.

O futuro 2º e o conjunctivo do perfeito, que tinham eguais todas as fórmas excepto as primeiras do singular, deixáram por fim confundir estas mesmas. O português *amar* vem do latim *ama(ve)rim*, pela quéda do *m* final (I, 86) e ensurdecimento do *i* em *e* (I, 55), que successivamente caíu também (I, 56), subsistindo entretanto até hoje na linguagem do povo, que diz *amare*.

243 **2ª pessôa.** — Conserva a sua desinência inalterada. Apenas na do perfeito houve o ensurdecimento regular do *i* em *e* (I, 55).

244 **3ª pessôa.** — Perdeu a desinência *-t*, apresentando-se em português sem desinência (I, 85).

Plural

245 **1ª pessôa.** — Conservou-se a desinéncia latina, com a simples modificação orthográphica de se substituir *u* por *o*. Nesta pessôa ha, por influéncia analógica das outras pessôas, deslocação do accento para a sýllaba final do thema, no imperfeito, infinito pessoal (1), indicativo e conjunctivo do mais que perfeito, e futuro 2º. Esta deslocação d'accento já se tinha dado no latim popular, donde passou para o português e para outras línguas románicas.

246 **2ª pessôa.** — Foi diversa a sorte das desinéncias desta pessôa; — a do perfeito conservou-se, ensurdecendo-se o *i* em *e*; na do infinito pessoal (2) e do futuro 2º houve o abrandamento do *t* intervocálico em *d* (I, 88), antes da queda regular da vogal átona pòstónica (I, 57); na dos outros tempos houve semelhante abrandamento do *t* em *d*, seguido da queda do *d* intervocálico (I, 90), e contracção em dithongo das duas vogais, que em virtude desta queda ficáram em contacto (I, 69, 1º).

Dam-se nesta pessôa as mesmas mudanças de accento referidas a respeito da 1ª pessôa.

247 **3ª pessôa.** — Perdeu o *t* final (I, 85), e o *n* muda-se gràphicamente em *m*; realmente porém a consoante *n* dissolveu-se na vogal precedente, nasalizando-a, e esta mais tarde alargou-se em dithongo: — *an* → *ã* → *ão* (*aman*(*t*) → *âmã* → *âmão*); *en* → *ẽ* → *ẽi* = *ãi* (*amen*(*t*) → *âmẽ* → *âmẽi*); *in* → *en*, que segue a evolução precedente (*amarin*(*t*) → *amáren* → *amárẽ* → *amárẽi*); *un* → *on* → *õ* → *ão* (*amarun*(*t*) → *amáron* → *amárõ* → *amárão*).

(1) Empregamos esta denominação, apesar de a reputarmos muito incorrècta, para exprimir o modo conjunctivooptativo do aoristo (Vid. nossa *Gram. port.* anterior, II, 188).

(2) Vid. nota precedente

D). — Conjugação latina e portuguêsa

I. — Verbos regulares

248 **Fórmas de flexão verbal latina e respectivas fórmas portuguêsas.** — Para bem se ver a relação, que ha entre as fórmas verbaes latinas e as portuguêsas dellas derivadas, aqui as apresentamos a par, a fim de bem se poder fazer a confrontação. Escolhemos para isto três verbos regulares pertencentes às três classes de themas, em -a-, em -e-, e em -i-.

a). — Thema do presente

249 **Presente**

(*Modo indicativo*)

amo ← amo
amas ← amas
ama ← ama(t)
amamos ← amamus
amais ← amaes ← ama(d)es ← amatis
amam ← aman ← aman(t)

devo ← dêuo ← *l. pop.* dêbo ← debeo
deves ← déues ← debes
deve ← déue ← debe(t)
devemos ← deuemos ← debemus
deveis ← devees ← deue(d)es ← debetis
devem ← déuem ← deben(t)

puno ← *l. pop.* *puno ← punio
punes ← punis
punes ← puni(t)
punímos ← punīmus
punis ← puníis ← puníes ← puní(d)es ← punītis
punem ← punen ← punon ← *l. pop.* *punun(t) ← puniun(t)

(*Modo conjunctivo*)

ame	←		ame(m)
ames	←		ames
ame	←		ame(t)
amemos	←		amemus
ameis	← amees	← ame(d)es ←	ametis
amem	← âmen (= âmẽ) ←		amen(t)

deva	← dêua	← *l. pop.*	dêba ←	debea(m)
devas	← dêuas	← »	dêbas ←	debeas
deva	← dêua	← »	dêba(t) ←	debea(t)
devamos	← deuámos	← »	debamus ←	debeamus
devais	devaes deuá(d)es	← »	debatis ←	debeatis
devam	← dêuan	← »	dêban(t) ←	debean(t)

puna	←	*l. pop.*	*puna ←	punia(m)
punas	←	»	*punas ←	punias
puna	←	»	*puna(t) ←	punia(t)
punamos	←	»	*punamus ←	puniamus
punais	← punaes ← puna(d)es ←	»	*punatis ←	puniatis
punam	← punan ←	»	*punan(t) ←	punian(t)

(*Modo imperativo*)

ama		←		ama
amai	← amae	←	ama(d)e ←	amate
deve		←		debe
devei	← devee	←	deue(d)e ←	debete
pune		←		puni
puní	← puníi ←	puníe ←	puni(d)e ←	punite

Observações sôbre as fórmas do presente. — Ha perfeita correspondência, como se vê, entre as fórmas portuguêsas e as latinas de todos os modos do presente. Poucas modificações se déram nestas fórmas ao passarem do latim para o português, e essas poucas sam faceis de explicar. **250**

Nos paradigmas que escolhemos ha a considerar primeiramente as modificações do thema, especiais destes verbos escolhidos. Sam as seguin-

tes: — a) o abrandamento regular do *b* intervocálico em *v*, por intermédio da consoante bi-labial *u̯*, no verbo *debere* → *dever*; — b) a permanência do *n* sem modificação nas fórmas do verbo *punio*, em que no latim se lhe seguia *i̯* + vogal, posição esta em que o grupo *ni̯* deveria transformar-se em *nh* (I, 128); o que faz suppor que no latim pop. houvesse as fórmas *puno* em vez de *punio*, *puna(m)* em vez de *puniam*, etc., das quais viessem as portuguêsas.

251 Mas as modificações, que neste logar nos interessam especialmente, sam as que se dam em todos os verbos, e que distinguem a flexão verbal portuguêsa da latina. Ei-las:

252 1) — Os verbos de thema em *-e-* e em *-i-* perdêram a vogal final do thema na 1ª pess. sing. do indicativo e em todas as do conjunctivo, por acção analógica das fórmas correspondentes dos verbos de thema em *-a-*, que já em latim a tinham perdido.

253 2) — Na 2ª e 3ª pess. sing. do indicativo, e na 2ª sing. do imperativo dos verbos de thema em *-i-*, esta vogal ensurdeceu-se em *-e* (I, 55).

254 3) — Perdeu-se na 3ª pess. sing. de todos os verbos a desinência *-t*, que não podia subsistir em português como final de palavra (I, 85).

255 4) — A desinência *-mus* da 1ª pess. plur. conservou-se, abrandando-se entretanto regularmente o *u* em *o* surdo (I, 55).

256 5) — Na 2ª pess. plur. o *t* da desinência *-tis*, achando-se entre vogais, abrandou-se em *d* (I, 88), e o *i* mudou-se em *e* (I, 55), ex., *amatis* → *amades*, *debetis* → *devedes*, *punitis* → *punides*; mais tarde porém, aí pelo século XVI, caiu o *d* intervocálico, e o *e* átono, ficando em contacto com a vogal tónica do thema, veiu a mudar-se de novo em *i* para se dithongar com aquella vogal (I, 69, 1º), ex., *amades* → *amaes* → *amais*, *devedes* → *devées* → *deveis*; ha a excepção dos verbos de thema em *-i-*, que tendo no indicativo e imperativo a vogal tónica *i*, esta absorveu a vogal átona, ex., *punides* → *puníes* → *puníis* → *punís*.

257 6) — Também na 3ª pess. plur. caíu o *-t* final da desinência *-nt*, como succedeu á correspondente fórma do singular (II, 254), e mais tarde o *n* dissolveu-se na vogal precedente nasalizando-a; deste modo, no antigo português, a 3ª pess. plur. ficou terminando numa simples vogal nasal, ex. *amant* → *aman* (= *âmã*), *debent* → *deven* (= *déve*); nos verbos porém de thema em *-i-* houve uma pequena aberração nesta fórma do modo indicativo, que segundo a regra devia terminar em *-on* (= *õ*), como succedeu em tempos remotos, ex., *pun (i) unt* → *punon*, e entretanto no português archaico já a encontramos terminada em *-en*, como nos verbos de thema em *-e-* certamente por influência analógica destes, ex., *punen* (= *pune*). Em

tempos modernos estas vogais nasais simples, em que terminavam as fórmas de que nos vimos occupando, alongáram-se ou reforçáram-se em dithongos, *-ã* → *-ão*, *-ẽ* → *ẽi*, representados pelas letras *-am* e *-em*, ex., *aman* → *amam* (= *âmão*), *deven* → *devem* (= *devẽi*), *punen* → *punem* (= *punẽi*).

Imperfeito 258

amava	←			amáu̯a	←	amaba(m)
amavas	←			amáu̯as	←	amabas
amava	←			amáu̯a	←	amaba(t)
amávamos	←			amáu̯amos	←	amabāmus
amáveis	←	amávaes	←	amáu̯a(d)es	←	amabātis
amavam	←			amáu̯an	←	amaban(t)

devia				deu̯éu̯a	←	debeba(m)
devias				deu̯éu̯as	←	debebas
devia				deu̯éu̯a	←	debeba(t)
devíamos				deu̯éu̯amos	←	debebāmus
devíeis	←	devíaes	←	deu̯éu̯a(d)es	←	debebātis
deviam				deu̯éu̯am	←	debeban(t)

punía	←			punéu̯a	← l. pop.	*puneba(m)	←	punieba(m)
punías	←			punéu̯as	← »	*punebas	←	puniebas
punía	←			punéu̯a	← »	*puneba(t)	←	punieba(t)
puníamos	←			punéu̯amos	← »	*punebamus	←	puniebāmus
puníeis	←	puníaes	←	punéu̯a(d)es	← »	*punebatis	←	puniebātis
puníam	←			punéu̯an	← »	*punebant	←	punieban(t)

Observações sôbre as fórmas do imperfeito. — Houve neste tempo as mudanças phonéticas seguintes: 259

1) — Nos verbos de thema em *-a-*, o *b* intervocálico da syllaba característica deste tempo soffreu as alterações usuais, ex., *amaba(m)* → *amau̯a* → *amava* (I, 97); nos de thema em *-e-* e *-i-*, o *u̯* em que se transformou aquelle *b* exerceu acção sobre o *e* tónico precedente, fê-lo mudar em *i* (I, 32), e foi por elle absorvido, ex., *debeba(m)* → *deu̯éu̯a* → *devíu̯a* → *devía*, *pun(i)ebam* → *punéu̯a* → *puníu̯a* → *punía*. Deste modo as fórmas do imperfeito, que apparentemente sam de estructura differente, segundo os verbos pertencem à classe dos de thema em *-a-*, ou à dos de thema em *-e-* ou *-i-*, tẽem etymològicamente a mesma estructura. 260

2) — A desinência *-m* da 1ª pessôa no latim clássico, já não existia últimamente no latim popular (I, 86); por fim veiu também a eliminar-se a desinência *-t* da 3ª pessôa. **261**

3) — As mudanças phonéticas, que se déram nas fórmas da 2ª e 3ª pessôas plur., sam muito simples, não carecendo de mais explicação do que a que já se apontou a respeito das correspondentes fórmas do presente. Na 2ª pess. houve a mudança regular do dithongo *ai* em *ei*, mudança que em grande parte do país não ultrapassa os limites da graphia (cf. I, 37). **262**

b). — Thema do aoristo

Infinito pessoal (1) **263**

amar	←	amare	←	amare(m)
amares		←		amarēs
amar	←	amare	←	amare(t)
amarmos	←	amárĕmos	←	amarēmus
amardes	←	amárĕdes	←	amarētis
amarem	←	amaren	←	amaren(t)
dever	←	deu̯ere	←	debere(m)
deveres	←	deu̯eres	←	deberes
dever	←	deu̯ere	←	debere(t)
devermos	←	deu̯érĕmos	←	deberēmus
deverdes	←	deu̯érĕdes	←	deberētis
deverem	←	deueren	←	deberen(t)
punir	←	punire	←	punire(m)
punires		←		punires
punir	←	punire	←	puniret
punirmos	←	punírĕmos	←	punirēmus
punirdes	←	punírĕdes	←	punirētis
punirem	←	puniren	←	puniren(t)

Observações às fórmas do chamado infinito pessoal. — As mudanças que se déram nestas fórmas sam todas muito simples e regulares, achando-se a explicação dellas nas observações aos tempos de que já nos occupámos. Aqui, em especial, basta referir o seguinte: **264**

1. Veja-se a nota 1 de p. 177.

265 1) — Houve deslocação do accento tónico na 1ª e 2ª pess. plur., pela razão, já tantas vezes apontada, da analogia com as outras fórmas, que têem o accento tónico na última vogal do thema verbal geral.

266 2) — Deu-se a queda normal da vogal postónica nas mesmas duas fórmas, que em virtude da deslocação do accento ficáram sendo esdrúxulas (I, 57).

267 3) — Na 2ª pess. plur. não se realizou a queda do *d*, em que o *t* intervocálico se abrandára; logo depois deste abrandamento caíu a vogal pòstónica *e*, como acabamos de observar, e o *d* deixou de ser intervocálico, conservando-se por isso agrupado com o *r* precedente.

Infinito impessoal

268

amar		←		amare
dever	←	deuere	←	debere
punir		←		punire

269 **Observação sôbre a fórma do infinito.** — Esta fórma passou para português sem outra alteração geral, que não fôsse a da perda do *e* final (I, 56).

270 **Observação sôbre as fórmas do futuro 1º e do condicional.** — Não ha em latim fórmas que morphològicamente correspondam às portuguêsas, e das quais estas derivem; estes tempos fôram, como já dissemos, organizados na lingua portuguêsa (II, 232-239), pelo que não temos de nos occupar delles neste logar.

c). — Thema do perfeito

Perfeito

271

amei	←	amâi	←	*l. pop.*	amai	←	amaui
amáste		←		»	amasti	←	ama(ui)sti
amou	←	amâu	←	»	amau(t)	←	amauit
amámos		←		»	amamus	←	amauimus
amástes		←		»	amastis	←	ama(ui)stis
amáram	←	amáron	←	»	amarun(t)	←	ama(ue)runt
devi	←	deui	←	*l. pop.*	debii	←	debui
devêste	←	deueste	←	»	debisti	←	debuisti

deveu	←	deu̯eu	←	»	debiu(t)	←	debuit
devêmos	←	deu̯emos	←	»	debimus	←	debuimus
devêstes	←	deu̯estes	←	»	debistis	←	debuistis
devêram	←	deu̯eron	←	»	debirun(t)	←	debuērunt
puni			←	*l. pop.*	punii	←	puni(u̯)i
puniste			←	»	punisti	←	puni(u̯)isti
puniu			←	»	puniu(t)	←	puni(u̯)it
punímos			←	»	punimus	←	puni(u̯)imus
punístes			←	»	punistis	←	puni(u̯)istis
puníram	←	puniron	←	»	punirun(t)	←	puni(u̯)erunt

Observações sôbre as fórmas do perfeito. — Deve notar-se o seguinte: **272**

1) — A sýncope da syllaba *-ui-* nas fórmas da 2ª pess. sing. e da 2ª e 3ª plur. dos verbos de thema em *-a-* já se encontra, frequentes vezes, no latim clássico, especialmente na poësia. **273**

2) — A terminação *-au̯imus* da 1ª pess. plur. do latim clássico deveria dar *-aumus* no latim popular, à imitação do que succedeu na 3ª pess. sing., em que o *-au̯it* deu *-aut*, e em muitos outros casos semelhantes; mas as terminações *-astis*, *-arunt* da 2ª e 3ª pess. actuáram por analogia sôbre a 1ª, e fizéram com que passasse a *-amus*. **274**

3) — Já no latim clássico nos apparecem as fórmas do thema do perfeito de certos verbos em *-iu̯i* syncopadas, ex., *petiu̯i* → *petii*, *puniu̯i* → *punii*, etc. Fôram estas fórmas syncopadas, que serviram de modêlo para mais tarde no latim popular nos apparecerem também syncopadas e alteradas as fórmas correspondentes de todos os verbos, ex., *amau̯i* → *amai*, *debui* → *debii*, etc. **275**

4) — A passagem das fórmas do latim popular para português não carece de especial estudo, visto serem regularissimas as alterações que se déram: — mudança do dithongo *ai* em *ei*, que na maior parte de Portugal não passa de mudánça gráphica (cf. I, 37); do dithongo *au* em *ou* (I, 43); do *u* final (embora nasal) em *o* (egualmente nasal), e subsequentemente do *-on* (=õ) final em *-ão* (I, 55 e II, 247); e queda do *-t* final (I, 85) A mudança do *i* em *e* em todas as fórmas deste tempo (excepto a da 1ª pess. sing.) nos verbos de thema em *-e-*, foi effeito da analogia com as formas doutros tempos, em que apparece sempre o *e* final do thema verbal geral. **276**

Mais-que-perfeito

277

(*Modo indicativo*)

amára	←		*l.pop.* amara(m)	← ama(u̯e)ram
amáras	←		» amaras	← ama(u̯e)ras
amára	←		» amara(t)	← ama(u̯e)rat
amáramos	←		» amarámus	← ama(u̯e)rāmus
amáreis	← amáraes	← amára(d)es ←	» amarátis	← ama(u̯e)rātis
amáram		← amáran ←	» amaran(t)	← ama(u̯e)rant
devêra	←	deu̯êra	← *l.pop.* debira(m)	← debueram
devêras	←	deu̯êras ←	» debiras	← debueras
devêra	←	deu̯êra ←	» debira(t)	← debuerat
devêramos	←	deu̯êrămos ←	» debirámus	← debuerāmus
devêreis	← devêraes	← deu̯êră(d)es ←	» debirátis	← debuerātis
devêram	←	deu̯êran ←	» debiran(t)	← debuerant
punira			*l.pop.* punira(m)	← puni(u̯e)ram
puníras			» puniras	← puni(u̯e)ras
punira			» punira(t)	← puni(u̯e)rat
puníramos			» punirámus	← puni(u̯e)rāmus
puníreis	← puníraes	← punira(d)es ←	» punirátis	← puni(u̯e)rātis
puníram		← puniran ←	» puniran(t)	← puni(u̯e)rant

(*Modo conjunctivo*)

amasse	←		*l.pop.* amásse(m)	← amauīssem
amasses	←		» amásses	← amauīsses
amasse	←		» amásse(t)	← amauīsset
amássemos	←		» amassémus	← amauissēmus
amásseis	← amássees	← amásse(d)es ←	» amassétis	← amauissētis
amassem		← amássen ←	» amássen(t)	← amauīssent
devêsse	←	deu̯êsse	← *l.pop.* debisse(m)	← debuīssem
devêsses	←	deu̯êsses ←	» debisses	← debuīsses
devêsse	←	deu̯êsse ←	» debisse(t)	← debuīsset
devêssemos	←	deu̯êssemos ←	» debissémus	← debuissēmus
devêsseis	← devêssees	← deu̯êsse(d)es ←	» debissétis	← debuissētis
devêssem	←	deu̯êssen ←	» debissen(t)	← debuīssent

punisse ←		*l.pop.* punisse(m) ←	puniu̯īssem
punisses ←		» punisses ←	puniu̯īsses
punisse ←		» punisse(t) ←	puniu̯īsset
punissemos ←		» punissémus ←	puniu̯issēmus
punisseis ←	puníssees ← punisse(d)es ←	» punissétis ←	puniu̯issētis
punissem ←	punissen ←	» punissen(t) ←	puniu̯īssent

27 **Observação sôbre as fórmas de mais-que-perfeito.** — As fórmas de ambos os modos deste tempo derivam regularmente das correspondentes do latim popular, dando-se algumas modificações muito simples, que já deixamos estudadas a respeito dos tempos de que nos temos anteriormente occupado. A mais importante é a deslocação do accento tónico para a vogal final do thema verbal geral, em todas as fórmas em que no latim não recaía nella.

Futuro 2°

279

amar ←	amare ←	*l. pop.*	amari(m) ←	amau̯erim
amares ←		»	amaris ←	amau̯eris
amar ←	amare ←	»	amari(t) ←	amau̯erit
amarmos ←	amár(ĕ)mos ←	»	amárimus ←	amau̯ērimus
amardes ←	amár(ĕ)des ←	»	amáritis ←	amau̯ēritis
amarem ←	amaren ←	»	amarin(t) ←	amau̯erint
dever ←	deu̯êre ←	*l. pop.*	debiri(m) ←	debuerim
deveres ←	deu̯êres ←	»	debiris ←	debueris
dever ←	deu̯êre ←	»	debiri(t) ←	debuerit
devermos ←	deu̯êr(ĕ)mos ←	»	debírimus ←	debuērimus
deverdes ←	deu̯êr(ĕ)des ←	»	debíritis ←	debuēritis
deverem ←	deu̯êrem ←	»	debirin(t) ←	debuerint
punir ←	punire ←	*l. pop.*	puniri(m) ←	puniu̯erim
punires ←		»	puniris ←	puniu̯eris
punir ←	puníre ←	»	puniri(t) ←	puniu̯erit
punirmos ←	punír(ĕ)mos ←	»	punírimus ←	puniu̯ērimus
punirdes ←	punír(ĕ)des ←	»	puníritis ←	puniu̯ēritis
punirem ←	puniren ←	»	punirint ←	puniu̯erint

Observação sôbre as fórmas do futuro 2º. — A fórma da 1ª pess. sing. talvêz não venha do futuro 2º latino, mas do conjunctivo do perfeito, cujas fórmas se tinham confundido com as daquelle tempo; o dialecto macedónico ainda hoje conserva a terminação da 1ª pess. sing. deste tempo em *-im*, mas, pelo contrário, no antigo espanhol encontram-se frequentes vezes fórmas desta pessôa terminadas em *-o*. Daqui parece poder-se tirar por conclusão que no latim popular se confundíram e empregáram indifferentemente, a par uma da outra, a 1ª pessôa do conj. do perfeito e a do futuro 2º. Sam applicaveis a este tempo as observações phonéticas, que fizemos a respeito do chamado infinito pessoal (I, 264 e segg.). 280

d). — Fórmas verbais estranhas aos tempos

Gerúndio 281

amando	←	amando
devendo	← deuendo ←	debendo
punindo	← *l. pop.* punindo ←	puniendo

Observação sôbre a fórma do gerúndio. — Não ha necessidade de explicações a esta passagem da fórma do gerúndio de latim para português. A única alteração que se nota, confrontando o português com o latim, está na mudança da vogal tónica *e* em *i*, e na absorpção do *i* que precedia esta vogal, no gerúndio dos verbos de thema em *-i-*; é certo porém que esta modificação, facil de explicar pela influência analógica das outras fórmas de flexão desta classe de verbos, já se havia dado no latim popular. 282

As fórmas de accusativo e genitivo, que o gerúndio tinha em latim, elimináram-se, não apparecendo na nossa lingua senão a fórma em *-do* de dativo ou ablativo.

Adjectivo verbal 283

amado	←	amātŭm
devido	(*port. arch.* devúdo ← *l. pop.* debūtum)	debĭtum
punido	←	punītum

Observação sôbre a fórma da adjectivo verbal. — No latim popular muitos adjectivos verbais assumíram a terminação *-utus -a -um*, por analogia com *battutus, minutus, dilutus, solutus, tributus*, etc. Em certas linguas 284

románicas ainda hoje sam frequentes estes adjectivos verbais ao lado dos terminados em *-itus*. Na lingua portuguêsa archaica restringiu-se a terminação em *-udo* quàsi exclusivamente a adjectivos de verbos de thema em *-e-*, e assim se distinguiam geralmente dos de thema em *-i-* : — *louvado, perdudo, vestido; approvado, estabeleçudo, applaudido; fallado, conteúdo* (de *conteér*) *remido*; e semelhantemente *mettudo, temudo, abatudo, percebudo, corrompudo, sabudo*, etc. Depois fôram estes adjectivos verbais pouco a pouco substituindo a terminação *-udo* por *-ido*, a não ser num ou noutro nome isolado ha muito da flexão verbal, e conservado na linguagem téchnica, ou como nome próprio; ex. : — *teúdo* (de *teér*), *manteúdo* (de *manteér*), *conteúdo* (de *conteér*), *Temudo* (de *temer*).

II. — Verbos irregulares

285 **Fórmas irregulares dos verbos portuguêses, e correspondentes fórmas latinas.** — As fórmas irregulares dos verbos portuguêses viéram-nos quási todas das correspondentes fórmas do latim popular, mediante modificações phonéticas regulares; algumas resultam de influências analógicas diversas. Afástam-se dos moldes regulares da flexão verbal portuguêsa, mas, em geral, não se afastam das leis phonéticas, que presidíram à transformação das palavras latinas em palavras portuguêsas.

Para bem se vêr isto, percorramos uma por uma essas fórmas irregulares, remontando à sua origem. Seguiremos a enumeração methódica dos verbos irregulares, feita na precedente grammática portuguêsa.

a). — Verbos reductiveis

1). Themas em -a-.

Verbo **dar** (← l. *dare*)

286 **Presente :** — (Indicativo) : — A fórma lat. da 1ª pess. sing. era *do*. A formação da port. *dou* poderia explicar-se theòricamente pelo alargamento da vogal *o* no dithongo *ou* : — l. *do* →

dô → *dou*, como l. *sum* → arch. e dial. *som* → *sô* → *sou*. Mas temos no port. arch. a fórma *dau*, que contradicta aquella hypóthese. A verdadeira explicação já nós a démos (*Gram. port.* anterior, II, 206, nota). Foi a persisténcia do *a* tónico em todas as restantes pessôas, que influíu na primeira, introduzindo nella o mesmo *a* tónico antes da desinéncia *o* desta pessôa : — l. *do*, *das*, *da(t)*, etc. → *dáo*, *dás*, *dá*, etc. As modificações soffridas depois sam regulares : — *dáo* → *dáu* → *dâu* → *dôu* (cf. *cáusa* → *câusa* → *côusa*). — (Conjunctivo) : — *dê* ← l. *dem*, *dês* ← l. *des*, etc., *dêmos* ← l. *dēmus*, etc. (I, 30).

Perfeito : — *dei* ← l. *dĕ(d)i* (I, 29), *deste* ← arch. *deeste* ← l. *de(d)isti* (1), *deu* (por analogia com os verbos de thema em *-e-*, visto ser esta a vogal tónica em todos as pessôas deste tempo); *démos* ← arch. *deemos* ← l. *de(d)ĭmus*, *déstes* ← arch. *deestes* ← l. *de(d)istis*, *deram* ← arch. *deeron* ← l. *de(d)erun(t)*. 287

Mais-que-perfeito : — *dera* ← arch. *deera* ← l. *de(d)era(m)*, *deras* ← arch. *deeras* ← l. *de(d)eras*, etc. 288

Futuro 2º : — *der* ← *dere* ← arch. *deere* ← *de(d)eri(m)*, *deres* ← arch. *deeres* ← *de(d)eris*, etc. 289

Verbo estar (← l. *stare*)

Presente : — (Indicativo) : — *estou* ← l. *sto*. A explicação é idéntica à que démos em relação à fórma *dou* do verbo *dar*. Não carecem de explicação as fórmas das restantes pessôas. — (Conjunctivo) : — As fórmas archaicas eram *esté* ← l. *stem*, *estés* ← l. *stes*, *esté* ← l. *ste(t)*, etc., parallelamente a *dé*, *dés*, *dé*, etc. Das fórmas *esté*, *estés*, *esté*, etc., é que deriváram mais tarde as fórmas *esteja*, *estejas*, *esteja*, etc., por influéncia analógica das cor- 290

(1) Conquanto o *i* da syllaba média de *dedisti* seja nesta fórma longo por posição, elle é breve por natureza. Realiza-se pois nesta fórma a regra ĭ → *e*, que primeiro foi fechado e depois se tornou aberto (I, 30 e 31).

respondentes fórmas do verbo *ser* — *seia*, *seias*, *seia*, etc., que logo explicaremos (II, 347). Por fim deu-se a mudança regular do *i* intervocálico em *j* — *esteia* → *esteja*, *esteias* → *estejas*, etc. (I, 106).

Perfeito : — As fórmas deste tempo não deriváram das latinas respectivas — *steti*, *stetisti*, etc. Organizáram-se em português, por acção analógica das correspondentes do verbo *ter*, que logo explicaremos (II, 304). Em face de *tive*, *tiveste*, *teve*, etc., arranjáram-se as fórmas *estive*, *estiveste*, *esteve*, etc. **291**

Quanto às fórmas dos restantes tempos do thema do perfeito, derivam regularmente do thema temporal *estive-*, segundo as normas da flexão portuguêsa, não se relacionando portanto com as correspondentes fórmas latinas. **292**

2). Themas em -*e*-.

Verbo **perder** (← l. *perdere*)

Presente : — (Indicativo) : — *perco* ← l. pop. **per(di)co*, *perdes* ← l. *perdis*, *perde* ← l. *perdi(t)*, etc. — (Conjunctivo) : — *perca* ← l. pop. **per(di)ca(m)*, *percas* ← l. pop. **per(di)cas*, *perca* ← l. pop. **per(di)cat*, etc. — A explicação da fórma da 1ª pess. sing. indicat. e de todas as do conjunct., não é facil. A que adoptámos, e acima apontamos, é puramente hypothética, mas racional. É muito possivel que no latim pop. houvesse o verbo *pérdico*, der. de *perdo*, à imitação de muitos outros; se o houve, como suppômos, elle daria mui naturalmente as fórmas *perco*, *percas*, *perca*, etc., pela queda do *d* intervocálico (I, 96) e subsequente queda do *i* pòstónico não final (I, 57). **293**

3). Themas em -*i*-.

Dois dos verbos irregulares desta classe deriváram de verbos latinos, nos quais o *i* era precedido da consoante dental *t*. No presente, quer na 1ª pess. sing. do indicat. quer em todas as do **294**

conjunct., apparecia o grupo *ti̯* seguido de vogal, grupo consonántico este que normalmente se mudou em *ç* (I, 129). O terceiro verbo irregular desta classe tinha em latim, nas referidas fórmas, o grupo *di̯*, que devia dar *j* (I, 126), mas que deu *ç* como os dois verbos precedentes, talvez por influência analógica destes. Em tudo o mais sam regulares.

Verbo **medir** (← l. pop. *mētire*)

Presente : — (Indicativo) : — *meço* ← l. pop. **meti̯o*, *medes* ← l. pop. **metis*, *mede* ← l. pop. **meti*(*t*), etc. — (Conjunctivo) : — *meça* ← l. pop. *meti̯a*(*m*), *meças* ← l. pop. **meti̯as*, *meça* ← l. pop. **metia*(*t*), etc. 295

Verbo **pedir** (← l. pop. *petīre*)

Presente : — (Indicativo) : — *peça* ← l. pop. *peti̯o*, *pedes* ← l. *petis*, *pede* ← l. *peti*(*t*), etc. — (Conjunctivo) : — *peça* ← l. pop. *peti̯a*(*m*), *peças* ← l. pop. *peti̯as*, *peça* ← l. pop. *peti̯at*, etc. 296

Verbo **ouvir** (← l. *au*(*d*)*ire* [1])

Presente : — (Indicativo) : — *ouço* ← l. *audi̯o* (II, 294), *ouves* ← *ouu̯es* ← *oues* ← l. *au*(*d*)*īs* (2), *ouve* ← *ouu̯e* ← *oue* ← *au*(*d*)*i*(*t*), etc. — (Conjunctivo) : — *ouça* ← *audi̯am*, *ouças* ← *audi̯as*, *ouça* ← *audi̯a*(*t*), etc. 297

4). Themas em líquida *(r, l)*

Verbo **querer** (← l. *quaerere*)

Perfeito : — *quis* ← arch. *quesi* ← *quesii* ← l. *quaesi*(*u̯*)*i* (I, 109), *quiseste* (dial. *queseste*) ← arch. *queseeste* ← l. *quaesi*(*u̯*)-*istī*, *quīs* (evolução semelhante à da 1ª pess.) ← *quaesi*(*u̯*)*i*(*t*), 29

(1) O étymo deste verbo é o latino *audire* → *auire* (I, 96) → *ouire* (I, 18 e 43) → *ouu̯ire* (I, 69, 2º) → *ouvir* (I, 108).

(2) Vid. nota antecedente.

quisemos (dial. *quesemos*) ← arch. *queseemos* ← l. *quaesi(u)imus*, *quisestes* (dial. *quesestes*) ← arch. *queseestes* ← l. *quaesi(u)istis*, *quiseram* (dial. *quèseram*) ← arch. *queseeron* ← l. *quaesi(u)erun(t)*.

As fórmas do mais-que-perfeito (*quisera* ← arch. *quesera*) e do futuro 2º (*quiser* ← *quesere*) derivâram regularmente do thema temporal do perfeito.

299 **Adjectivo verbal** : — *querido*. Não veiu do latim, mas formou-se em português por analogia, segundo as regras da nossa flexão verbal.

Verbo valer (← l. *valere*)

300 **Presente** : — (Indicativo) : — *valho* ← l. pop. *valio* (I, 127) ← l. *valeo*, *vales* ← l. *vales*, *vale* ← l. *vale(t)*, etc. — (Conjunctivo) : — *valha* ← l. pop. *valia(m)* ← l. *valeam*, *valhas* ← l. pop. *valias* ← l. *valeas*, *valha* ← l. pop. *valia(t)* ← l. *valeat*, etc.

5). Themas em nasal *(n)*

301 É constituída esta classe por três verbos, *ter*, *vir* e *pôr*, os quais todos derivam de verbos latinos (*tenere*, *venire* e *ponere*), cujos themas eram caracterizados pela consoante nasal **n**, que na passagem das respectivas fórmas para português exerceu acção importante, não as deixando ajustar-se inteiramente aos moldes da flexão verbal portuguêsa.

Verbo ter (← l. *te(n)ere*) [1]

302 **Presente** : — (Indicativo) : — *tenho* ← l. pop. *tenio* (I, 128) ← l. *teneo*, *tens* (= *tẽs*) ← arch. *tẽes* ← l. *tenes*, *tem* (= *tẽ*) ← arch. *tẽe* ← l. *tene(t)*, *temos* ← arch. *tẽẽmos* ← l. *tenemus*, *tendes* (= *tẽdes*) ← arch. *tẽẽdes* ← l. *tenetis*, *tẽem* ← l. *tenen(t)*. — (Conjunctivo): — *tenha* ← l. pop. *tenia(m)* ← l. *teneam*, *tenhas* ← l. pop. *tenias* ← l. *teneas*, *tenha* ← l. pop. *tenia(t)* ← l. *teneat*, etc.

(1) Verbo latino *tenēre* → *tẽér* → *teér* → *tér*.

Imperfeito : — *tinha* ← arch. *tiinha* ← *tẽinha* ← *tẽinia* (I, 128) ← *teniia* (I, 116) ← *tenía* ← *tené(u)a* (I, 32) ← l. *teneba(m)* (I, 97), *tinhas* (seguindo evolução egual à da 1ª pess.) ← *tenebas*, *tinha* ← *teneba(t)*, etc. 303

Perfeito : — *tive* (dial. *tive*) ← arch. *tẽve* ← *tẽue* ← l. *tenui* (I, 116), *tiveste* (dial. *teveste*) ← arch. *tẽveste* ← *tẽueste* ← l. *tenuisti*, *teve* ← *tẽve* ← *tẽue* ← l. *tenui(t)*, *tivemos* (dial. *tevemos*) ← arch. *tẽvemos* ← *tẽuémos* ← l. pop. *tenuímus* ← l. *tenuimus*, *tivestes* (dial. *tevestes*) ← arch. *tẽvestes* ← *tẽuéstes* ← l. *tenuistis*, *tiveram* (dial. *teveram*) ← arch. *tẽveron* ← *tẽuéron* ← l. *tenuerun(t)*. 304

Adjectivo verbal : — *tido* ← *tiido* ← *tẽido* ← *tenido*, formado por influência analógica dos verbos tanto de thema em **-e-** como de thema em **-i-**. 305

Verbo **vir** (← l. *ve(n)ire*) [1].

Presente : — (INDICATIVO) : — *venho* ← l. *venio* (I, 128), *vens* (= *vẽs*) ← arch. *vẽes* ← l. *venis*, *vem* (= *vẽ*) ← arch. *vẽe* ← l. *veni(t)*, *vimos* (= *vimos*) ← arch. *viímos* ← *vẽímos* ← l. *venīmos* (I, 116), *vindes* (= *vĩdes*) → arch. *viídes* → *vẽídes* ← l. *venitis*, *vẽem* (formado analògicamente sob a influência de *tẽem*, *devem*, *applaudem*, *vestem*, etc.). — (CONJUNCTIVO) : — *venha* ← l. *venia(m)*, *venhas* ← l. *venias*, *venha* ← l. *venia(t)*, etc. 306

Imperfeito : — *vinha* ← *vinh(i)a* (I, 57) ← *vinhía* ← *veniía* (I, 128) ← *venié(u)a* (I, 32) l. *venieba(m)* [I, 97], *vinhas* (seguindo evolução egual à da 1ª pess.) ← l. *veniebas*, *vinha* ← l. *venieba(t)*, etc. 307

Perfeito : — *vim* (= *vĩ*) ← *vĩi* ← *vẽi* ← l. *veni*, *viéste* ← *vẽéste* ← l. *venisti*, *veiu* (formada por analogia, com a desinência *-u* própria da 3ª pess. deste tempo), *viémus* ← *vẽémos* ← l. *venĭmus*, *viestes* ← *vẽestes* ← l. *venistis*, *viéram* ← arch. *vẽéron* ← l. *venerun(t)*. 308

(1) O étymo latino *venire* → *vẽire* → *veire* → *viir* → *vir*.

309 **Adjectivo verbal :** — *vindo* ← arch. *viido* ← *venido*, formado analògicamente, como o do verbo *ter*.

Verbo **pôr** (← l. *ponere*)

31[0] **Presente :** — (Indicativo) : — *pônho* ← l. pop. *poneo* (= *pón͡o*) ← l. *pono*, *pões* ← l. *ponis*, *põe* ← l. *poni(t)*, *pômos* (= *põmos*) ← arch. *põêmos* ← l. *ponĭmus*, *pondes* (= *põdes*) ← arch. *põédes* ← l. *ponĭtis*, *põem* (de formação analógica aos outros verbos de inf. em *-er* e *-ir*). — (Conjunctivo) : — *ponha* ← l. pop. *ponea(m)* (= *pónia*) ← l. *ponam*, *ponhas* ← l. pop. *poneas* (= *pónias*) ← l. *ponas*, *ponha* ← l. pop. *ponea(t)* [= *pónia(t)*] l. *ponat*, etc.

311 **Imperfeito :** — *punha* ← arch. *pônha* (I, 48) ← *pônia* ← *ponía* ← *poné(u)a* (I, 32) ← l. *pōnēba(m)*, *punhas* (por egual processo) ← *ponebas*, *punha* ← *poneba(t)*, etc.

312 **Gerúndio :** — *pondo* ← *poéndo* (= *poẽdo*) ← *põẽdo* ← l. *ponendo*.

313 **Aoristo :** — (Infinito impessoal) : — *pôr* ← arch. *poêr* ← *põêre* ← l. pop. *ponēre* ← l. *ponĕre*. — (Infinito pessoal) : — *pôr* ← *poêr* (por idêntico processo ao da fórma precedente) ← *ponere(m)*, *pôres* ← arch. *poêres* ← l. *poneres*, *pôr* ← arch. *poêr* ← l. *ponere(t)*, etc.

314 **Perfeito :** — *pus* ← arch. *pous* → l. *posui*, *puseste* ← *pouseste* ← l. *posuísti*, *pôs* ← *pous* ← l. *posui(t)*, *pusémos* ← *pousémos* ← l. *posuimus*, *pusestes* ← *pousestes* ← l. *posuístis*, *puséram* ← *pouséron* ← *posuérun(t)*.

315 **Adjectivo verbal :** — *pôsto* ← *pos(i)tu(m)* [I, 57].

6). Themas em labial *(b, v)*

Verbo **caber** (← l. *capere* [1])

Presente : — (Indicativo) : — *caibo* → l. *capio*, *cabes* ← l. *capis*, *cabe* ← l. *pi(t)*, etc. — (Conjunctivo) : — *caiba* ← l. *capia(m)*, *caibas* ← l. *capias*, *caiba* ← l. *capia(t)*, etc. **316**

Perfeito : — *coube* ← *caube* (I, 43) ← l. pop. *capui*, *coubeste* ← *caubeste* ← l. pop. *capuísti*, *coube* ← *caube* ← l. pop. *capui(t)*, *coubemos* ← *caubemos* ← l. pop. *capuímus*, *coubestes* ← *caubestes* ← l. pop. *capuístis*, *couberam* ← *couberon* ← *cauberon* ← l. pop. *capuérun(t)*. **317**

Adjectivo verbal : — *cabido* (formado por analogia). **318**

Verbo **saber** (← l. *sapere* [2])

Presente : — (Indicativo) : — *sei* (= *sâi*) ← arch. *sai(bo)* ← l. *sapio* (3), *sabes* → l. *sapis*, *sabe* ← l. *sapi(t)*, etc. — (Conjunctivo) : — *saiba* ← l. *sapia(m)*, *saibas* ← l. *sapias*, *saiba* ← l. *sapiat*, etc. **319**

Perfeito : — *soube* ← *saube* (I, 43), ← l. *sapui*, *soubeste* ← *saubeste* ← l. *sapuísti*, *soube* ← *saube* ← l. *sapui(t)*, *soubémos* ← *saubemos* ← l. pop. *sapuímus* ← l. *sapuimus*, *soubestes* ← *saubestes* ← l. *sapuístis*, *souberam* → *souberon* ← *sauberon* ← l. *sapuerun(t)*. **320**

Adjectivo verbal : — *sabido* (formado analógicamente). **321**

(1) O verbo lat. *capere* → l. pop. *capére* → *caber* (I, 88).
(2) O verbo *sapĕre* → l. pop. *sapére* → *saber*.
(3) Provavelmente influiu a 1ª pess. sing. do ind. pres. do verbo *haver* — *hei*, para ser apocopada a fórma correspondente do verbo *saber* — *sei* = *sái(bo)*. Cf. II, 322.

Verbo **haver** (← l. *habere*)

Presente : — (Indicativo) : — *hei* [= *hâi*] ← **hâi(o)* ← *ha(u̯)io* ← *ha(u̯)eo* ← l. *habeo* (I, 97), *has* ← *ha(i)s* ← *ha(u̯)es* [= *ha(u̯)is*] ← l. *habes*, *ha* ← *ha(i)* ← *ha(u̯)e* [= *ha(u̯)i*] ← l. *habe(t)*, *hemos* e *havemos* ← *hau̯emus* ← l. *habemus*, *heis* e *haveis* ← *hau̯e(d)es* ← l. *habetis*, *ham* ← *ha(u̯)en* (sob a influência analógica de *sam* e *dam*) ← l. *haben(t)*. — (Conjunctivo) : — *haja* ← l. pop. *habia(m)* (I, 126) ← l. *habeam*, *hajas* ← l. pop. *habias* ← l. *habeas*, *haja* ← l. pop. *habia(t)* ← l. *habeat*, etc. 32

Imperfeito : — *havia* ← *hau̯ía* ← *hau̯é(u̯)a* (I, 32) ← *habebam* (I, 97), *havias* (pelo mesmo processo) ← l. *habebas*, *havia* ← l. *habebat*, etc. 323

Perfeito : — *houve* ← *hauu̯i* (I, 43 e 108) ← l. *habui*, *houveste* ← *hauu̯iste* ← l. *habuīsti*, *houve* ← *hauu̯e* ← *habui(t)*, *houvemos* ← *hauu̯emos* ← l. pop. *habuímus* ← l. *habuĭmus*, *houvestes* ← *hauu̯ístis* ← l. *habuístis*, *houveram* ← *hauu̯eron* ← l. *habuerun(t)*. 324

7). Themas na apical fricativa z.

As irregularidades destes verbos provêem quási todas das modificações soffridas pelo *c*, càracteristico dos respectivos themas latinos, em conformidade com as regras estabelecidas na phonética. 325

Verbo **prazer** (← l. *placere*)

Presente : — (Indicativo) : — *praz* ← *praze* (I, 56) ← l. *place(t)* [I, 89], *prazem* ← l. *placen(t)*. — (Conjunctivo) : — *praza* ← l. pop. *placia(t)* [I, 129] ← l. *placeat*, *prazam* ← l. pop. *placian(t)* ← l. *placeant*. 326

Perfeito : — *prouve* ← *proue* ← *proue* (I, 69, 2º) ← *praue* 327

(I, 43), ← l. *pla(c)ui(t)* (1), *prouveram* ← *prouueron* ← *proueron* ← *praueron* ← l. *pla(c)uerun(t)*.

Verbo jazer (← l. *iacere*)

Presente : — (Indicativo) : — *jazo* ← l. pop. *iacio* (I, 80 e 129) ← l. *iaceo*, *jazes* ← l. *iaces* (I, 89), *jaz* ← *jaze* (I, 56) ← l. *iace(t)*, *jazemos* ← l. *iacemus*, *jazeis* ← *jazees* ← *jaze(d)es* ← l. *iacetis*, *jazem* ← l. *iacen(t)*. — (Conjunctivo) : — *jaza* ← l. pop. *iacia(m)* ← l. *iaceam*, *jazas* ← l. pop. *iacias* ← l. *iaceas*, *jaza* ← l. pop. *iaciu(t)* ← l. *iaceat*, etc. 328

Perfeito : — *jouve* ← *jouue* ← *joue* (I, 69, 2°) ← *jaue* (I, 43) ← l. *ia(c)ui* (2), *jouveste* (por processo semelhante) ← l. *ia(c)uisti*, *jouve* ← l. *ia(c)ui(t)*, *jouvemos* ← l. *ia(c)uimus*, *jouvestes* ← l. *ia(c)uistis*, *jouveram* ← *jouveron* ← l. *iacuerun(t)*. 329

Adjectivo verbal : — *jazido*. — É de formação analógica. 330

Verbo trazer (← l. *trahere*) (3)

Presente : — (Indicativo) : — *trago* ← l. *traho*, *trazes* ← arch. *trages* ← *traghes* ← l. *trahis*, *traz* ← arch. *trage* ← l. *trahit*, *tra-* 331

(1) Este *c* intervocálico devia regularmente abrandar-se em *g* (I, 88); mas nestas fórmas chegou a caír, naturalmente por acção analógica das fórmas correspondentes do verbo *haver*, com as quais se harmonizáram as do perfeito deste verbo e do seguinte, e ainda as do verbo *trazer* na linguagem popular de certas regiões.

(2) Cf. as fórmas do perfeito do verbo *prazer*, e a explicação da nota precedente.

(3) Parece que o *h* de *trahere* era aspirado na península hispánica, e que a aspiração veiu a dar origem, no latim pop. desta região, ao phonema guttural *g* (I, 91), que soffreu mais tarde as modificações especiais a que este phonema se acha sujeito (*trahĕre* → *trahére* → *traghere* → *trager* → *trazer*). Esta última mudança do *ge* (=*je*) em *ze* não é muito frequente em português; entretanto ha alguns casos, e explica-se pela proximidade dos dois sons.

zemos ← arch. *tragemos* ← *traghemos* ← l. *trahimus*, *trazeis* ← *tragées* ← arch. *tragé(d)es* ← *traghedes* ← l. *trahitis*, *trazem* ← arch. *tragem* ← *traghem* ← *trágon* ← l. *trahun(t)*. — (CONJUNCTIVO) : — *traga* ← *traha(m)*, *tragas* ← *trahas*, *traga* ← *traha(t)*, etc.

Perfeito : — *trouxe* (= *trousse*) ← l. *traxi* (= *tracsi*), vocalizando-se o *c* em *u* (I, 135), e mudando-se depois regularmente o dithongo *au* em *ou* (I, 43); nestas mudanças influíram por analogia as fórmas do perfeito dos cinco verbos, que precedem este immediatamente, *trouxeste* ← l. *traxisti*, *trouxe* ← l. *traxi(t)*, *trouxemos* → l. *traximus*, *trouxestes* ← l. *traxistis*, *trouxeram* ← arch. *trouxeron* ← l. *traxerunt*. 33

Além destas fórmas do perfeito, também existem na linguagem popular as fórmas *trouve*, *trouveste*, *trouve*, organizadas por influéncia analógica das fórmas *houve*, *houveste*, *houve*, etc.

Adjectivo verbal : — *trazido*, de formação analógica. 333

Verbo **dizer** (← l. *dicere*)

Presente : — (INDICATIVO) : — *digo* ← l. *dico* (I, 88), *dizes* ← l. *dicis* (I, 89), *diz* ← *dize* (I, 56) ← l. *dicit*, *dizemos* ← l. *dicimus*, *dizeis* ← *dizees* ← *dize(d)es* ← l. *dicitis*, *dizem* ← *dicen* (formada analògicamente). — (CONJUNCTIVO) : — *diga* ← l. *dica(m)*, *digas* ← l. *dicas*, *diga* ← l. *dica(t)*, etc. 334

Perfeito : — *disse* ← l. *dixi* (= *dicsi*, vid. I, 135), *disseste* ← l. *dixisti*, *disse* ← l. *dixi(t)*, *dissémos* ← l. *diximus*, *dissestes* ← l. *dixistis*, *disseram* ← *disseron* ← l. *dixerun(t)*. 335

Adjectivo verbal : — *dito* ← l. *dictum*. 336

Verbo **fazer** (← l. *facere*)

Presente : — (INDICATIVO) : — *faço* ← l. *facio* (I, 129), *fazes* ← l. *facis* (I, 89), *faz* ← *faze* (I, 56) ← l. *faci(t)*, *fazemos* 337

- l. *facimus*, *fazeis* ← *fazées* ← *faze(d)es* ← l. *facitis*, *fazem* ← *azon* ← l. *faciunt*. — (CONJUNCTIVO): — *faça* ← *facia(m)*, *faças* ← l. *facias*, *faça* ← l. *facia(t)*, etc.

Perfeito: — *fiz* ← *fize* (I, 56) ← l. *fēci*, *fizeste* ← *fezeste* ← *fecisti*, *fêz* ← l. *feci(t)*, *fizemos* ← *fezemos* ← l. *fecimus*, *fizestes* *fezestes* ← l. *fecistis*, *fizeram* ← *fezeron* ← l. *fecerun(t)*. 338

Adjectivo verbal: — *feito* ← *faito* ← l. *factum* (I, 133). 339

8). Themas que primitivamente terminavam na explosiva *d*.

Verbo **ver** (← l. *videre* [1])

Presente: — (INDICATIVO): — *vejo* ← *vĭdio* (I, 126) ← l. *video*, *vés* ← *vées* ← l. *vĭ(d)es* (I, 30), *vê* ← *vêe* ← l. *vĭ(d)e(t)*, *vêmos* ← *veêmos* ← l. *vi(d)emus*, *vedes* ← *veêdes* ← l. *vi(d)etis*, *vêem* ← l. *vi(d)en(t)*. — (CONJUNCTIVO): — *veja* ← *vidia(m)* ← l. *videam*, *vejas* ← *vidias* ← l. *videas*, *veja* ← *vidia(t)* ← l. *videa(t)*, etc. 340

Imperfeito: — *via* ← *viía* ← *veía* ← *ve(d)ía* ← *vedéua* (I, 32) ← l. *vidēba(m)* (I, 97), *vias* (por semelhante processo) ← l. *vi(d)ebas*, *via* ← l. *vi(d)eba(t)*, etc. 341

Perfeito: — *vi* ← *vii* ← l. *vi(d)i*, *viste* ← *viiste* ← l. *vi(d)isti*, *viu* (formou-se analógicamente, à maneira de *serviu*, *pediu*, *vestiu*, etc), *vimos* ← *viimos* ← l. *vi(d)imus*, *vistes* ← *viistes* ← l. *vi(d)istis*, *viram* ← *viiron* ← l. *viderun(t)*. 342

Adjectivo verbal: — *visto* ← l. pop. *vistum* ← **visĭtum* ← formado analógicamente a *positum*. 343

(1) A série chronológica das fórmas, por que este infinito passou, é a seguinte — *vi(d)ere* → *veér* → *vér*.

Verbo **rir** (← l. *ridēre* [1])

Presente : — (Indicativo) : — *rio* ← *riio* ← l. *ri(d)eo*, *ris* ← l. *ri(d)es*, *ri* ← *rii* ← l. *ri(d)e(t)*, *rimos* ← *riimos* ← l. *ridēmus*, *rides* ← *riides* ← l. *ri(d)ētis*, *riem* ← l. *ri(d)en(t)*. — (Conjunctivo) : — *ria* ← *riia* ← l. *ri(d)ea(m)*, *rias* ← *riias* ← l. *ri(d)eas*, *ria* ← *riia* ← l. *ri(d)ea(t)*, etc. 344

Perfeito : — *ri* ← *rii* ← l. pop. *ri(d)i* (l. *risi*), *riste* ← *riiste* ← l. pop. *ri(d)isti*, *riu* (formado analògicamente como no verbo anterior), *rímos* ← *riimos* ← l. pop. *ri(d)imus*, *ristes* ← *riistes* ← l. pop. *ri(d)istis*, *riram* ← *riiron* ← l. pop. *ri(d)erun(t)*. 345

Adjectivo verbal : — *rido* ← *riido* (formação analógica). 346

b). — Verbos irreductiveis

Verbo **ser** (← l. pop. *essere* [2])

Presente : — (Indicativo) : — *sou* ← *só* ← *som* ← l. *sum*, *es* ← l. *es*, *é* ← *e(s)* (3), ← l. *es(t)*, *sômos* ← l. *sŭmus* (I, 46) (4), *sóis* 347

(1) *Ri(d)ēre* → *riére* → *riire* → *rir*.

(2) Este infinito formou-se no latim popular, juntando-se ao inf. l. *esse* a syllaba *-re*, por analogia com quasi todos os verbos, que tinham o inf. em *-re*. Do lat. pop. passou este inf. para as linguas románicas : — *ésser* em rhético, *essere* em italiano, *être* (← *estre* ← *ess're*) em francês, *ser* (← *(es)sér*) em espanhol e português ; sómente a lingua rumena se afasta deste concerto, dando ao verbo substantivo o inf. *fi* (← * *fíri* ← l. *fieri*). Não ha razão para affirmar que o port. *ser* vem do l. *sedēre*, embora se admitta que algumas fórmas do verbo *sedēre* influiram sobre fórmas correspondentes do verbo *ser*. O facto de se encontrar sempre no port. arch. a forma *seer* em vez de *ser*, nada prova em contrário, pois a repetição da vogal não obedece muitas vezes a principios etymológicos, e é apenas indicativa da quantidade longa ; assim é que frequentemente se encontra *quaaes*, *geraaes*, etc.

(3) A queda do *s* deu-se pela necessidade de distinguir a 3ª pess. da 2ª.

(4) A fórma dialectal *sēmos* ou *sēmōs* derivou do inf. *ser*, por analogia com os outros verbos de thema em *-e-*, ex., *devemos*, *sabemos*, *fazemos*, etc.

← *sôes* ← arch. *só(d)es* (deduzida analògicamente da 1ª pess. *sômos* [1]), *sam* ← *son* ← l. *sun(t)*. — (CONJUNCTIVO): — *seja* ← *seîa* ← *sêa* (I, 69 e 70) ← l. pŏp. *sia(m)* [cf. l. *sim*, arch. *siem*], *sejas* (por semelhante processo) ← l. pop. *sias*, *seja* ← l. pop. *sia(t)*. *sejâmos* ← l. pop. *siamus*, *sejais* ← *seîaes* ← *seaes* ← *sea(d)es* ← l. pop. *siatis*, *sejam* ← *sian(t)*. — (IMPERATIVO) : *sê*, *sêde* (2).

Imperfeito : — *era* ← l. *era(m)*, *eras* ← l. *eras*, *era* ← l. *era(t)*, etc. 348

Aoristo : — (INFINITO IMPESSOAL [3]) : — *ser* ← l. pop. *essere*. — (INFINITO PESSOAL) : — *ser*, *seres*, *ser*, etc. Formáram-se analògicamente da fórma nominal *ser*. 349

Perfeito : — *fui* ← l. *fui*, *fôste* ← l. *fŭisti*, *foi* ← l. *fŭi(t)* [I, 46], *fômos* ← l. *fŭimus*, *fôstes* ← l. *fŭistis*, *fôram* ← arch. *fôron* ← l. *fŭerun(t)*. 350

Mais-que-perfeito : — (INDICATIVO) : — *fôra* ← l. *fŭera(m)* [I, 46], *fôras* ← l. *fŭeras*, *fôra* ← l. *fŭera(t)*, etc. — (CONJUNCTIVO) : — *fôsse* ← l. *fŭisse(m)* [I, 46], *fôsses* ← l. *fŭisses*, *fôsse* ← l. *fŭisse(t)*, etc. 351

Futuro 2º : — *fôr* ← *fôre* ← l. *fŭeri(m)* [I, 46], *fôres* ← l. *fŭeris*, *fôr* ← *fôre* ← l. *fŭeri(t)*, *fôrmos* ← *fôrĕmos* ← l. *fŭerimus*, *fôrdes* ← *fôrĕdes* ← l. *fŭeritis*, *fôrem* ← *fŭerin(t)*. 352

Gerúndio : — *sendo* (formado analògicamente do inf. *ser*). 353

(1) É semelhantemente deduzida da fórma da 1ª pess. *sémos* ou *sẽmos* a dial. da 2ª *sédes* e *sẽdes*.

(2) A fórma plural *séde*, dial. *sêde*, é deduzida da correspondente pop. e dial. do indicat. *sédes* ou *sẽdes*, com a perda do *-s* final, como nos outros verbos. Ex. gr. : inf. *ver* → ind. *vêdes* → imp. *vêde*; semelhantemente, inf. *ser* → indicat. pop. e dial. *sédes* ou *sẽdes* → inf. *séde* ou *sẽde*. Quanto á fórma sing. *sé*, ella é deduzida analógicamente da plur. *séde*; assim *sé*: *séde* :: *vê*: *vêde*.

(3) Vid. II, 227, e nota à p. 177.

Adjectivo verbal : — *sido* (tambem formado analògicamente). 354

Verbo **poder** (← l. pop. *potére*)

Presente : — (Indicativo) : — *posso* ← l. *possu(m)*, *podes* ← l. *potes* (I, 88), *pode* ← l. *pote(st)*, *podemos* (formado analògicamente), *podeis* ← *podees* ← *pode(d)es* ← l. pop. **potetis* (fórma analógica) ← l. *pote(s)tis*, *podem* (de formação analógica). — (Conjunctivo) : — *possa* ← l. pop. **possia(m)* [l. *possim*, cf. II, 347], *possas* ← l. pop. **possias* (l. *possis*), *possa* ← l. pop. **possia(t)*, etc. 355

Imperfeito : — *podia* ← *potéu̯a* (I, 88 e 32) ← l. pop. *poteba(m)* [I, 97], *podias* ← l. pop. *potebas*, *podia* ← l. pop. *poteba(t)*, etc. 356

Aoristo : — (Infinito impessoal) : — *poder* ← l. pop. *potére*. — (Infinito pessoal) : — *poder* ← l. pop. *potere(m)*, *poderes* ← l. pop. *poteres*, *poder* ← l. pop. *potere(t)*, etc. 357

Perfeito : — *pude* ← *poude* ← l. *potu̯i*, *pudeste* ← *poudeste* ← l. *potuisti*, *poude* ← l. *potui(t)*, *pudemos* ← *poudemos* ← l. pop. *potuímus* ← l. *potuimus*, *pudestes* ← *poudestes* ← l. *potuístis*, *puderam* ← *pouderon* ← l. *potuerun(t)*. 358

Mais-que-perfeito : — (Indicativo) : — *pudéra* ← *poudera* ← l. pop. *potuéra(m)* ← l. *potuĕra(m)*, *puderas* (por semelhante processo) ← l. *potuĕras*, *pudera* ← l. *potuĕra(t)*, etc. — (Conjunctivo) : — *pudesse* ← *poudesse* ← l. *potuisse(m)*, *pudesses* ← l. *potuisses*, *pudesse* ← l. *potuisse(t)*, etc. 359

Futuro 2° : — *puder* ← *poudere* ← l. pop. *potuéri(m)* ← l *potuĕri(m)*, *puderes* (por semelhante processo) ← l. *potuĕris*, *puder* ← l. *potuĕri(t)*, etc. 360

Gerúndio : — *podendo* (de formação analógica). 361

362 **Adjectivo verbal :** — *podido* (tambem de formação analógica).

Verbo **ir** (← l. *ire*, *vadere* e *fu*(*g*)*ere*)

363 As fórmas deste verbo português sam deduzidas de três verbos latinos, completamente differentes, posto que relacionados entre si quanto à significação, pois todos elles significam primordialmente a passagem de um para outro logar, a deslocação, embora em circumstáncias diversas. Quanto às fórmas vindas dos verbos *ire* e *vadere* não ha necessidade de observações prévias; mas a respeito das que têem o seu étymo em fórmas do verbo *fugere*, convém observar o seguinte : — 1º O *g* intervocálico destas fórmas caíu no latim popular, perdendo o verbo *fugere*, nas referidas fórmas syncopadas, a significação de ir perseguido, ou de evitar um perigo, uma ameaça, etc., para conservar apenas a idéa geral e fundamental de *ir*, de se deslocar de um para outro logar, seja em que condições fôr (1); ao lado porém destas fórmas syncopadas, continnáram subsistindo as respectivas fórmas plenas, conservando-a primitiva significação de *fugir*. — 2º A fórmas, em que se deu esta sýncope, e em que se modificou a significação, fôram apenas as do thema do perfeito, que pela queda do *g* ficáram exactamente eguais às correspondentes do verbo *sum*; nestes termos, no estudo prático da flexão verbal portuguêsa, podem considerar-se estas fórmas como tendo sido emprestadas pelo verbo *ser* ao verbo *ir*, o que entretanto não deve admittir-se, quando se faça o estudo histórico da flexão.

364 **Presente :** — (Indicativo) : — *vou* ← *vâu* ← *vao* (cf. II, 286) l. *va*(*d*)*o* (I, 96), *vais* ← *vaes* ← *va*(*d*)*es* ← l. *vadis*, *vai* (por semelhante processo) ← l. *va*(*d*)*i*(*t*), *vamos* ← l. *va*(*di*)*mus* [ou *imos*

(1) Encontram-se em inscripções lapidares, e principalmente em documentos escriptos na edade média, phrases como estas : — *Fuit ad superos — Ad Numidas fuisti — Negotiari illo fui — Ite et percutite eum... Qui, cum fuissent, nec intrare potuissent*, etc. *At, ubi tertio fuerunt, permittente Deo, ingressi sunt.*

← l. *imus*], *ides* ← l. *itis*, *vam* ← l. *va(d)un(t)*. — (CONJUNCTIVO) : — *vá* ← arch. *vaa* ← l. *va(d)a(m)*. *vás* ← *vaas* ← l. *va(d)as*, *vá* ← *vaa* ← l. *va(d)a(t)*, *vamos* ← *vaamos* ← l. *va(d)amus*, *vades* ← *vaades* ← l. *va(d)atis*, *vam* ← *vaam* ← *va(d)an(t)*. — (IMPERATIVO) : — *vai* ← *vae* ← l. *va(d)e*, *ide* ← l. *ite*.

Imperfeito : *ia* ← *iųa* ← l. *i(b)a(m)* [I, 97], *ias* ← l. *i(b)as*, *ia* ← l. *i(b)a(t)*, *íamos* ← l. *i(b)amus*, *ieis* ← *íaes* ← *ia(d)es* ← l. *i(b)atis*, *iam* ← l. *iban(t)*. 365

Aoristo : — (INFINITO IMPESSOAL) : — *ir* ← *ire*. — (INFINITO PESSOAL) : *ir* ← *ire* ← l. *ire(m)*, *ires* ← l. *ires*, *ir* ← *ire* ← l. *ire(t)*, *irmos* ← *ir(ĕ)mos* ← l. *irēmus*, *irdes* ← *ir(ĕ)des* ← l. *irētis*, *irem* ← l. *iren(t)*. 366

Perfeito : — *fui* ← l. pop. *fui* ← l. *fu(g)i* (I, 95), *fôste* ← l. pop. *fuisti* ← l. *fu(g)isti*, *fôi* ← l. pop. *fui(t)* ← l. *fu(g)it*, *fômos* ← l. pop. *fuimus* ← l. *fu(g)imus* ← *fôstes* ← l. pop. *fuistis* ← l. *fu(g)istis*, *fôram* ← *fôron* ← l. pop. *fuerun(t)* ← l. *fu(g)erun(t)*. 367

Mais-que-perfeito : — (INDICATIVO) : — *fôra* ← *fuera(m)* l. *fu(g)eram*, *fôras* ← *fueras* ← l. *fu(g)eras*, *fôra* ← *fuera(t)* ← l. *fu(g)erat*, *fôramos* ← *fueramus* l. *fu(g)eramus*, *fôreis* ← *fôraes* ← *fôra(d)es* ← *fueratis* ← l. *fu(g)eratis*, *fôram* ← *fueran(t)* ← l. *fu(g)erant*. — (CONJUNCTIVO) : — *fôsse* ← *fuisse(m)* ← l. *fu(g)issem*, *fôsses* ← *fuisses* ← l. *fu(g)isses*, *fôsse* ← *fuisse(t)* ← l. *fu(g)isset*, *fôssemos* ← *fuissemus* ← l. *fu(g)issemus*, *fôsseis* ← *fossees* ← *fosse(d)es* ← *fuissetis* ← l. *fu(g)issetis*, *fôssem* ← *fuissen(t)* ← l. *fu(g)issent*. 368

Futuro 2° : — *fôr* ← *fôre* ← *fueri(m)* ← l. *fu(g)eri(m)*, *fôres* ← *fueris* ← l. *fu(g)eris*, *fôr* ← *fueri(t)* ← l. *fu(g)erit*, *fôrmos* ← *fuerimus* ← l. *fu(g)erimus*, *fôrdes* ← *fôrèdes* ← *fueritis* ← l. *fu(g)eritis*, *fôrem* ← *fuerin(t)* ← l. *fu(g)erin(t)*. 369

Gerúndio : — *indo* (formado por analogia). 370

Adjectivo verbal : — *ido* ← l. *itum*. 371

LIVRO III

Syntaxe

CAPITULO I

Considerações gerais

1 **Estado actual dos estudos sôbre syntaxe histórica do português.** — A syntaxe histórica da língua portuguêsa não pode *actualmente* deixar de se reduzir a muito pouco. Aínda não está sufficientemente estudado o português archaico, aínda se não fez com o devido desenvolvimento o trabalho de análise minuciosa sôbre os textos que nos restam, aínda se não accumulâram os materiais indispensaveis para poder levar-se a cabo uma syntaxe histórica reduzida a compéndio, que deve ser uma sýnthese de trabalhos analýticos precedentemente feitos.

As próprias edições críticas dos textos litterários, sôbre que deve fazer-se a anályse, escasseiam entre nós, e poucos sam os documentos da língua portuguêsa anteriores ao século XVI, de que haja uma edição cuidadosamente feita.

O ensino da syntaxe histórica. — Estamos pois quási reduzidos, por enquanto, a ir fazendo a análise grammatical dos textos que possuímos, confrontando as respectivas construcções com as construcções latinas correlativas, e com as portuguêsas modernas, notando as semelhanças e differenças : trabalho prático, que incumbe aos professores, gũiados pelo seu bom tacto pedagógico, apurado na experiéncia do ensino.

Muitos elementos para esta anály̆se syntáctica encontrarám dispersos por toda esta grammática, especialmente pelas três secções da morphologia; alguns vamos agora acrescentar em várias indicações, que mais uteis nos parecem, sem contudo darmos a esta parte o caracter de um tratado systemático de syntaxe, para o qual, repetimos, é ainda muito cêdo.

CAPÍTULO II

Ordem das palavras na phrase

3

No latim pouca importáncia tinha, em geral, a ordem das palavras. — É um ponto fundamental, que distingue do latim as línguas románicas : a ordem por que se dispõem as palavras.

Na língua latina as desinéncias dos casos, geralmente bem distinctas na pronúncia, fixavam e traduziam claramente as relações que entre si ligavam as palavras; qualquer que fôsse o logar que occupassem umas em relação ás outras, ordinàriamente não havia occasião para amphibologias. À parte umas pequenas regras gerais de importáncia muito secundária, e umas particularidades mais ou menos convencionais, a ordem das palavras obedecia ao gôsto do auctor. E, geralmente fallando, fôsse qual fôsse a ordem das palavras, o sentido era sempre o mesmo.

Para exemplificarmos com clareza, apresentemos uma proposição simples, onde se encontrem as relações de sujeito e objecto, que em latim se exprimiam pelas desinéncias do nominativo e do accusativo. Escolhamos uma proposição, na qual se exprima unicamente o sujeito, o predicado, e um complemento directo do predicado, sem nenhum outro determinante, para maior clareza do exemplo. Seja uma proposição latina correspondente á portuguêsa *Deus ama o homem :* o sujeito será expresso pelo nominativo *Deus*, o predicado pelo verbo *diligit*, o objecto sôbre que recai directamente a acção do verbo pelo accusativo *hominem*. Qualquer que seja a ordem por que se disponham estas três palavras, o sentido é sempre claro, óbvio, idéntico :

Deus diligit hominem
Deus hominem diligit
Hominem diligit Deus
Hominem Deus diligit
Diligit Deus hominem
Diligit hominem Deus

Em todas estas disposições da phrase, *Deus*, sendo nominativo, é o sujeito da acção; *hominem*, sendo accusativo, é o sujeito sobre que recai directamente a acção.

Se nós quizermos exprimir o contrário, isto é, que o homem ama a Deus, não precisamos de alterar a ordem das palavras, mas apenas mudar as desinências dos nomes, substituindo o nominativo *Deus* pelo accusativo *Deum*, e a accusativo *hominem* pelo nominativo *homo*.

4 **Importáncia da ordem das palavras nas línguas románicas, nomeadamente no português.** — Nas línguas románicas não succede assim. Não havendo já as desinéncias casuais, não pode dar-se a grande liberdade de transposição do latim. O logar relativo occupado pelas palavras indica geralmente o laço que as liga, e as transposições têem de se restringir muito mais. Ha uma ordem natural da língua, chamada *ordem directa*, da qual não nos podemos afastar, senão nos casos em que não resulte amphibologia ou obscuridade.

Dentro destes limites a língua portuguêsa tem entretanto bastante mais liberdade, do que outras línguas románicas, v. gr. a francêsa. Esta liberdade da nossa língua, posto que restricta, é aínda assim de grande vantagem para dar elegáncia e vigor ao discurso, evitando a monotonia e tornando variada a construcção.

CAPÍTULO III

Emprêgo dos nomes e pronomes

Substantivos e adjectivos. — Comparando o português em todas as suas phases com o latim, notamos que em geral na nossa língua faz-se uso muito mais amplo dos substantivos, e mais restricto dos adjectivos. Em numerosos casos, em vez do adjectivo que se empregaria em latim, usa-se uma períphrase, em que entra o correspondente substantivo. 5

Exemplifiquemos: — Em latim dizia-se *bellum hispanicum* — *populus onimbrigensis;* em português prefere-se dizer *guerra de Espanha* — *povo de Coímbra.*

Para determinar a matéria de que uma cousa é feita raríssimas vezes empregamos o adjectivo, ao contrário do que faziam os latinos. Assim: *vas aureum* traduzimos nós *vaso d'ouro*, e não *vaso aureo*; *mensa marmorea* vertemos *mêsa de mármore*, e não *mêsa marmórea.*

Graus de significação. — Em latim o determinante do comparativo, ou o 2° termo da comparação, geralmente exprimia-se por um ablativo, ou fazia-se preceder de *quam*. — *Sapientia pretiosior est auro* ou *quam aurum.* 6

No português archaico usáram-se duas fórmas de construcção, correspondentes a estas: o substantivo precedido da preposição *de* correspondendo ao ablativo, ou precedido de *que* correspondendo ao *quam*. A primeira destas fórmas desappareceu, encontrando-se aínda hoje vestígios

della no emprego do *de* em vez de *que* com os numerais. A segunda é a commummente usada, e bem assim a fórma em que entra a expressão *do que*, a qual parece resultar da mistura ou fusão das duas;

Ex. : — *Maior espaço de um dia* (ant.). — *António é maior de 21 annos. Estive em tua casa mais de três horas.* — *A virtude tem maior valor que* (ou *do que*) *a riquêza.* — *João é mais intelligente que* (ou *do que*) *José.*

7 A transição da fórma latina *quam* para a portuguêsa moderna *que* fez-se por intermédio da fórma archaica portuguêsa *că* (proclítica). Apparece-nos esta umas vezes como partícula causal, correspondendo a *quare* ou *qua* do latim, outras vezes nas diversas accepções em que na língua latina se empregava *quam*. Depois dos comparativos aínda hoje se encontra em uso a fórma *că* proclítica na linguagem popular, ex., *António tem mais dinheiro ca mim;* — *Sou mais velho ca ti.*

8 No português archaico ordinàriamente confundia-se o comparativo com o superlativo relativo, tratando-se este como se fòsse um simples comparativo. Só mais tarde é que nos apparece o superlativo relativo sempre differenciado pela anteposição do artigo.

Ex. : — *Tenho um desejo mais vivo de todos* (ant.). — *Tu és o melhor dos homens.*

9 **Emprêgo dos pronomes nas fórmulas de tratamento.** — Em latim, quando alguem se dirigia a outrem, empregava sempre a 2ª pessôa do singular, e usava no tratamento o pronome *tu*, qualquer que fôsse a sua categoria social, e embora houvesse grande desegualdade de condição. O tratamento de *tu* não envolvia nenhuma idéa de familiaridade nem de superioridade relativa de quem o empregava.

10 Houve porém tempo, em que as auctoridades mais elevadamente collocadas principiáram a usar nos actos officiais a fórmula *nós queremos*, *nós mandamos*, apesar de ser um só o que queria ou mandava.

Na adopção desta fórmula não houve a intenção da apotheóse, nem sequer o intuito de dar a entender que um só valia por muitos; quem assim fazia tinha apenas o propósito de dar a seus actos, mesmo os mais arbitrários, a apparéncia de um decreto impessoal ou collectivo, como se decretasse em nome de todos e fôsse intérprete da vontade ou conveniéncia da sociedade.

11 A este emprêgo do pronome *nós* por parte de qualquer indivíduo altamente collocado, devia naturalmente corresponder o tratamento de *vós*, dado pelos súbditos; foi o que realmente succedeu, vulgarizando-se esta fórmula de tratamento, primeiro entre os inferiores em relação ao superior, depois entre eguais, e por fim mesmo de superiores para com inferiores. Deste modo se restringiu muitíssimo o uso do *tu*.

No português mais antigo encontramos o pronome *vós* adoptado como fórmula commum de tratamento, ao lado do *tu* que exprimia familiaridade ou superioridade de quem fallava. Era porém muito restricto o uso deste pronome e da respectiva pessôa singular: a cada passo encontramos, nos velhos escriptos portuguêses, os pais a tratarem os filhos por *vós*, e do mesmo modo os superiores de diversas ordens a tratarem os inferiores.

12 Desde que se vulgarizou desta maneira o tratamento de *vós*, principiou a reconhecer-se a conveniéncia de uma outra fórmula de tratamento, que fôsse empregada exclusivamente pelo inferior, quando se dirige ao superior. A

humildade do inferior soube descobrir este meio : abstrahiu da pessôa, a quem se dirigia, uma qualidade nobre ou distincta, personalizou-a, e antepondo o pronome possessivo *vossa* ao nome dessa qualidade, a ella se dirigiu na 3ª pessôa singular, em vez de se dirigir ao próprio indivíduo na segunda singular ou plural.

13 Assim brotáram em grande número as fórmulas de tratamento desta natureza — *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excellência*, *Vossa Eminência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Santidade*, etc.

O tratamento familiar *Vòcê* não passa de abreviatura de *Vossa Mercê*, existindo aínda hoje na linguagem popular várias fórmas de transição : — *Vossa Mercê* → *Vossemecê* → *Vòmecê* → *Võcê* → *Vòcê*.

14 No meio desta alluvião de tratamentos, alguns dos quais remontam a tempos antigos, tornou-se raro, como vimos, o velho tratamento de *tu*, que chegou a ser reservado, como fórmula especialíssima, às allocuções mais respeitosas, como quando nos dirigimos a Deus, aos Santos, às personificações mais sublimes, v. gr., a da Pátria, etc.

Ex. : — *Tu, Senhor, criaste o ceu e a terra attende à humildade das minhas súpplicas.*

CAPITULO IV

Verbos

Verbos transitivos e intransitivos. — Acompanhando a história da língua portuguêsa, notamos que muitos verbos têem mudado da categoria dos transitivos para a dos intransitivos, ou vice-versa. Não é portanto insuperavel, nem mesmo muito difficil de transpôr, a divisão que separa uns dos outros. 15

A passagem de um verbo da classe dos transitivos para a dos intransitivos é facíllima de fazer-se; aínda hoje se empregam a cada passo intransitivamente verbos transitivos. É menos frequente a passagem em sentido contrário, mas tambem se faz, ex., *vivo vida feliz*. 16

Quanto mais remontamos para o português archaico, mais frequentes casos encontramos desta passagem : deparam-se-nos a cada passo acompanhados do complemento directo verbos, que hoje sam sempre intransitivos.

Ex. : — *Ajudáram a morrer* (isto é. *a matar*) *a Francisco Serrão* (LUCENA). — *Que triste morte morreu ho Princepe!* (RESENDE). — *Não morreu morte tam honrada* (Idem). — O verbo *morrer* apparece-nos frequentemente no português archaico empregado como reflexo, o que ainda hoje succede em phrases como estas : — *Morrer-se de médo ; — O José morre-se por laranjas.*

Significação e uso passivo das fórmas reflexas. — No português moderno a cada passo se empregam as fórmas 17

reflexas das 3as pessôas, em vez das respectivas fórmas passivas; algumas vezes empregam-se mesmo, neste sentido, fórmas reflexas das outras pessôas, como nos exemplos: *chamo-me António — chamas-te Francisco* (= *sou chamado António — és chamado Francisco*).

Este uso já se achava admittido no antigo português, mas em muito menor escala. Resultou da necessidade ou conveniéncia de substituír as pesadas ou monótonas fórmas portuguêsas da passiva.

Foi no século XVI que se desenvolveu extraordinàriamente este processo de exprimir a passiva.

Ex.: — *Quaeesquer paguas que se ouverem de fazer* (Orden Affonsinas).

Concordáncia do verbo com o sujeito. — A concordáncia do verbo com o sujeito obedece actualmente a leis muito variadas e complexas, segundo as diversas hypótheses (como pode ver-se na *Grammatica port.* anterior, III, 77-93); isto foi resultado do trabalho evolutivo da língua. 18

No antigo português passava-se tudo muito mais simplesmente. Sendo múltiplo o sujeito, o verbo geralmente concordava com ó mais próximo; sendo um collectivo, quer absoluto quer partitivo, o verbo empregava-se ordinàriamente no plural, concordando com a idêa que era plural e não com o vocábulo que era singular.

Ex.: — *Os ceus, e o mar, e a terra apregôa a gróría de Deos. — Compadecei-vos de toda esta gente, que morrem de fome.*

CAPÍTULO V

Palavras invariaveis

Advérbios. — Nada ha a dizer em especial sôbre a syntaxe histórica desta classe de palavras. Desempenham aínda hoje em português o mesmo papel que em latim. 19

Preposições. — Juntam-se aos nomes como na língua latina. Lá acompanhavam certos e determinados casos; em português juntam-sè aínda muitas vezes aos nomes representando os mesmos casos a que as mesmas preposições se juntariam em latim, e àlém disso em muitas outras circunstáncias, visto serem ellas principalmente que desempenham o papel de indicar o funcção determinante do nome na proposição, substituíndo os casos supprimidos. 20

Vejamos as preposições usadas com mais frequéncia : 21

— *de* (l. *de*) — representa originàriamente um de dois casos : o genitivo ou o ablativo. Depois os seus usos estendêram-se por analogia, assumindo muitas significações derivadas. 22

Ex. : — *Filho de António (filius Antonii). — Venho da Espanha (ex Hispania venio). — Descendente de família nobre (nobili genere natus).*

— *a* (l. *ad*) e *para* (ant. *pĕra* ← l. *per ad*) — representam primordialmente o dativo ou o accusativo. 23

Ex.: — *Dei um livro a António* (*Dedi librum Antonio*). — *Semelhante à virtude* (*similis virtuti*). — *Vim à cidade de Coímbra* (*veni ad oppidum Conimbrigam*). — *Para muitos é formosa* (*formosa multis*). — *Retirou-se para casa* (*domum se abdidit*). — *Vêem para admirar* (*spectatum veniunt*).

24 — *em* (l. *in*) — corresponde originàriamente a ablativo ou accusativo.

Ex.: — *Estou na cidade* (*sum in urbe*). — *Em poucos dias morre Francisco* (*in diebus paucis moritur Franciscus*). — *A amizade converte-se em ódio* (*in odium transmutatur amicitia*).

25 — *pro* (l. *per* e *pro*) — primordialmente corresponde a accusativo ou ablativo.

Ex.: — *Passeiam por toda Lisboa* (*per totam Ulysiponem obambulant*). — *Viveu por* (*espaço de*) *trinta annos* (*vixit per triginta annos*). — *Obedecer por médo* (*obedire propter metum*). — *Morrer pela patria* (*pro patria mori*). — *Comprei por baixo preço* (*emi parvo pretio*). — *Pelo estudo augmenta-se o saber* (*studio scientia augetur*). — *O mundo foi creado por Deus* (*mundus creatus est a Deus*).

26 — *com* (l. *cum*) — corresponde a ablativo.

Ex.: — *Vi Antonio com seu irmão* (*Antonium cum fratre suo vidi*). — *Degolar com uma espada* (*gladio jugulare*).

27 Conjuncções. — Na passagem do latim para o português em nada se alterou a funcção das conjuncções, que continuam a representar os papeis de coordenativas ou de subordinativas. Algumas mudáram de significação, outras perdêram-se, outras formáram-se de nôvo; mas a funcção syntáctica geral, exercida pelas de um e pelas de outro grupo, subsistiu através dos séeulos, que já conta nossa língua, desde o latim até à actualidade.

ÍNDICE

Introducção

A). — Origens e história da língua portuguêsa

I. — Origens

II. — O português

B). — Grammática histórica

Livro I

PHONÉTICA

Capítulo I
Evolução dos phonemas

Capítulo II
História das vogais

A). — Vogais; sua quantidade e accento

B). — Vogais tónicas

D). — Grupos consonánticos

Livro II

MORPHOLOGIA

SECÇÃO I

LEXIOLOGIA

Capítulo I

Léxico português

A). — Origens do léxico português

B). — Mobilidade do léxico

C). — Eliminação ou morte das palavras

Capítulo II
Etymologia

A). — Princípios gerais de etymologia

B).— Particularidades etymológicas do português

I. — Nomes

II. — Pronomes

III. — Verbos

IV. — Palavras inflexivas

Appéndice á lexiologia

SECÇÃO II

THÈMATOLOGIA

Capítulo I

Importação de palavras

Capítulo II

derivação

A). — Derivação popular

I. — Derivação imprópria

II. — Derivação própria

B). — Derivação erudita

Capítulo III

COMPOSIÇÃO

A). — Composição popular

I. — Composição por prefixos

II. — Composição pròpriamente dita

B). — Composição erudita

I. — Composição latina

II. — Composição grega

SECÇÃO III

CAMPTOLOGIA

Capítulo I

NOMES

A). — Número

B). — Género

C). — Declinação

D). — Graus de qualidade

Capítulo II
PRONOMES

A). — Fórmas neutras

B). — Declinação

Capítulo III
VERBOS

A). — Vozes

B). — Tempos e modos

C). — Pessôas e números

D). — Conjugação latina e portuguêsa

I. — Verbos regulares

II. — Verbos irregulares

Livro III

SYNTAXE

Capítulo I

Considerações gerais

Capítulo II

Ordem das palavras na phrase

Capítulo III

Emprêgo dos nomes e pronomes

Capítulo IV
Verbos

Capítulo V
Palavras inflexivas